

O Fio da Meada

Tradução comentada de *A Good Yarn*

de **Debbie Macomber**

Dissertação de Mestrado

Maria João Botelho

Mestrado em

Tradução e Assessoria Linguística



O Fio da Meada

**Tradução comentada de *A Good Yarn*
de Debbie Macomber**

Dissertação de Mestrado

Maria João Botelho

Orientadora

Professora Doutora Dominique Faria

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em, Tradução e Assessoria Linguística



Índice

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract.....	7
Introdução	8
Capítulo I.....	14
Os Estudos de Tradução e a tradução literária	14
Capítulo II.....	24
A tradução de bestsellers	24
Capítulo III	30
A autora, a obra e suas traduções em Portugal	30
Capítulo IV	37
Tradução de <i>A Good Yarn</i>	37
As Meias do Peter.....	37
Capítulo 1 - <i>Lydia Hoffman</i>	41
Capítulo 2 - <i>Elise Beaumont</i>	50
Capítulo 3 - <i>Bethanne Hamlin</i>	57
Capítulo 4 - <i>Courtney Pulanski</i>	66
Capítulo 5 - <i>Lydia Hoffman</i>	72
Capítulo 6 - <i>Elise Beaumont</i>	80
Capítulo 7 - <i>Lydia Hoffman</i>	86
Capítulo 8 - <i>Bethanne Hamlin</i>	91
Capítulo V	97
Comentário da tradução.....	97
1. Nomes próprios	97

2.	Expressões idiomáticas e expressões fixas.....	98
3.	Linguagem metafórica.....	105
4.	Referências culturais	106
5.	Linguagem técnica - Tricô	108
	Conclusão	118
	Referências bibliográficas	122

Agradecimentos

Este trabalho é o corolário de uma caminhada muito enriquecedora e estimulante, mas, por vezes, com períodos de cansaço, angústia e desânimo. Ao longo destes dois anos sem o apoio e motivação de algumas pessoas talvez não tivesse sido possível chegar a este momento.

Assim, gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha orientadora, Professora Doutora Dominique Faria, pessoa de trato irrepreensível que combina conhecimentos e competência com delicadeza e cortesia de uma forma que a constitui como um ser humano especial. A sua capacidade de motivação e inspiração, desde o primeiro momento, na primeira aula, bem como as suas palavras de incentivo aliadas ao seu sentido crítico foram a base para a concretização deste trabalho.

Gostaria, também, de agradecer às minhas colegas de turma pelo apoio ao longo do mestrado. O espírito de equipa e entreadajuda que se formou entre nós foi imprescindível. Às minhas colegas de trabalho Conceição, Paula e Lucrecia agradeço o incentivo e encorajamento.

Agradeço às minhas primas Helena, Susana e Sofia, as irmãs e sobrinha que a vida se encarregou de me presentear, as palavras de estímulo e ânimo. Obrigada por acreditarem em mim quando, às vezes, eu própria duvidei.

Ao Octávio e ao José Manuel Baião, pela diligência e disponibilidade com que se dispuseram ler este trabalho e cujos contributos o vieram indubitavelmente enriquecer, muito obrigada.

Um agradecimento muito especial ao meu marido, Miguel, pela paciência e compreensão. Aos faróis da minha vida, Constança e Mateus, só é impossível o que não nos propomos fazer. A vida é, seguramente, mais bela e rica porque vocês existem.

Resumo

A presente dissertação de mestrado apresenta uma tradução parcial comentada de *A Good Yarn*, da autoria de Debbie Macomber, do inglês para o português europeu. O principal objetivo deste trabalho consistiu em identificar os desafios e as dificuldades que surgiram no decurso do processo de tradução, bem como apresentar as estratégias utilizadas para os ultrapassar. Esta obra apresenta duas componentes que tivemos de ter em conta e que constituíram o princípio orientador para a tomada de decisões: o facto de a obra ser um best-seller e o facto de ser um texto híbrido, que combina a vertente literária com uma componente técnica. Iniciamos a dissertação com a fundamentação teórica que sustentou a tomada de decisões face a situações complexas, bem como a caracterização da obra e do seu contexto de produção, refletindo sobre as especificidades que a sua tradução envolve. Foram selecionados e comentados, fundamentados em pressupostos teóricos, alguns casos de tradução, organizados em cinco categorias: nomes de personagens, expressões idiomáticas e fixas, linguagem metafórica, referências culturais e linguagem técnica, relativa ao tricô.

Palavras-chave: Tradução literária; tradução técnica; Debbie Macomber; best-seller; tricô.

Abstract

This Master's dissertation presents a commented translation of a part of *A Good Yarn*, by Debbie Macomber, from English into European Portuguese. The main purpose of this work was to identify the challenges and difficulties that arose during the translation process and to present the strategies used to surmount them. This novel presents two components that we had to consider and that represented the guiding principles for decision making: the fact that the book is a best-seller and the fact that it is a hybrid text, combining a literary and a technical component. We initiated the dissertation with the theoretical foundation that supported the decision-making process when facing complex situations as well as the characterization of the work and its production context, reflecting on the specificities that its translation involves. Some cases of translation were selected and commented, based on theoretical assumptions, and organized into five categories: character names, idioms and fixed expressions, metaphorical language, cultural references, and technical language, related to knitting.

Keywords: Literary translation; technical translation; Debbie Macomber; best-seller; knitting.

Introdução

Franco Buffoni defende a ideia da universalidade da literatura, sublinhando o quão redutor seria para a humanidade se os leitores vissem restringido o seu acesso a obras literárias apenas na sua língua natural:

Seria não natural se à literatura de um povo pudessem ter acesso só os que falam a mesma língua, se a sua acção tivesse de parar nas suas fronteiras. Cada obra de arte autêntica tem um significado humano universal; possui dentro de si a tendência para se pôr em contacto com a humanidade inteira. A música, a pintura, a escultura de certeza conseguem fazer isso. Uma melodia, uma estátua, um quadro não precisam de intermediário algum. Mas o ouvido e a vista ficam impotentes perante a língua estrangeira, não obstante um verso possa ter um seu som absoluto. Aqui deve entrar em acção o tradutor como segundo autor. (Buffoni, 2005: 10)

A arte e a literatura, enquanto formas de expressão e de cultura, não devem ter limites, sejam estes territoriais, culturais ou idiomáticos. E é no campo das diferenças idiomáticas que a tradução se institui como veículo de transporte, mas também como edificadora de “pontes entre culturas estrangeiras, diferentes e distantes, entre os próprios povos” (de Cusatis, 2008: 13).

Uma obra literária circunscrever-se-ia aos leitores da língua natural em que foi escrita se não fosse traduzida. A tradução permite que obras escritas originalmente numa língua específica possam ser lidas e decodificadas por outros leitores de outras línguas. A difusão de uma obra em diferentes línguas proporciona uma disseminação não apenas de textos, mas de tudo o que estes textos comportam como a cultura de um determinado povo, a ideologia, o património e as vivências. Podemos, pois, afirmar que uma obra traduzida transporta para o país destinatário todo um universo de manifestações culturais do país de origem, abrindo horizontes e tornando possível o conhecimento e

reconhecimento da novidade, do que é diferente, do Outro. Ademais, a literatura traduzida permite complementar e enriquecer o sistema literário do país recetor, permanecendo esta ideia como uma das premissas da teoria dos polissistemas desenvolvida por Itamar Even-Zohar. Podemos afirmar que a literatura traduzida tem algum peso no polissistema literário português – segundo dados da PORDATA, em 2021 existiam em Portugal 2879 títulos traduzidos catalogados num total de 10857, o que representa cerca de 26,5% do total¹ –, o que contribui para enriquecer o património e as visões do mundo dos leitores portugueses.

Nos anos 70 do século XX, o israelita Even-Zohar, baseando-se na teoria dos formalistas russos, introduziu o conceito de polissistema, ou seja, a ideia de que um sistema literário não é uno, mas composto por um conjunto de sistemas que dele fazem parte e que o complementam, um polissistema, portanto. A literatura traduzida, a par dos vários géneros literários, constitui um sistema dentro do polissistema, “a heterogeneous, hierarchized conglomerate (or system) of systems which interact to bring about an ongoing, dynamic process of evolution within the polysystem as a whole” (Baker, 2001: 176). Mona Baker advoga que estes sistemas disputam entre si uma posição de domínio dentro do polissistema, fazendo com que este não seja estático, pelo contrário, estando em constante dinâmica. No polissistema, todo o tipo de literatura tem o seu espaço e não apenas as consideradas obras-primas. Trata-se porém, de um sistema hierarquizado. Assim, um determinado sistema tanto pode ocupar uma posição de domínio – central – como uma posição secundária – periférica. A literatura que ocupa a posição central, por norma, é uma literatura inovadora, considerada importante, com notoriedade. Contudo, com o tempo, tende a tornar-se conservadora e inflexível adversa a “newer, emerging literary ideas” (Baker, 2001: 177), acabando por sair do centro do polissistema para ocupar uma posição secundária.

A literatura traduzida, por transportar consigo o peso da forma de escrita, das especificidades da língua, da organização sociocultural e dos sistemas culturais e patrimoniais de partida, acaba por exercer influência, nem sempre desejada, na cultura de chegada. A possibilidade de interferência da tradução na cultura de chegada ao introduzir novas ideias e conceitos diferentes pode provocar perturbação e esta perspetiva acaba por

¹ Informação retirada de <https://www.pordata.pt/portugal/titulos+em+lingua+portuguesa+total++originais+e+traduzidos-986-7855>, consultado em 09/10/2022.

determinar os textos que são traduzidos, ou seja, é o próprio polissistema que determina quais os autores que penetram no sistema e os que dele ficam excluídos. A poética dominante determina a seleção de textos a traduzir, o que tem como consequência a marginalização ou uma posição periférica da literatura traduzida, havendo, segundo Even-Zohar, três cenários onde a literatura traduzida pode ocupar uma “posição central”: quando “a 'young' literature in the process of being established has not yet been crystallized”; “when the original literature of that system is 'peripheral' or ' weak'”; ou ainda “at moments of crisis (...) when older, established models cease to be tenable” (Baker, 2001: 177-178).

Não obstante, por incluir todo o tipo de literatura, a teoria dos polissistema de Itamar Even-Zohar revelou-se como uma “new, non-elitist, non-prescriptive approach which this rejection of value judgments has made possible has had far-reaching consequences for the field of translation studies” (Baker, 2001: 177). A abertura despreziosa aos vários géneros literários, associada à aproximação aos estudos culturais, alimentou uma multidisciplinaridade, que deu origem a uma “cultural influence of translation in receptor-language region, treating translation as independent literature but not the mere copy of original texts” (Yan & Huang, 2014: 490).

Com a chamada viragem cultural, o tradutor aparece como elemento participante, abandonando a imagem a ele associada no passado de figura secundária, destituída de poder, subalterna relativamente ao autor, nas palavras de Tobias Döring como um “get-between” em vez de “go-between” (Ribeiro, 2005: 84). O tradutor deixa de ser visto como um intermediário, para passar a ser considerado um intromissor, intrometido, o que leva ao surgimento de um terceiro espaço. No processo de tradução, à partida, existem duas instâncias, o autor e o tradutor. Ambos configuram dois tipos de texto: um texto de partida e um texto de chegada. Mas importa validar a existência de uma terceira voz que também se exprime. Referimo-nos ao tradutor com as suas memórias, nomeadamente as culturais, e com a sua grelha de referências. Esta terceira voz, muitas vezes invisível, não é totalmente perceptível por pertencer ao inconsciente linguístico, literário e cultural, mas na realidade está presente.

[T]he future position of translators is as difficult to define as the term translation itself.

But the future role of translators is less open to question. They must be seen as key figures in promoting better understanding among

peoples and nations. They must not be regarded as anonymous. They are responsible for all definitive, therefore written, bilingual and interlingual communications. They have authority to mediate between parties, and they have their own responsibility to moral as well as factual truth. They are invisible only when a communication is clear and leaves nothing to question. In other cases, where there is doubt or cultural bias (...) they should write a separate preface, explaining how they have treated the work, how they have interpreted any controversial key-terms, and, when appropriate, where and why their translation differs from previous ones – a translated novel without a translator’s preface ought to be a thing of the past, and therefore the preface as well as the work should draw the reviewer’s attention. (Newmark 1989: 24-25)

Newmark, à semelhança de Lawrence Venuti, defende a visibilidade do tradutor como forma de respeito não só ao autor e ao texto de partida, mas sobretudo à cultura de partida, tendo em consideração a dimensão ética do seu trabalho, uma vez que é responsável pela relação entre povos e entre línguas. Venuti defende que a aproximação do texto de chegada à cultura de chegada, tornando-o fluente e reconhecível é uma forma de domesticação por apagar os traços da cultura de partida, mas também uma forma de desrespeito e desvalorização para com o tradutor, relegando-o para uma posição indigna de invisibilidade. A abordagem cultural de Venuti perspetiva o reconhecimento das culturas minoritárias, dando-lhes visibilidade ao manter no texto de chegada termos particulares da cultura de partida, ou seja, levando ao leitor de chegada um texto no qual este reconheça “the intrusive value of original texts” (Yan & Huang, 2014: 493).

Todavia, a perspetiva de Venuti esgota-se na hegemonia da cultura anglo-saxónica que tende a apagar o diferente através da manipulação dos textos traduzidos. Nos anos 90 do séc. XX, Susan Bassnett e André Lefevere destacavam o facto de os textos traduzidos poderem ser “manipulados” a fim de “transferring or even constructing certain cultural capital of a given culture into the target language culture systems” (Zhang, 2013: 1921). Capital cultural, como definiu Pierre Bourdieu, é o que confere a uma determinada sociedade, cultura ou indivíduo importância e notoriedade, atribuindo-lhe os meios para se tornarem “aceitáveis” e reconhecidos entre os pares. Sendo um texto considerado como “part of the cultural capital of a given culture” (Zhang, 2013: 1921), a tradução deste texto vai contribuir, por sua vez, para aumentar o “capital cultural” da cultura de chegada.

Lefevere refere que o controlo do “capital cultural” se subordina às “audiências”, à “patronagem” e à autoridade que as “source and target cultures and their languages” (Bassnett and Lefevere, 1998: 44) detêm.

As audiências são, precisamente, um dos principais critérios para a seleção de textos passíveis de serem traduzidos:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus directores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (Adorno & Horkheimer, 1969: 57)

Na contemporaneidade, com a evolução e o crescimento da indústria cultural, procura-se a uniformização para ir ao encontro da cultura de massas, tendo como objetivo obter lucro através da conquista das audiências. Tudo é considerado arte e esta é remetida para a “esfera do consumo”, transforma-se em “mercadoria” (Adorno & Horkheimer, 1969: 63-64), entretenimento. A sociedade começou a procurar no entretenimento um meio de evasão, mas também uma forma de identificação pela uniformização. É neste sentido que os textos traduzidos, não diretamente pela manipulação dos textos, mas pela uniformização da linguagem, têm convergido com os interesses do público leitor e convertido textos, que o cânone desconsidera e despreza, em recordistas de vendas: best-sellers.

O best-seller, a “literatura de massa” (Silva, 2006: 9) por excelência, define-se por ser um texto que se subordina às diretrizes do que o público pretende, mantendo-se tendencialmente simples e fluido, conduzindo o leitor por um mundo que conhece, levando-o a identificar-se com as personagens, com a ação, bem como com as temáticas e problemáticas abordadas. O best-seller destina-se a um público heterogéneo e, assim, caracteriza-se por usar uma linguagem uniformizada. Porque o leitor de um best-seller busca um momento de lazer, a tradução evidencia o que o leitor conhece e, deste modo,

o texto de chegada aproxima o leitor a uma realidade que ele conhece, dando primazia a uma tradução domesticante, contraposta à teoria de Venuti. O público-alvo de um best-seller, por regra, lê um texto que lhe parece não uma tradução, mas um texto produzido na sua língua de chegada, sendo esta outra das características do best-seller, a anulação da figura do tradutor.

Esta dissertação pretende apresentar a tradução comentada dos primeiros oito capítulos e uma parte inicial de um best-seller – *A Good Yarn* – da autora norte-americana Debbie Macomber, do inglês para o português. A tradução, cerca de 60 páginas, representa cerca de 23% do livro. Os capítulos selecionados são considerados suficientes para o propósito desta dissertação, uma vez que são apresentadas todas as personagens e a estrutura do livro torna-se perceptível, assim como as temáticas abordadas.

A escolha desta obra deve-se, em primeiro lugar, ao facto de o livro não existir em Portugal traduzido em português europeu. Em segundo lugar, prende-se com uma das temáticas abordadas, o tricô, que acarreta a inclusão de um tipo de linguagem específica e, por conseguinte, exige a adoção de técnicas de tradução específica – a tradução técnica. Por fim, a escolha deve-se a uma preferência pessoal. *A Good Yarn* é o segundo livro de uma série denominada *Blossom Street*, sendo que o primeiro – *A Pequena Loja em Blossom Street* – foi lido há uns anos, tendo-se sempre considerado uma lacuna a não existência em português europeu da continuidade da série.

Macomber é uma escritora consideravelmente conhecida no mercado dos Estados Unidos da América e um pouco por todo o mundo. Não obstante, em Portugal a autora é praticamente uma desconhecida. O presente trabalho pretende ser uma contribuição modesta para contrariar esta situação.

Capítulo I

Os Estudos de Tradução e a tradução literária

Neste capítulo expomos alguns dos conceitos teóricos referidos ao longo desta dissertação. Sendo uma obra originária do sistema literário norte-americano, a primeira abordagem para compreender o enquadramento desta no sistema literário é a teoria desenvolvida, nos anos 70 do século XX, por Itamar Even-Zohar a partir da noção de sistema dos Formalistas Russos, a teoria dos polissistemas.

Sistema foi a designação que Tynyanov utilizou para caracterizar “a multilayered structure of elements that relate to and interact with each other.” (Baker & Saldanha, 2020: 419) Para Even-Zohar, a literatura não pode ser considerada um sistema único, mas um conjunto de sistemas – como os vários géneros literários, a literatura infantil, a literatura técnico-científica, a literatura religiosa, ou ainda a literatura traduzida – que se relacionam e interagem entre si.

Even-Zohar considerava que a literatura traduzida era um sistema per si uma vez que a escolha das obras a traduzir não é feita de forma natural, livre e descriteriosa, mas obedece a uma agenda que é não só política, como social e cultural, bem como a um conjunto de regras, procedimentos e princípios a que a tradução deve submeter-se e que, por sua vez, são influenciados por outros sistemas com os quais se relaciona. A literatura é, neste contexto, “a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options” (Even-Zohar, 2005: 3). Estes sistemas, dentro do polissistema, não são estáticos, tanto podem ocupar uma posição “primária” como “secundária”.

A dinâmica do polissistema permite a alternância entre sistemas consoante a relevância que cada sistema tem num determinado período ou fase do polissistema. Segundo Even-Zohar (2000: 195), um sistema pode ocupar a posição central se assumir a função de modelador do centro do polissistema, contribuindo para modificá-lo, revolucioná-lo e desenvolvê-lo ou pode ocupar uma posição secundária, obedecendo às regras existentes, tornando-se “a major factor of conservatism”.

Tendo o polissistema uma natureza dinâmica, as posições ocupadas por determinados sistemas podem alterar-se. A literatura traduzida, como sistema dentro do

sistema literário, tanto pode ocupar uma posição “central” como “periférica”, sendo que a posição central é ocupada quando se verificam três situações:

(a) when a polysystem has not yet been crystallized, that is to say, when a literature is “young,” in the process of being established; (b) when a literature is either “peripheral” (within a large group of correlated literatures) or “weak,” or both; and (c) when there are turning points, crises, or literary vacuums in a literature. (Even-Zohar, 2000:193-194)

Itamar Even-Zohar defende que a literatura traduzida pode ocupar o centro do polissistema em função de três variáveis: quando a literatura da cultura de chegada se apresenta como uma literatura “nova” ou pouco consolidada; ou quando a literatura de chegada ocupa uma posição secundária ou “fraca”; ou até mesmo quando há lacunas no polissistema literário de chegada. Todavia, defende também que a posição mais frequente da literatura traduzida é a “periférica” assumindo-se, neste caso, como um “elemento conservador, preservando formas convencionais e submetendo-se às normas literárias do sistema de chegada” (Munday, 2014: 182). Esta abordagem de Even-Zohar é considerada “descritiva”, porque se centra na tradução literária e na forma como essa tradução lida com “os sistemas literários” (Stervid, 2020: 3) da cultura de chegada e com todas as regras e práticas a eles inerentes. É uma abordagem que se concentra no “texto de partida” e na tradução propriamente dita.

A partir dos anos 90 do século passado, Susan Bassnett e Andre Lefevere “formally put forward the idea of culture turn” (Yan & Huang, 2014: 488). Os estudos de tradução até então associados aos estudos linguísticos passam a integrar os estudos culturais, passando a ser considerados como uma interdisciplina. Os estudos culturais rejeitam constituir-se como uma disciplina, porque buscam metodologias de trabalho noutras disciplinas de campos diversificados como, por exemplo, a literatura, a economia, a psicologia, a psicanálise ou a política. Nesta perspetiva, os estudos culturais encaram a cultura como um território para o qual convergem linguagens diferentes, explorando essas diversas linguagens.

Assim, os estudos culturais alargam a área de estudo de modo a agregar um conjunto de objetos simbólicos até então considerados indignos pela alta cultura, como objetos simbólicos populares destinados às massas, entre eles o best-seller, e ainda procuram dar visibilidade a identidades periféricas como as mulheres, os povos

colonizados, as minorias de género, as minorias étnicas, ou seja, os grupos marginalizados, que não têm a plenitude dos seus direitos básicos garantidos, e as identidades periféricas consideradas desviantes relativamente ao padrão de excelência na cultura tradicional e que são legitimadas, representadas e estudadas pelos estudos culturais. É neste contexto que a figura do tradutor assume uma nova autoridade, deixa de ser uma figura periférica como o foi no passado, destituída de poder e subalterna relativamente ao autor para assumir um papel essencial.

Yan & Huang (2014) evidenciam o facto de o texto de chegada dever passar a ser o foco do tradutor, sendo que a tradução deve ter em conta a cultura de chegada:

[I]n cultural approach culture becomes the main translational unit. It emphasizes the important role that culture played in translation, and treats translation as micrographic cultural shift with the studying focus shifting from the source text to translated text, from the author to the translator and the source culture to the receptor culture. (Yan & Huang, 2014: 491)

Com o “cultural turn”, o texto de chegada deixa de ser a transposição de uma obra numa determinada língua para outra, passando a ter uma “função”, a exercer um determinado “papel” na cultura de chegada. A tradução passa a ter uma postura cultural e uma responsabilidade “política”, encarando o tradutor como uma figura participativa no processo de tradução, contrariando a argumentação, até então existente, de que no texto de chegada não deveria haver indícios do tradutor e indo ao encontro da ideia de que o tradutor deveria ser “visível”, como denunciado por Lawrence Venuti. A importância dada à cultura de chegada abriu espaço à integração de perspetivas não eurocêtricas e voltadas para povos e identidades periféricas, pela afirmação de identidades não hegemónicas. Contudo, esta abertura e consequente consolidação de identidades acaba por servir uma causa “ideológica” e “política. Como afirma Munday (2014), os estudos culturais intervieram nos estudos de tradução em três âmbitos: na “tradução como reescrita”, na “tradução de género” e na tradução pós-colonialista.

A tradução como reescrita adapta o texto de partida para obedecer não só a uma agenda como para cumprir as normas da cultura de chegada e essa reescrita inicia-se com a escolha dos textos a traduzir, sendo que os mesmos não são escolhidos de forma livre, mas influenciadas pelos membros constituintes do “sistema literário, que determinam, em

parte, a poética” e pelos elementos que não fazendo parte do “sistema literário” o sustentam, a “patronagem” (Munday, 2014: 208). Os patronos controlam o “sistema literário” quer em termos ideológicos, quer em termos económicos e definem hierarquias de poder por meio da instituição de estatutos. Neste processo,

translations, rather than being a secondary and derivative genre, were instead one of the primary literary tools that larger social institutions educational – systems, arts councils, publishing firms, and even governments – had at their disposal to 'manipulate' a given society in order to 'construct' the kind of 'culture' desired. (Bassnett & Lefevre, 1998: x)

Como afirmam Bassnett & Lefevre, os textos de chegada passam a exercer um papel fundamental na sociedade, direcionando ou mesmo impondo determinadas características culturais, ideológicas e políticas e o tradutor passa a ser um arquiteto desta “construção”, que pressupõe a inter-relação entre culturas e línguas diferentes. A tradução como uma potência construtora decorre do poder e da capacidade de o tradutor “rewrite the source text” (Zhang, 2013: 1920). A tradução como reescrita deu, também, oportunidade a que alguns textos fossem apresentados como traduções quando, na realidade, foram escritos pelos próprios escritores/tradutores. Este tipo de texto, que Toury denominou de “pseudo-tradução”, surgiu da necessidade de, em determinadas culturas, contornar condicionantes e limitações que impossibilitam a escrita de determinados assuntos ou utilização de determinadas “formas poéticas”.

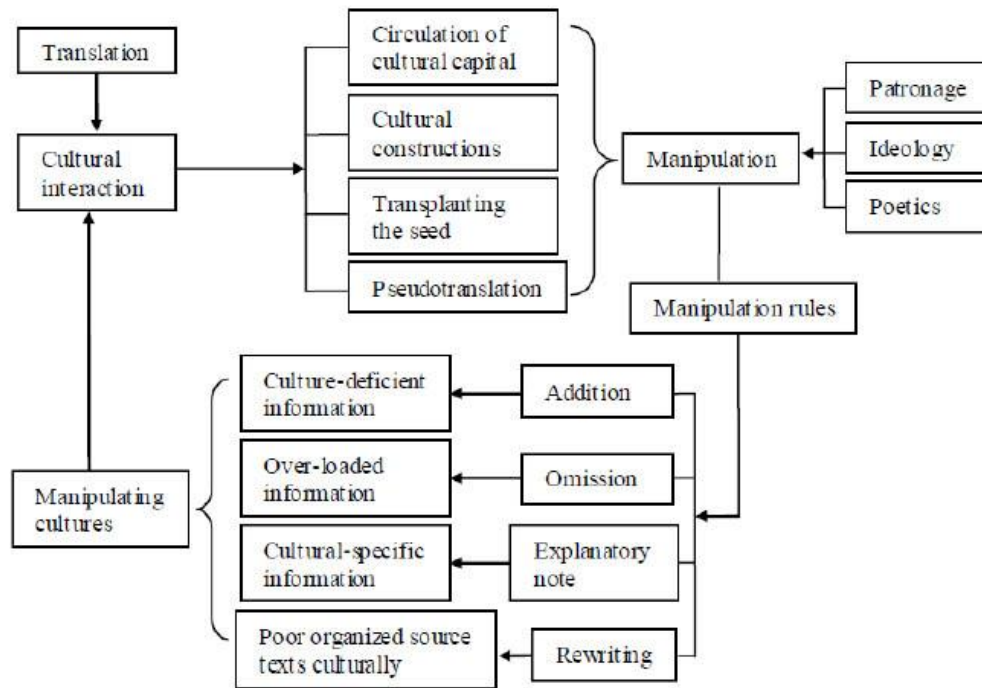
Também as contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu incluem alguns conceitos essenciais a que recorreremos para melhor apreender estas questões, nomeadamente, a noção de capital simbólico. Bourdieu (1986: 241) afirma que “[c]apital is accumulated labor (in its materialized form or its “incorporated,” embodied form)” e a forma como este se organiza e “distribui” reflete a organização peculiar de cada sociedade. O capital, segundo a visão do autor, pode assumir as dimensões económica, cultural e social e pode assumir, ainda, a forma de capital simbólico. Todavia, a aquisição de capital não é instantânea, é uma evolução cronológica e histórica. Capital cultural, segundo a alusão de Lefevre (1998) à conceção de Bourdieu, é o que contribui para a afirmação de algo ou alguém numa determinada sociedade, independentemente da posição que ocupe na organização social, sendo que este capital pode ser “transmitted,

distributed, and regulated by means of translation (...) not only between cultures, but also within one given culture.” (Bassnett & Lefevere, 1998: 41). Capital simbólico, por sua vez, pode ser

economic or political capital that is disavowed, misrecognized and thereby recognized, hence legitimate, a ‘credit’ which, under certain conditions, and always in the long run, guarantees ‘economic’ profits. (Bourdieu, 1993: 75)

Bourdieu refere que capital simbólico é um capital alcançado por influência, por notabilidade, ou seja, por ter atingido o estatuto de “autoridade”, que pode ser convertido em “lucro” no mercado económico. O capital simbólico pertence, como afirma Bourdieu (1993: 164), ao “universo do culto”. Para o sociólogo (Bourdieu, 1993: 162), a conceção de autor está intimamente ligada a uma “organização coletiva” inerente à formação de um “campo literário autónomo”, dissociado do “campo económico”, relativamente aos campos político e social e dispõe de “leis próprias” e de relações de força específicas (Bourdieu, 1993: 163).

Por conseguinte, poder-se-á afirmar que com a viragem cultural abriu-se a possibilidade de atribuir maior capital simbólico a produtos culturais que até então eram considerados secundários, como o best-seller. A chamada viragem cultural dos estudos de tradução e, de forma mais concreta e sistematizada, a teoria dos polissistemas, permitem valorizar obras que pertencem ao “campo de produção em larga escala” (Bourdieu, 1993: 115), onde se insere o best-seller, cujo objetivo é alcançar o maior mercado possível, dominado pelas “leis da competição” (Bourdieu, 1993: 115), uma tendência que contradiz a tradição que procurava valorizar apenas as obras pertencentes ao “campo de produção restrita”, associadas à alta cultura.



Quadro n.º1 (Zhang, 2013: 1921).

No quadro 1, Baicheng Zhang demonstra como a tradução, como ação comunicativa, permite a interculturalidade bem como a “interação” das línguas. Todavia, de forma a que os textos sejam aceites e assimilados pelos leitores da cultura de chegada, estes devem ser objeto da “manipulação” criativa do tradutor que não apenas os transpõe de uma língua para outra, mas lhes atribui uma carga informativa culturalmente “orientada” e uma “função”. Esta “criatividade” do tradutor seria uma forma de este deixar a sua marca no texto traduzido. No entanto, como afirma Venuti, a tendência de tradução dos textos na cultura “Anglo-Americana” é a de omitir a existência do tradutor. Venuti refere que a “invisibilidade” do tradutor é determinada por dois fatores: pela tendência tradutória, que apresenta textos de chegada que permitem uma leitura “fluente”; pelo modo como os textos de chegada são “lidos na cultura de chegada” (Munday, 2014: 233). Para Venuti, esta forma de traduzir reduz as traduções a textos de qualidade menor por uma excessiva submissão ao autor, propondo traduções por “estranhamento”, contrapostos à tendência domesticante.

Os conceitos de “domesticação” e “estranhamento” referidos por Venuti têm por base os “métodos de tradução” defendidos pelo filósofo e teólogo alemão Friedrich Schleiermacher, no século XIX. Para Schleiermacher havia apenas duas formas de tradução: levar o leitor até ao texto de partida, deixando “the author in peace”; ou levar o

texto de partida até ao leitor, deixando “the reader in peace” (Venuti, 1995: 19-20). Um texto traduzido por “domesticação” pressupõe uma leitura fácil e clara. Segundo Venuti, a tendência domesticante transforma o texto de chegada em algo familiar, eliminando qualquer diferença estrangeira, ou seja, apaga a presença do tradutor, por um lado, e apresenta ao leitor da cultura de chegada um texto não com os valores e referências estrangeiros, mas que reproduz os valores sociais, políticos e ideológicos da cultura onde está inserido, “an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values” (Venuti, 1995: 20). A “domesticação” de valores eleva o texto a uma categoria passível de ser aceite pela elite cultural e a um reconhecimento pelo cânone literário. Por oposição, o “estranhamento” pretende levar a cultura de partida à cultura de chegada, deixando o leitor ter contacto com formas poéticas, “narrativas”, valores e línguas diferentes.

A tradução por “estranhamento” pressupõe que o texto de chegada provoque uma tomada de consciência das diferenças “culturais e linguísticas” na cultura de partida (Munday, 2014: 235). Esta tendência de tradução é, segundo Venuti, considerada secundária ou menor, porque trabalha textos considerados marginais pela elite cultural e pelo cânone literário e adota estratégias de tradução que se desviam das normas da cultura de chegada. O fim é guiar o leitor ao longo de uma “experiência” diferente e estranha onde tem contacto com diferentes tipos de discurso e pleno conhecimento de estar a ler uma obra estrangeira com traços de uma cultura e língua diferentes. Todavia, o “estranhamento”, ao adotar uma estratégia de tradução desviante da norma, pode tornar-se incompreensível e indecifrável para o público-alvo, pois “[f]oreignizing translation signifies the difference of the foreign text, yet only by disrupting the cultural codes that prevail in the target language” (Venuti, 1995: 20).

Se Venuti entende que os textos devem ser traduzidos por “estranhamento”, também reconhece que toda a tradução é marcada por alguma “domesticação”. Usando uma expressão de Heidegger, Antoine Berman, teórico e tradutor francês, afirma que “[t]ranslation is the “trial of the foreign.” (Berman, 2000: 294). Uma tradução pressupõe a exposição do estrangeiro, do estranho, estabelecendo uma relação entre o “eu” e o “outro”. Esta relação nem sempre se mostra pacífica porque o estrangeiro é retirado do seu contexto e tempo inicial e transposto para um contexto e tempo diferentes. Se, por um lado, não há traduções perfeitas, nem mesmo acabadas, também não existem línguas e, por consequência, culturas intraduzíveis.

Berman defende que a assimilação, a redução ao idêntico é um desrespeito pela diferença, “[t]he translation that does not respect this multiplicity renders the “visage” of an unrecognizable work” (Berman, 2000: 292). Os textos de chegada devem acentuar o não idêntico, ou seja, tornar patente a estranheza entre culturas, estranheza entre contextos de partida e de chegada. Porém, Berman anota que durante séculos o processo de tradução permitiu deturpações que, mesmo de forma inconsciente, impedem o leitor de ter acesso ao estrangeiro enquanto estrangeiro. Segundo Berman (2000), estas “deformações” são intrínsecas ao ato de traduzir em virtude das regras e normas da cultura de chegada fazerem parte do “ser” do tradutor. Conseqüentemente, um texto traduzido que se afigure “bom” é a demonstração de que o “sistema de deformação” exerceu o seu papel em harmonia. Assim, Antoine Berman identificou doze “tendências deformadoras”, que dominam a tradução tradicional ocidental:

- a racionalização é uma tendência para manipular o texto de chegada, reordenando a estrutura sintática do texto de partida, recompondo frases e sequências de frases de acordo com a ordem discursiva que prevalece na língua de chegada, invertendo tendências do tipo formal/informal, ordenado/desordenado, abstrato/concreto, deturpando o texto escondendo aspectos da cultura estrangeira, característica própria da tradução etnocêntrica que desrespeita as características dos outros, reduzindo a diferença e substituindo pela semelhança. Outro dos traços da racionalização é a propensão para tornar o concreto em abstrato;

- a clarificação foi descrita por Berman como a tendência para tornar o texto de chegada mais claro do que o texto de partida. Esta tendência, segundo Berman (2000) é, de certa forma, inevitável por ser próprio do ato de traduzir e pode ser algo positivo porquanto “it shines a new light on the fundamental position of the question” (Heidegger 1968:10);

- a expansão, terceira tendência identificada por A. Berman, é resultante tanto da racionalização como da clarificação. O texto tende a ficar mais extenso em razão do aumento do número de palavras, todavia, esta expansão revela-se vazia por não acrescentar nada de novo e não contribui para a qualidade da tradução;

- o melhoramento e enobrecimento é a reescrita do texto de partida a fim de o tornar mais “elegante”, apagando marcas do registo de linguagem oral e até mesmo de uma lógica plural, que evidencia a coexistência de diferentes registos de língua. O melhoramento e enobrecimento é tão só um ““stylistic exercise” based on—and at the expense of—the original” (Berman, 2000: 291);

- o empobrecimento qualitativo, a quarta tendência, representa a alteração do texto de partida, substituindo palavras, “expressões e figuras do discurso” por outras que não transmitem a mesma ideia, tornando o texto de chegada menos rico em termos sonoros e icônicos. O empobrecimento quantitativo leva a uma “perda lexical” do texto de partida para o texto de chegada por desrespeitar as cadeias de significados e significantes. A alteração destas cadeias resulta num texto mais “extenso e pobre”.

- a destruição de ritmos é uma tendência menos visível na prosa do que na poesia. Não obstante, a escrita de qualquer texto estabelece um determinado ritmo, que a tradução pode alterar ao modificar a pontuação, modificando os momentos de pausa, as fragmentações do texto ou alguns vínculos sintáticos;

- a destruição de redes de significação profundas é a oitava “tendência deformadora” identificada por Berman e caracteriza-se pela não transposição do sentido profundo e nem sempre visível que resulta de uma ligação entre determinadas palavras, a dimensão velada de sentido destas. A tradução tem tendência a causar a destruição do processo de significação do texto de partida, ou seja, o subtexto oculto no texto de partida não é reproduzido no texto de chegada, interferindo no “ritmo” e na progressão textual;

- a destruição de padrões linguísticos é outra tendência identificada por Antoine Berman, que envolve a homogeneização do texto de chegada pela uniformização das construções frásicas. Torna o texto mais “incoerente”, mais “heterogêneo” e mais “inconsistente”. “It is a patchwork of the different kinds of writing employed by the translator” (Berman, 2000: 293);

- a destruição das redes vernaculares ou a sua exotização é a nona tendência. A prosa literária envolve vários tipos de linguagem e de discurso, incluindo o vernacular – regionalismos, utilizações arcaicas de língua, linguagem oral, diminutivos, etc. – que encerram em si uma riqueza icônica, de ritmo e até mesmo de mensagem que o texto de partida pretendia transmitir. A tradução tende a tornar o discurso do texto de partida mais erudito ou a exotizá-lo com a introdução de itálicos ou a substituir determinados termos por outros, o que resulta num texto de chegada mais pobre e diferente;

- a destruição de expressões e idiomas é a décima primeira “tendência deformadora” assinalada por Berman. Cada língua tem “expressões, figuras, provérbios, etc.” que são singulares e intrínsecos à própria língua. A sua substituição por equivalentes apaga a cultura de partida, tornando o texto de chegada culturalmente similar e, portanto, “etnocêntrico”, o que o torna contraditório por haver personagens de uma cultura diferente com um discurso típico da cultura de chegada. Por outro lado, a equivalência

despreza “the existence in us of a proverb consciousness which immediately detects, in a new proverb, the brother of an authentic one (Berman, 2000: 295);

- Berman refere-se ao facto de um texto traduzido ter tendência para apagar a coexistência do registo de língua:

. (Berman, 2000: 296)

A prosa literária contém não só a língua “comum” como diversas variações linguísticas. São, por norma, textos ricos onde coexistem dialetos, socioletos e até mesmo idioletos com a língua padrão numa tensão equilibrada e pacífica, que permite ao texto de partida ser o que é. A tendência em elevar o texto, torná-lo mais elegante, mais claro, mais puro representa a imposição da língua de chegada e a destruição da letra em favor do sentido.

Nos próximos capítulos teremos a oportunidade de retomar alguns dos princípios e dos conceitos explorados neste capítulo teórico, que aplicaremos à reflexão sobre o contexto em que surge o texto a traduzir e à análise dos casos de tradução seleccionados. Foi também a esta reflexão teórica que recorreremos aquando da tradução, para nos guiarmos nas tomadas de decisão face a situações complexas.

Capítulo II

A tradução de bestsellers

Segundo Ceia (2009) best-seller é um “[t]ermo inglês (“literalmente: “o mais vendável”))”, ou seja, livros que vendem muitas cópias, aqueles que vão ao encontro das escolhas dos leitores que não só os compram como os leem. Nesse sentido, podemos considerar a Bíblia, o livro mais traduzido e lido em todo o mundo, como um best-seller. Também se poderá dizer que *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry, *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, ou *História em Duas Cidades*, de Charles Dickens, bem como *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien, *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*, de J. K. Rowling, ou *O Alquimista*, de Paulo Coelho, se assumem como um best-seller dado que se encontram entre os livros mais vendidos de todos os tempos². Todavia, enquanto uns são considerados clássicos e reconhecidos pelo cânone outros são considerados como literatura menor.

Durante séculos, os livros e a leitura estiveram circunscritos a determinados grupos restritos e homogêneos. A cultura e, por conseguinte, a literatura estavam ao alcance apenas de alguns que a ela tinham acesso. O grande público não tinha acesso à cultura não só por não ter poder económico, mas também por não ter educação e formação e, conseqüentemente, interesse. Com a industrialização, o desenvolvimento dos mecanismos de produção e, principalmente, com o desenvolvimento do marketing os livros tornaram-se acessíveis a um público muito maior e heterogêneo. O desenvolvimento dos mecanismos de produção levou a que os produtos baixassem o seu valor e um grupo mais alargado de consumidores passou a poder adquirir o que até então não lhe era possível, nomeadamente bens culturais.

O consumo começou a ser um importante foco de interesse nas sociedades ocidentais, inicialmente como forma de exibição de estatuto social e mais tarde como busca de prazer. O filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky retrata a sociedade pós-moderna como uma sociedade que se mobiliza e age em função do consumo de bens:

² Informação recolhida online do The Guardian, Newsweek, Revista Bula, Insider e SensCritique em 25/5/2022.

“uma nova modernidade nasceu: ela coincide com a ‘civilização do desejo’” Lipovetsky (2006: 11). A partir de meados do século XX surgiu a “cultura de massas”, tendo o surgimento e desenvolvimento dos Meios de Comunicação de Massa, os *Mass Media*, desempenhado um papel preponderante na veiculação e divulgação da cultura. Todavia, essa massificação da cultura nunca foi bem aceite pela elite culta.

[A] “cultura de massas”, que sempre carregou junto a si a denotação de mercadoria. Sua origem se justifica ora pela sua necessidade de financiamento patronal (capitalista) na produção dos bens culturais, ora pelo seu consumo massificado e, finalmente, por seu conteúdo padronizado, de fácil assimilação e possuidor de uma carga ideológica enorme. (Lucio Ziegelmann Lahm, 2006: 22)

Ziegelmann sublinha nesta passagem alguns traços característicos dos bens culturais de consumo generalizado, como o best-seller, que são essenciais para compreendermos a relevância desta questão para a área dos Estudos de Tradução: o “conteúdo padronizado” deve facilitar a assimilação pelos consumidores, indo ao encontro das suas expectativas e dos valores estabelecidos na sociedade, uma característica do best-seller que o tradutor deve ter em consideração.

Mario Vargas Losa refere que “[a] cultura estabeleceu sempre categorias sociais entre aqueles que a cultivavam (...) e aqueles que não se entendiam com ela, a desprezavam ou ignoravam, ou dela eram excluídos” (Losa, 2012: 61-62). O capitalismo veio atribuir à cultura “um ar de semelhança” (Adorno & Horkheimer, 1969: 57) em que “a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série” (idem) e o facto de lhe conferir um acesso massificado, para a elite, “sacrific[ou] o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (ibidem). Um best-seller pertence, exatamente, ao campo da indústria cultural que Bourdieu (1993: 115) designou como um campo de produção em larga escala, por se dirigir a um vasto público e por ter como único propósito o lucro. Neste contexto é, conseqüentemente, excluído simbolicamente, desconsiderado e desvalorizado por académicos e pela considerada alta cultura e direccionado para as massas.

Este modo de produção representa a derrocada da cultura frente ao sistema capitalista, a degradação do papel existencial da mesma,

ratificando seu “rebaixamento” ao *status* de simples mercadoria. A produção simbólica, disfarçada em diversão fácil, visa unicamente a rentabilidade económica e controle social da população. (Lucio Ziegelmann Lahm, 2006: 23)

Ziegelmann refere a conversão da cultura de algo único, particular e de acesso a um público específico e homogéneo em pura “mercadoria” regida apenas pelo interesse económico, especificidade do best-seller, que em vez de preservar o seu capital próprio edificante pretende servir como entretenimento a um público homogéneo e indistinto, cujo pensamento crítico se dilui na identificação. O best-seller por definição pretende que o leitor reconheça os valores, ideais e normas representados na narrativa.

“O capitalismo provocou um redemoinho em todas as esferas humanas.” (Silva, 2006: 3), acabou por dominar a “indústria cultural” e impor as suas regras em função do lucro. Como afirma Silva, a cultura metamorfoseada de indústria toma o público como uma multidão uniforme e equipolente, produzindo de forma padronizada para satisfazer gostos que não se diferenciam, mas ao contrário tendem a igualar-se. O marketing, surgido com o desenvolvimento das linhas de produção e da produção massificada e os Meios de Comunicação de Massa impulsionaram a produção de material escrito. O público passou a ler e lê cada vez mais. As editoras, inicialmente, por uma questão de sobrevivência e mais tarde por obediência às necessidades do mercado acabaram por se render aos best-sellers. Através do marketing e da publicidade, as editoras aumentam o seu poder de venda e escolhem o que publicar, porque o lucro é o supremo objetivo, deixando o público submetido apenas a determinado material “o sujeito se transforma num fantoche, mergulhado na cultura inconsciente e submisso à autocracia do mercado” (Silva, 2006: 5).

Segundo Adorno & Horkheimer testemunhamos a quebra da diferenciação e individualidade das composições culturais:

O efeito harmónico isolado havia obliterado, na música, a consciência do todo formal; a cor particular na pintura, a composição pictórica; a penetração psicológica no romance, a arquitectura. A tudo isso deu fim a indústria cultural mediante a totalidade. (Adorno & Horkheimer, 1969: 59)

A indústria, com a sua aspiração de acessibilidade coletiva e a sua ânsia de proveito financeiro, fez perder o carácter “do todo formal”. A cultura popularizou-se, abandonou a sua natureza superior e tornou-se entretenimento de um público que precisa de se sentir integrado e, portanto, parte de um todo análogo. O leitor do best-seller compreende as personagens, conhece as suas histórias e vive as suas vidas porque são as mesmas que o rodeiam e que ele conhece, sem particularidades e sem diferenciação. O leitor do best-seller é um entre muitos.

Torres (2009) afirma que se pressupõe que o best-seller, junto de um público abrangente e variado, promove “a identificação do leitor com as personagens que evoluem numa problemática social contemporânea.” (Torres, 2009: 280). Este tipo de textos é, portanto, fluído e simples, permitindo ao leitor o reconhecimento de personagens, situações e lugares. O best-seller, geralmente, aborda temas não só reais como tendencialmente familiares “que estão presentes na vivência” (Emerson David de Lima Andrade, 2016: 14) de quem os lê e ademais resultam da produção de massas, mais acessíveis em termos económicos. Não obstante, para que possa cativar e prender a atenção do leitor e ser um best-seller, um romance deve ter características específicas “[o] que mais apreciamos num romance são coisas que, com frequência, nunca podem ser vistas fisicamente” (Zuckerman, 1996: 111). Deve ser dada uma atenção especial às personagens, em primeiro lugar às suas características psicológicas, mas também ao retrato físico bem como a toda a envolvência, porque o que é visível ao olhar adquire “uma vibração adicional na ficção literária quando realçados pela maneira como uma personagem se sente em relação à visão específica de um lugar ou de uma pessoa” (idem). Zuckerman (1996) salienta que uma das principais razões para o sucesso de um romance é o “ponto de vista” que o autor pretende desenvolver e explorar. A partir deste “ponto de vista” toda a história progride em “camadas” que se vão encaixando e incrementando o enredo. Para Zuckerman existem duas formas de o autor expor o “ponto de vista”:

A primeira, remontando a Homero e a Bíblia, é usar a voz do narrador onisciente, o próprio autor descrevendo paisagens, eventos passados, a ação atual e o exterior e interior de personagens. A segunda, dentro de uma determinada cena ou capítulo, é o uso do ponto de vista restrito de um único personagem. Com esse método, o leitor participa na história com o personagem. O relacionamento é exclusivo. Uma parte específica do romance se desenrola através do que o próprio personagem

experimenta, pelas imagens dos sentidos físicos (visão, audição, tato, olfato), ou pela expressão interior de seus pensamentos, sentimentos, lembranças. (Zuckerman, 1996: 112)

Em *A Good Yarn* temos um narrador-personagem, a personagem principal – Lydia Hofman –, que vai contando a sua história, as suas vivências e as suas emoções, que se cruzam com as histórias, vivências e emoções de mais três mulheres – Elise Beaumont, Bethanne Hamlin e Courtney Pulanski –, que por sua vez também são narradoras-personagens. Em cada capítulo a autora centra-se numa determinada personagem “que numa parte determinada da ação tem a maior participação emocional” (Zuckerman, 1996: 113) e “o escritor dessa maneira liga a si mesmo e o leitor ao personagem.” (idem), porque, como referido anteriormente, o propósito de um best-seller é que os leitores sejam seduzidos pelas personagens e pela sua história ao ponto de se identificarem com elas. Segundo Zuckerman, essa identificação com as personagens intensifica-se quando há evolução ou transformação emocional da personagem ao longo da história:

à medida que o personagem progride de uma cena para outra, expressando dúvidas e medos para si mesmo, reagindo com dor ou alegria (...) os leitores se identificam mais e mais com ele. Sentimos o que ele sente, queremos o que ele quer, porque experimentamos os êxtases e terrores exclusivamente através de sua sensibilidade, do ponto de vista desse personagem. (Zuckerman, 1996: 113)

A Good Yarn é um romance onde os leitores têm a oportunidade de retomar e prosseguir a história da personagem Lydia Hoffman iniciada em *The Shop on Blossom Street* e são conduzidos pelas vidas de quatro mulheres de origens, idades e histórias de vida diferentes que se cruzam inesperadamente e que acabam por desenvolver uma amizade e cumplicidade à volta do tricô. A narrativa descreve a vivência destas quatro mulheres com todas as suas incertezas, medos, angústias e alegrias, tratando-se portanto, de um best-seller que “reflect everyday life and popular culture” (DinçKan, 2010: 459), pois retrata histórias de vida comuns que aproximam as personagens de um qualquer leitor em qualquer parte do mundo.

Sendo o best-seller uma obra que aborda temas familiares ao público, questões com que o leitor se identifica e nos quais se revê, a tradução deve acompanhar esta

tendência. Segundo Venuti, a tradução de um best-seller, objetivando alcançar e seduzir os leitores, acaba por apagar características da cultura de partida que não coincidam ou possam ser incompatíveis com a cultura de chegada, submetendo o texto a uma “extensive domestication, an inscription with cultural and political values” (Venuti, 1998: 127). Venuti diz mesmo que uma tradução acaba por manifestar mais sobre a cultura de chegada do que sobre a cultura de partida, dado que “the foreign text has been made to serve domestic interests” (Venuti, 1998: 125). Esta tendência produz um texto que se destina a ser percebido como original, apagando qualquer característica do texto e da cultura de partida e, portanto, da tradução e do tradutor:

The peculiar marginality of translation is such that not only is invisibility enforced upon it through a widespread preference for fluent discursive strategies that produce the illusion of transparency, the effacement of the second-order status of the translated text, but also the translator is expected to remain silent about the conditions of translation. (Venuti, 2013: 77)

A tradução de um best-seller exige, por isso, do tradutor a adoção de estratégias de tradução “intelligible within the different, potentially conflicting codes and ideologies that characterize that audience.” (Venuti, 1998: 125). Não obstante a necessidade de manter um texto de chegada fluente, claro e facilmente compreensível, que não provoque tensão ou estranheza no leitor, características do best-seller, tentámos manter a caracterização das personagens, das situações e dos contextos como no texto de partida. O facto de o público português estar familiarizado com a cultura norte-americana, através do consumo de outros produtos culturais, permitiu não apagar aspetos da cultura de partida.

Capítulo III

A autora, a obra e suas traduções em Portugal

Debbie Macomber nasceu a 22 de outubro de 1948 na cidade de Yakima, no Estado de Washington, Estados Unidos da América. É atualmente considerada uma das escritoras norte-americanas mais populares, tendo mais de três centenas de livros escritos³ e 200 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo. A autora escreve romances, livros de culinária, livros de tricô, livros para crianças e já publicou dois livros de pintar para adultos. Catorze dos seus romances atingiram o primeiro lugar na lista de best-sellers do jornal *The New York Times*, tendo mais de 1000 semanas de permanência na lista de livros mais vendidos do jornal. É considerada “the official storyteller of Christmas” (*DebbieMacomber.Com*, n.d.) e seis dos seus livros sobre o Natal, publicados anualmente, deram origem a telefilmes para o canal de televisão por cabo Hallmark.

Macomber é casada e tem quatro filhos. Começou a interessar-se por livros desde muito cedo:

[A]bout the time I was four years old and my mother took me to the library for the first time and the librarian handed me a book (..) from that moment forward I never went to bed without a book in my hands and in fact until this very day I'm exactly the same way I go to bed every night with a book in my hand. (Chang, 2016)

Como a própria Debbie Macomber afirma, os livros desde sempre foram uma constante na sua vida e não a concebe sem a presença dos mesmos, apesar das dificuldades com que se debateu para aprender a ler. O facto de ter dislexia tornou o seu percurso académico muito difícil. Só aprendeu a ler no 5.º ano e apenas conseguiu terminar o ensino secundário. Todavia, só teve conhecimento de que tinha este distúrbio de aprendizagem muitos anos mais tarde, quando dois dos seus filhos foram diagnosticados

³ Lista completa de publicações da autora disponível em: <http://reporting.appconnectors.com/?report=file:/home/dm-heroku/books-releasetype.rpt&datasource=dm-heroku&init=pdf>

com dislexia. Numa entrevista ao podcast *88 Cups Of Tea* conta que encontrou um bloco de notas antigo onde tinha escrito “January 1, 1973, since the greatest desire of my life is to somehow someway be a writer, I’ll start with the pages of this book” (Chang, 2016). No entanto, foi a morte de um primo, cinco anos depois, que a impulsionou a seguir o seu sonho. Decidiu então alugar uma máquina de escrever e começar. Uma vez que não teve formação superior, começou por analisar minuciosamente quatro livros de que gostava muito e com a exploração destes livros, aprendeu “about plotting, and pacing, how to introduce characters, to bring in backstory, point of view, how to open a chapter, how to end a chapter.” (idem) Após muitas recusas, em novembro de 1983, a editora Silhouette Books publicou o seu primeiro livro *Starlight*.

D. Macomber começou por escrever livros de capa mole e mais tarde brochuras. São narrativas relativamente curtas, com cerca de 200 páginas, e muitas vezes com mais do que uma história. Contudo, o desejo de evoluir como escritora levou-a a passar para a ficção feminina, livros maiores e narrativas mais complexas. A autora escreve os seus livros com base em histórias e situações que a rodeiam e gosta de escrever sobre a vida em comunidade, onde estão implícitos valores como a amizade e a entajuda, tendo mesmo escrito seis livros relativos ao Texas, seis livros relativos ao Alaska e quatro ao Dakota do Norte.

Macomber preocupa-se em ir ao encontro dos gostos dos seus leitores e tem em conta o feedback que lhe chega e que ela própria encoraja. Esta é uma característica intrínseca do best-seller, que “treats issues that are of interest and concern to the broadest segment of the reading audience” (Venuti, 1998: 125). Escreve até não haver mais histórias para contar ou até que os seus leitores não tenham mais para descobrir sobre as suas personagens favoritas. Como afirma Venuti (1998: 126), os leitores vão comprar e ler um best-seller se criarem empatia com as personagens e se se reconhecerem nelas, nas suas dificuldades e vivências.

O desejo de contar histórias deu origem à escrita de várias séries. Entre as mais conhecidas, com 12 livros, está *Cedar Cove* baseada na cidade onde vive e onde os filhos cresceram, Port Orchard, Washington. Esta série ainda se estendeu a mais quatro livros, três sobre o Natal e um livro de receitas. Em 2013, os livros *Cedar Cove*⁴ deram lugar a

⁴ *Cedar Cove* foi nomeada para os Leo Awards, em 2014, nas categorias de Melhor Guarda-roupa numa Série Dramática e Melhor Ator Secundário numa Série Dramática e para os Prism Award, em 2015, na categoria de Episódio Dramático – Saúde Mental.

uma série televisiva, com a duração de três temporadas, adaptada pelo canal de televisão por cabo Hallmark.

A Good Yarn é o segundo livro, de um total de onze, da série *Blossom Street*. Debbie Macomber desde muito nova é uma apaixonada por tricô e começou a tricotar aos 11 anos quando a mãe lhe “comprou agulhas e lãs” (Bird, 2019). O facto de ter dislexia sempre dificultou a sua vida, afetando a sua autoconfiança e o tricô ajudou-a a sentir que tinha algum talento. O tricô não só possibilitou melhorar o seu nível de confiança como lhe permitiu desenvolver as suas competências cognitivas, nomeadamente na área da matemática. Em maio de 2004, a autora lançou o primeiro livro da série – *The Shop on Blossom Street* – que atingiu o 19.º lugar na lista de best-sellers de capa dura do jornal *The New York Times* e, em maio de 2005, o 7.º lugar na lista de best-sellers de capa mole.

Os livros da série *Blossom Street* contam a história de uma mulher que sobreviveu a dois cancros no cérebro, que aprendeu a tricotar durante as sessões de quimioterapia e que, quando entrou em remissão, decidiu investir as suas poupanças naquilo que a fazia feliz, a compra de uma loja de lãs. Na loja, Lydia Hoffman vende todo o material necessário para tricotar e dá aulas de tricô. A loja acaba por se transformar num refúgio e num local de partilha e apoio e as suas clientes e alunas acabam por ser muito mais do que isso. As desconhecidas e reservadas alunas e colegas, ao início, acabam por desenvolver amizades para a vida e o tricô torna-se numa ferramenta para o desenvolvimento da confiança, empatia e entreajuda.

Debbie Macomber, em 2008, transportou para a realidade o espírito de *Blossom Street* ao abrir na sua cidade natal, Port Orchard, uma loja de lãs – *A Good Yarn*. A loja manteve-se aberta apenas oito anos, porque a loja e a escrita, com os compromissos a ela associados, tornaram-se incompatíveis. Não obstante, o tricô faz parte até hoje da sua vida. Quando lançou os livros *Blossom Street*, a World Vision⁵ convidou-a para se associar e ser porta-voz do programa *Knit For Kids*, um programa de voluntariado que distribui camisolas, cachecóis, mantas entre outros, tricotados ou em croché, a crianças necessitadas por todo o mundo.

It was my association with other knitters, hearing their stories,
listening to their ideas as we sat and knit together, that I came to sense

⁵ Organização não governamental internacional de ajuda humanitária.

the hearts of my fellow knitters that prompted me to start Knit 1, Bless 2.
(*DebbieMacomber.Com*, n.d.).

A identificação, empatia e o interesse comum pelo tricô levou a que Debbie criasse a campanha *Knit 1, Bless 2* que envia peças tricotadas para crianças de todo o mundo. Não só permite a ela e às suas leitoras e admiradoras momentos de partilha como permite tornar felizes crianças carenciadas.

Macomber é vencedora de vários prémios como o RITA, em 2003, na categoria de Romance Tradicional, o HOLT Medallion em 2006, o RT Book Reviews Lifetime Achievement Award, o B. Dalton Award e o Nora Roberts Lifetime Achievement Award atribuído, em 2010, pela associação Romance Writers of America. É membro do Gabinete Consultivo Nacional da Guideposts⁶ e Embaixadora Nacional da Youth for Christ⁷.

Apesar do sucesso da autora nos Estados Unidos da América, apenas existem seis livros de Debbie Macomber traduzidos em português europeu:

- o primeiro livro da série *Blossom Street – A Pequena Loja de Blossom Street* – traduzido por Paulo Emílio Pires e publicado pela editora Arcádia (2010);
- três livros publicados pela Editorial Presença: o segundo livro da série *Rose Harbor – A Estalagem de Rose Harbor* – traduzido por Manuela Madureira (2013); o quarto livro da série *Rose Harbor – O Abrigo da Esperança* – traduzido por Isabel Andrade (2013); e o sétimo livro da série *Christmas – O Brilho Das Estrelas* – traduzido por Manuela Madureira (2014);
- o 10.º livro da série *Blossom Street – Laços De Vida* – traduzido por Clara Caldeira e publicado pela Porto Editora (2014);
- e o primeiro livro da série *Oceanside – A Casa à Beira-Mar* – traduzido por Susana Serrão e publicado pela editora Zero a Oito (2018).

O facto de os livros serem publicados por várias editoras pode ser indiciador de haver, em Portugal, um projeto editorial pouco consistente para a obra de Debbie Macomber. Não obstante, quatro dos livros foram publicados por grandes editoras como a Editorial Presença e a Porto Editora, duas das maiores editoras portuguesas. A Editorial

⁶ Organização espiritual sem fins lucrativos

⁷ Movimento cristão que trabalha com jovens

Presença é um grupo editorial que publica mais de 100 novos livros por ano, dispendo de um catálogo de autores consagrados. A Porto Editora é o maior grupo editorial português, inicialmente direcionado para a área da “Educação e Referência” e mais tarde para a área da “Literatura (ficção, não ficção, infantojuvenil)”. As editoras Zero a Oito, com três áreas de ação “os livros, as revistas e o custom publishing”, e Arcádia, uma chancela do grupo editorial Babel, são editoras pequenas. A publicação de livros é determinada pela procura de mercado que, por sua vez, é influenciado por campanhas de marketing e publicidade. Uma editora pequena tem mais dificuldade em chegar a um grande número de leitores não só por ter tiragens menores, como por ter um orçamento disponível para campanhas de marketing e publicidade inferior ao de uma grande editora ou grupo editorial.

O facto de Debbie Macomber não ser tão conhecida em Portugal pode ser uma consequência da projeção, através dos Meios de Comunicação de Massa, de outros autores de best-seller como Nicholas Sparks, Danielle Steel ou mesmo J. K. Rowling. Trata-se de publicações consideradas mais seguras pela probabilidade de garantirem lucro ou talvez os livros da autora não sejam considerados um best-seller, mas livros direcionados para um público mais específico, um público feminino e apreciador de tricô.

Outro indicador da pouca relevância do projeto editorial da autora no mercado português pode ser o facto de os livros terem sido traduzidos por tradutores diferentes. Os seis livros da autora em português europeu foram traduzidos por cinco tradutores – Paulo Emílio Pires, Manuela Madureira, Clara Caldeira, Isabel Andrade e Susana Serrão – um facto indiciador do escasso interesse do público por Debbie Macomber. Este fator não é de somenos importância se tivermos em conta que, frequentemente, um autor consagrado procura um tradutor que se especializa na tradução da sua obra como, por exemplo, a tradutora Manuela Madureira que traduziu as 15 edições do livro *Harry Potter e o cálice de fogo*, de J. K. Rowling.

O primeiro livro foi traduzido por Paulo Emílio Pires, tradutor desde 1996 e com mais de 70 livros traduzidos. Este tradutor já trabalhou para as editoras Editorial Presença, Alma dos Livros, Marcador, Ulisseia, Jacarandá, Edicare Verbo e Babel nas áreas de História, Literatura e Literatura Infanto-Juvenil. Manuela Madureira, que traduziu dois livros da D. Macomber para a Editorial Presença, é uma tradutora com mais de 30 anos de atividade e cerca de 170 livros traduzidos, essencialmente para a Editorial Presença, apesar de ter feito traduções para a Bertrand, Veja e Delfos. Clara Caldeira é jornalista, produtora e gestora de conteúdos online e tradutora freelancer, tendo traduzido 13 livros para as editoras Minerva, Sinais de Fogo, Arena, Porto Editora e 5 Sentidos. Isabel

Andrade é intérprete e tradutora freelance, desde 1990, com mais de 70 livros traduzidos de Inglês, Espanhol e Francês. Susana Serrão é tradutora desde 2001 e conta no seu currículo com cerca de 200 livros traduzidos para 24 editoras, sobretudo pequenas, como a 11-17, a Asa, Booksmile, Europa-América, Gailivro, Pergaminho, Topseller e Zero a Oito, entre outras.

Podemos considerar que dos cinco tradutores quatro – Paulo Emílio Pires, Manuela Madureira, Isabel Andrade e Susana Serrão – são tradutores profissionais e com uma experiência respeitável, mas presumivelmente traduzem obras indicadas pelas editoras, que vão ao encontro das necessidades do mercado e na demanda da obtenção do lucro garantido.

Em Portugal Debbie Macomber tem apenas seis livros traduzidos, contudo, nos Estados Unidos da América a autora tem 378 livros publicados, essencialmente romances, mas conta também com livros de culinária, livros de tricô, livros para crianças, dois livros de pintar para adultos e 13 revistas digitais com pequenas histórias das personagens e locais favoritos da autora, receitas, projetos de bricolage, entrevistas e divulgação de outros autores. Do total dos seus livros, 36,5% constam da lista de best-sellers do jornal The New York Times, 14 romances atingiram o 1.º lugar na categoria de livros de capa mole e dois na categoria de capa dura. 11% dos livros publicados em capa mole e 19 publicados em capa dura fazem parte do top 5 do ranking de best-sellers do jornal The New York Times. Macomber é uma autora com milhões de cópias vendidas por todo o mundo e traduzidas em várias línguas como francês, alemão, italiano, espanhol, sueco, turco e português. Existem 83 livros traduzidos em português do Brasil, todavia, em Portugal apenas estão publicados seis livros da autora. Desta diferença, podemos inferir que Debbie Macomber é uma autora que se encontra no centro do polissistema norte-americano, mas na periferia do polissistema português.

Debbie Macomber começou a publicação dos seus livros, nos Estados Unidos da América, no início dos anos 80 do século XX. No final dos anos 70, a Editora Nova Cultural tinha lançado, no Brasil, as coleções “Sabrina” (1977), “Júlia” (1978) e “Bianca” (1979), os denominados “romances de banca”, vendidos nos quiosques em edições de bolso e a preço acessível. Estas coleções, dirigidas a um público feminino, eram compostas por romances sentimentais onde a sedução e a sensualidade tinham um papel predominante e cada uma das coleções tinha um público-alvo específico. “Sabrina” era dirigida ao público feminino com um perfil clássico e discreto, “Júlia” era dirigida a um público mais vanguardista e progressista e a coleção “Bianca” era dirigida

às leitoras com interesse em histórias com argumentos mais densos, conflituosos e repletos de drama. Foi nestas coleções que Macomber surgiu no mercado literário brasileiro, no final dos anos 80 do século XX, tornando-a uma escritora conhecida, possibilitando a formação e consolidação de um público leitor. Este tipo de romance era uma novidade no Brasil, continha algo que não era comum, que era original e que se demarcava do que existia na literatura brasileira, um dos cenários que Itamar Even-Zohar apontou como passível de trazer a literatura traduzida para uma posição central no polissistema.

Debbie Macomber, começou por escrever pequenos romances e mais tarde passou para a ficção feminina. Considerando a teoria dos polissistemas, o facto de em Portugal a autora nunca se ter afirmado, dado que apenas seis dos seus livros estão traduzidos em português europeu, pode estar associado não só a ser literatura traduzida como também ao género de literatura que escreve, isto é, dentro da literatura traduzida que é periférica, a ficção feminina é também ela periférica e o público português não está tão desperto para a autora como noutros países, não só da Europa como da América. Esta pode ser uma possível explicação para o fraco investimento de uma editora na autora, apresentando o mercado português livros de diferentes editoras traduzidos por diferentes tradutores.

Capítulo IV

Tradução de *A Good Yarn*

As Meias do Peter

por Nancy Bush

Materiais: 1 meada do tipo Bearfoot da Mountain Colors (60% lã superwash, 25% Mohair e 15% nylon), cor Moose Creek, peso 100 g (320 m). 1 conjunto de 5 agulhas de 2.5 mm de dupla ponta ou um tamanho para fazer a amostra.

Amostra: 15 p e 20 carr = 5 cm de ponto Jersey antes da blocagem.

Medidas finais após a blocagem: comprimento da perna desde a montagem dos pontos até ao início do calcanhar 21.5 cm; comprimento do pé desde o calcanhar até à ponta do dedo 28.5 cm.

Perna

Montar 65 p. Dividir os p por 4 agulhas. Juntá-los, tendo o cuidado de não torcer. Iniciar o padrão—tricotar 1L *3M, 2L*, rep de *a* terminar tricotando 3M, 1L. Tricotar este canelado como est mais 7 carr. Tricotar 1 carr em L. Rep estas 9 carr mais 2 vezes. Cont o canelado como est até atingir 21,5 cm.

Aba do Calcanhar

Tricotar 16M, virar. P1, 31L. Estas 32 m formam a parte reta do calcanhar. As restantes 33 m ficam em espera, porque fazem parte do peito do pé. Carr seguinte: *P1, 1M*, rep de *a* até ao final, virar. P1, L até completar a carr. Rep estas 2 carr até completar 32 carr no total e ter 16 p de corrente ao longo da borda. A carr. 32 é tricotada pelo LA.

Curvatura do Calcanhar

P1, 17M, PPM, 1M, virar. P1, 5L, 2Lj, 1L, virar. *P1, M até 1 p antes do desvio de pontos, PPM, 1M, virar. P1, L até 1 p antes do desvio de pontos, 2Lj, L, virar*. Rep de *a* até 1 p de cada lado do desvio de pontos. P1, 16M, PPM, virar. P1, 16L, 2Lj, virar (mantêm-se 18 p).

Reforço

Tricotar os 18 p do calcanhar em M. Na mesma agulha, levantar e tricotar 16 p na orelha direita da aba do calcanhar. Com uma nova agulha, seguir o esq como est ao longo do peito do pé. Levantar e tricotar 16 p na orelha esquerda da aba do calcanhar e tricotar 9 p

desde o calcanhar. Deverá ter 25 p na primeira agulha, 33 p no peito do pé, divididos em 2 agulhas, e 25 p na última agulha = 83 p no total.

Começar a dar forma ao reforço. As carr começam no centro do calcanhar. Tricotar em M até 3 p do fim da 1ª agulha, 2Mj, 1M. Tricotar o peito do pé no esq est. No início da última agulha, tricotar 1M, PPM, tricotar em M até ao final. Tricotar as carr pares, mantendo os p do peito do pé no esq. Cont desta forma, diminuindo no final da agulha 1 e no início da agulha 4 em carr alternadas, mantendo o esq como est na agulha do peito do pé diminuindo até ter 16 p em cada agulha e 65 p no total.

Cont sem diminuir até o pé medir 8 cm menos do que a medida final.

Biqueira

Tricotar 3 carr em PJ. Começar a dar forma à biqueira:

Carr 1: *6M, 2 Mj*, repetir de *a* até 3 p do fim da carr, 3Mj. Tricotar 5 carr iguais.

Carr 7: *5M, 2 Mj*, repetir de *a* até ao final. Tricotar 5 carr iguais.

Carr 13: *4M, 2 Mj*, repetir de *a* até ao final. Tricotar 4 carr iguais.

Carr 18: *3M, 2 Mj*, repetir de *a* até ao final. Tricotar 3 carr iguais.

Carr 22: *2M, 2 Mj*, repetir de *a* até ao final. Tricotar 2 carr iguais.

Carr 25: *M, 2 Mj*, repetir de *a* até ao final. Tricotar 1 carr igual.

Carr 27: *2 Mj*, repetir de *a* até ao final.

Devem sobrar 8 p.

Cortar o fio e com uma agulha de lã, passar o fio pelos p que sobraram, puxar de forma a juntá-los e fechar a ponta da biqueira.

Rematar as pontas de fio e fazer a blocagem.

Abreviaturas

Cont.—continue

cm—centímetro

est—estabelecido

g—gramas

M—tricotar em meia

2Mj —tricotar 2 malhas juntas em meia

mm—milímetros

L—tricotar em liga

2Lj—tricotar 2 malhas juntas em liga

Esq—esquema

P1— passar 1 malha sem tricotar (como liga)

PPM—passar, passar, meia (passar 2 malhas com a laçada em meia e tricotá-los juntos em meia)

p—ponto(s)

PJ—ponto Jersey (tricotar os p das carr do lado do direito em meia, e os p das carr do lado do avesso em liga)

carr—carreira(s)

LA—lado do avesso

m—metros

As Meias do Peter

por Nancy Bush

Convertido para agulhas circulares por Cat Bordhi

Lã: 1 meada do tipo Bearfoot da Mountain Colors (60% lã superwash, 25% Mohair e 15% nylon) na cor Moose Creek, peso 100 g/320 m.

Agulhas: 2 agulhas circulares de 2.5 mm em dois tamanhos 40 e 60 cm ou um tamanho para fazer a amostra.

Amostra: 15 p e 20 carr = 5 cm de ponto Jersey antes da blocagem.

Medidas finais após a blocagem: comprimento da perna desde a montagem dos pontos até às costas do calcanhar 21.5 cm; comprimento do pé desde o calcanhar até à ponta do dedo 28.5 cm.

Tricotar em circular com 2 agulhas circulares:

Os pontos são divididos entre duas agulhas circulares. *Cada agulha tricota apenas os seus próprios pontos. A única interação entre as duas agulhas é passar o fio para a agulha seguinte quando terminar de tricotar os seus pontos.* Assim, enquanto a primeira agulha trabalha os seus pontos, a segunda agulha circular fica em espera com os seus pontos alinhados no seu cabo e as extremidades afastadas. Quando a primeira agulha termina de tricotar todos os seus pontos, o fio está em posição de iniciar o tricô na segunda agulha, enquanto a primeira agulha fica em espera. E assim por diante.

Perna

Montar 65 p na 1ª agulha circular. Passar 32 dos 65 p para a 2ª agulha circular de modo a que o fio que irá ser tricotado venha do final desta agulha, enquanto a 1ª (com os restantes

33 p) termina com a cauda do fio. Colocar os 32 p da 2ª agulha no meio do cabo. Empurrar os 33 p da 1ª agulha até à ponta com a cauda do fio. Segurar a outra ponta do fio com a mão direita e tricotar com o fio que vem da 2ª agulha. Tendo o cuidado de não torcer os p montados juntar, começando a tricotar o padrão canelado: *2L, 3M*, repetir de *a* até ao final. Tricotar o canelado mais 7 carr. Tricotar 1 carr em L. Repetir estas 9 carr mais duas vezes. Continuar o canelado até a perna medir 21,5 cm, terminando com a 1ª agulha.

Aba do Calcanhar

Tricota-se *em carr de ida e volta apenas na 2ª agulha* para fazer a aba quadrada e a curvatura do calcanhar. Os 33 p da 1ª agulha vão formar o peito do pé e a união mais tarde. Começar a aba do calcanhar: *P1, 1M*, repetir de *a* até ao final, virar. P1, L até ao final. Repetir estas duas carr até ter tricotado 32 carr no total e ter 16 p de corrente na orela. Terminar com uma carr completa em L.

Curvatura do Calcanhar

Continuar a tricotar em carr de ida e volta na 2ª agulha. P1, 17M, PPM, 1M, virar. P1, 5L, 2Lj, 1L, virar. *P1, M até 1 p do desvio de pontos, PPM, 1M, virar. P1, L até 1 p do desvio de pontos, 2Lj, 1L, virar*. Repetir de *a* até 1 p de cada lado do desvio de pontos. P1, 16M, PPM, virar. P1, 16L, 2Lj, virar (sobram 18 p).

Reforço

Retomar o trabalho com duas agulhas circulares na carr. Ainda usando a 2ª agulha, tricotar os 18 p da agulha em M. Levantar e tricotar 16M ao longo da orela da aba do calcanhar. Deixar a 2ª agulha em espera e com a 1ª agulha, tricotar o canelado como est nos 33 p do peito do pé (a agulha deve começar e terminar com 3M). Deixe a 1ª agulha em espera. Com a 2ª agulha, levantar 16 p ao longo da orela da aba do calcanhar e tricotar em M. Deverão ficar 50 p na 2ª agulha e 33 p na 1ª agulha. Começar a união: Tricotar o canelado do peito do pé com a 1ª agulha. Com a 2ª agulha, 1M, PPM, tricotar em M até 3 p do fim da agulha, 2Mj, 1M. Tricotar 1 carr mantendo o canelado na 1ª agulha. Repetir estas 2 carr até restarem 32 p na 2ª agulha, 65 p no total. Tricotar todos os p até o pé medir 8 cm menos do que a medida final.

Biqueira

Tricotar 3 carr e depois começar a dar forma à biqueira:

Carr 1 – 6: *6M, 2Mj*, repetir de *a* até 3 p do fim da carr, 3Mj (56 m). Tricotar 5 carr.

Carr 7 – 12: *5M, 2Mj*, repetir de *a* até ao fim (48 p). Tricotar ainda 5 carr.

Carr 13 – 17: *4M, 2Mj*, repetir de *a* até ao fim (40 p). Tricotar ainda 4 carr.

Carr 18 – 21: *3M, 2Mj*, repetir de *a* até ao fim (32 p). Tricotar ainda 3 carr.

Carr 22 – 24: *2M, 2Mj*, repetir de *a* até ao fim (24 p). Tricotar ainda 2 carr.
Carr 25 – 26: *1M, 2Mj*, repetir de *a* até ao fim (16 p). Tricotar mais 1 carr.
Carr 27: *2Mj*, repetir de *a* até ao fim (8 p). Cortar o fio e com uma agulha de lã passar o fio pelos p que sobraram, puxar de forma a juntá-los e fechar a ponta da biqueira. Rematar as pontas de fio. Tricotar a segunda meia e fazer a blocagem.

Abreviaturas

M—tricotar em meia

2Mj —tricotar 2 pontos juntos em meia

L—tricotar em liga

2Lj—tricotar 2 pontos juntos em liga

P1— passar 1 ponto sem tricotar (como liga)

PPM—passar, passar, meia (passar 2 pontos com a laçada em meia e tricotá-los juntos em ponto de meia)

p—ponto(s)

carr.—carreira(s)

Capítulo 1 - Lydia Hoffman

“Fazer uma meia à mão cria uma ligação com a história; proporciona-nos um vislumbre sobre as vidas de quem as tricota, usando as mesmas técnicas e práticas que perduram até hoje”.

—Nancy Bush, autora de *Folk Socks* (1994), *Folk Knitting in Estonia* (1999) e *Knitting on the Road, Socks for the Traveling Knitter* (2001), da Interweave Press.

Tricotar salvou-me a vida. Acompanhou-me ao longo de duas lutas contra um cancro, de um tipo particularmente assustador que formou tumores no meu cérebro e que me atormentou com dores de cabeça indescritíveis. Senti dores que nunca podia ter imaginado antes. O cancro destruiu a minha adolescência e a entrada na vida adulta, mas eu estava *determinada* a sobreviver.

Tinha acabado de fazer 16 anos quando fui diagnosticada pela primeira vez e aprendi a tricotar enquanto fazia quimioterapia. Uma mulher com cancro da mama, que se sentava na cadeira da quimioterapia ao meu lado, costumava tricotar e foi ela que me ensinou. A química foi terrível—não tanto como as dores de cabeça, mas quase. Graças ao tricô, consegui suportar aquelas intermináveis horas de debilidade e náuseas severas. Com duas agulhas e um novelo de lã, sentia que podia enfrentar o que quer que fosse. O meu cabelo caiu em tufos, mas conseguia enlaçar o fio na agulha e fazer um ponto; conseguia seguir um esquema e terminar um projeto. Apenas conseguia suportar pouca comida de cada vez, mas conseguia tricotar. Agarrei-me a esse pequeno sentimento de conquista, valorizei-o.

Tricotar foi a minha salvação—tricotar e o meu pai. Ele transmitiu-me a força emocional para conseguir superar a última luta. Eu sobrevivi, mas infelizmente, ele não. Irónico, não? Eu vivi, mas o meu cancro matou o meu pai.

A certidão de óbito atesta que morreu de um ataque cardíaco fulminante, mas suspeito de outra coisa. Quando o cancro regressou, ele ficou ainda mais devastado do que eu. A minha mãe nunca foi capaz de lidar com a doença, por isso o peso dos meus cuidados recaiu sobre o meu pai. Foi o pai que me amparou na quimioterapia, foi ele que discutiu com os médicos e que lutou pelos melhores cuidados médicos—foi ele que me transmitiu a vontade de viver. Consumida pela minha própria luta desesperada pela vida, não me apercebi do preço que o meu pai pagou pela minha recuperação. Quando entrei oficialmente em remissão, o coração dele simplesmente desistiu de bater.

Depois de ele morrer, sabia que tinha de fazer uma escolha sobre o que fazer com o resto da minha vida. Queria honrar o meu pai no que quer que escolhesse e isso significava que estava preparada para correr riscos. Eu, Lydia Anne Hoffman, decidi deixar a minha marca no mundo. Em retrospectiva, parece bastante melodramático, mas há um ano era exatamente como me sentia. Podem perguntar, o que fiz eu de tão profundo e transformador?

Abri uma loja de lãs na Blossom Street, em Seattle. Provavelmente, a terra não tremerá para mais ninguém, mas para mim foi um ato de fé igual ao de Noé que construiu a arca sem um único sinal de chuva no horizonte. Tinha recebido uma herança dos meus avós e apostei todos os cêntimos na abertura do meu próprio negócio. Eu, que nunca mantive um emprego mais do que algumas semanas. Eu, que praticamente não sabia nada sobre finanças, relações entre lucros e perdas ou planos de negócios, usei cada cêntimo que tinha no que eu *realmente* sabia e isso era lãs e malhas.

Naturalmente, confrontei-me com alguns problemas. Na altura, Blossom Street estava a meio de uma imensa renovação—na verdade, a mulher do arquiteto, Jacqueline Donovan, foi uma das mulheres que frequentou o meu primeiro curso de tricô. Jacqueline, Carol e Alix, as minhas primeiras alunas, continuam a ser até hoje das minhas melhores amigas. Quando abri O Fio da Meada, no verão passado, a rua estava fechada ao trânsito. Qualquer pessoa que conseguisse chegar à minha loja teria de suportar poeira e barulho constantes. Recusei-me a deixar que a confusão e os inconvenientes prejudicassem o meu entusiasmo e, felizmente, foi também o que a minha clientela sentiu. Estava convencida de que podia dar certo.

Não recebi o apoio que seria esperar da minha família. A minha mãe, abençoada seja, tentou ser encorajadora, mas estava em choque desde que perdeu o meu pai. Ainda está. Na maior parte dos dias, vagueia perdidamente numa névoa de dor e perda. Quando lhe falei do meu plano, ela não me desencorajou, mas também não me incentivou. Tanto quanto me lembro, disse-me “Claro, querida, vai em frente se achas que deves”. Isto foi o mais próximo de um incentivo que eu poderia esperar receber da minha mãe.

A minha irmã mais velha, Margaret, por outro lado, não hesitou em inundar-me com histórias de desespero e desgraças. No dia em que abri a loja, ela entrou pela loja dentro, desfiando uma torrente de previsões catastróficas. Disse-me que a economia estava em baixo; as pessoas estavam agarradas ao dinheiro. Teria sorte se me mantivesse em atividade seis semanas. Dez minutos a ouvir as suas previsões sinistras e estava pronta a rasgar o contrato de arrendamento e fechar a porta—até me lembrar de que era, oficialmente, o meu primeiro dia de trabalho e que ainda não tinha vendido um único novelo de lã.

Como já devem ter adivinhado, Margaret e eu temos uma relação complicada. Não me interpretem mal, adoro a minha irmã. Até ser atingida pelo cancro, éramos como quaisquer outras irmãs com uma relação com altos e baixos normais. Quando fui inicialmente diagnosticada com cancro cerebral ela foi maravilhosa. Lembro-me que me deu um ursinho de peluche para levar comigo para o hospital. Ainda o tenho algures, se o Whiskers não o tiver apanhado. Whiskers é o meu gato que tende a despedaçar tudo o que for felpudo.

Foi quando passei pela segunda luta contra o cancro que a atitude da Margaret mudou consideravelmente. Agiu como se eu *quisesse* estar doente, como se eu estivesse tão sedenta de atenção que tivesse atraído este horror. Quando dei, a muito custo, os primeiros passos para a minha independência, esperava que ela apoiasse os meus

esforços. Em vez disso, só recebi desencorajamento. Mas com o tempo isso mudou e, por fim, todo o meu trabalho árduo acabou por a conquistar.

Margaret, dizendo de uma forma simpática, não é do tipo caloroso e espontâneo. Não tinha percebido o quanto ela se preocupava comigo até ter tido uma terceira suspeita de cancro, apenas alguns meses após ter aberto O Fio da Meada. *Medo* não descreve nem de perto o que senti quando o Dr. Wilson pediu para fazer aqueles exames assustadores e já tão familiares. Foi como se todo o meu mundo parasse subitamente. A verdade é que penso que não conseguiria suportar a batalha mais uma vez. Já tinha decidido que se o cancro *tivesse* regressado, recusaria o tratamento. Não queria morrer, mas depois de se viver com a ameaça da morte, ela perde a intensidade.

A minha atitude de aconteça o que acontecer perturbou a Margaret, que não aceitou o meu fatalismo. Falar da morte perturbou-a, como à maioria das pessoas, mas quando se está perto da morte e de morrer como eu estive parece tão natural como desligar um interruptor. Não desejo morrer, mas também não tenho medo disso. Felizmente, os exames foram negativos e eu estou a prosperar, juntamente com a minha loja de lãs. Menciono isto agora porque foi durante essas semanas que descobri o quão profundamente a minha irmã me ama. Nos últimos dezassete anos, só a vi chorar duas vezes—quando o meu pai morreu e quando o Dr. Wilson me deu um atestado de saúde.

De regresso ao trabalho a tempo inteiro, Margaret pressionou-me e convenceu-me a contactar, novamente, o Brad Goetz. Brad, motorista do camião da UPS que faz entregas para O Fio da Meada, é o homem com quem comecei a sair o ano passado. É divorciado e tem a custódia do filho, Cody, de oito anos. Dizer que Brad é bem-parecido é um eufemismo; na realidade ele é lindo de morrer. No primeiro dia em que entrou na loja, empurrar várias caixas de lãs foi o que consegui fazer para evitar que a baba me escorresse pelo queixo. Fiquei tão perturbada que mal consegui assinar a entrega. Convidou-me três vezes antes de, finalmente, concordar em sair com ele para tomar um copo. Dada a minha experiência em relações entre homens e mulheres, tinha a certeza de que me sentiria completamente deslocada a namorar com Brad. Se a Margaret não me tivesse arreliado, nunca teria tido coragem de dizer sim.

Digo sempre que O Fio da Meada é a minha afirmação de vida, mas segundo a minha irmã eu tinha *medo* da vida. Medo de realmente viver, de me aventurar para além do minúsculo e confortável mundo que tinha criado dentro da minha loja de lãs. Ela tinha razão e eu sabia-o, mas mesmo assim resisti. Tinham passado tantos anos desde que tinha estado com outro homem que não fosse o meu pai ou o meu médico, que tinha a

delicadeza de um elefante. Mas Margaret não quis ouvir as minhas desculpas e pouco depois eu e Brad estávamos a tomar um copo juntos, seguido de jantares, piqueniques com o Cody e jogos de futebol. Acabei por gostar do filho de Brad tanto como às minhas duas sobrinhas, Julia e Hailey.

Hoje em dia, eu e Brad vemo-nos bastante. Na altura da suspeita de cancro afastei-o, o que foi um erro como sublinhava frequentemente Margaret. No entanto, Brad perdoou-me e retomámos a nossa relação. Estamos a ser cautelosos—ok, eu é que estou a ir aos poucos, mas Brad não se importa. Ficou escaldado quando a ex-mulher o deixou, afirmando que precisava de se "encontrar a si própria". Temos de pensar também no Cody. O miúdo tem uma relação muito próxima com o Brad e embora o Cody também goste de mim, não quero perturbar esse laço especial entre pai e filho. Até agora, tudo está a correr bem e falamos cada vez mais num futuro juntos. Brad e Cody agora fazem tanto parte da minha vida que não a consigo imaginar sem eles.

Apesar de ter demorado algum tempo, Margaret é finalmente a favor da minha loja de lãs. Depois de um começo tremido, a minha irmã acredita. Aliás, ela está a trabalhar comigo agora. Isso mesmo, nós as duas lado a lado e isso é nada mais nada menos do que um milagre. Pontualmente regredimos, mas estamos a fazer progressos. Estou tão contente por ela estar comigo, em todos os sentidos da palavra.

Antes de me entusiasmar demasiado, quero falar-vos da minha loja. Assim que pus os olhos neste local, vi o seu potencial. Apesar da confusão das obras, dos obstáculos temporários e das mudanças no bairro, percebi que era perfeito. Estava pronta para assinar o contrato de arrendamento antes mesmo de ter entrado. Adorei as grandes montras com vista para a rua. O Whiskers dorme lá quase todos os dias enrolado entre as meadas e novelos de lã. Os vasos com flores lembraram-me imediatamente a primeira loja de bicicletas do meu pai e foi quase como se ele estivesse a dar um sinal de aprovação à minha aventura. O toldo garrido às riscas, apesar de empoeirado, fechou o negócio na minha mente. Sabia que esta pequena loja à moda antiga podia tornar-se no lugar acolhedor que eu tinha imaginado—e tornou-se.

A remodelação da Blossom Street está praticamente concluída. O edifício do banco foi transformado num condomínio de luxo e o clube de vídeo ao lado é agora um café de estilo francês, inteligentemente chamado The French Café. Alix Townsend, que frequentou o meu primeiro curso de tricô para principiantes, trabalhou no antigo clube de vídeo e é de alguma forma apropriado que o seu primeiro trabalho a sério como pasteleira seja exatamente no mesmo local. Infelizmente, o Annie's Café ao fundo da rua está

fechado e vazio, mas o espaço não ficará vazio por muito tempo. Este é um bairro em ascensão.

A campainha por cima da minha porta tilintou quando Margaret entrou. Era a manhã da primeira terça-feira de junho, um dia lindo. O verão chegaria a qualquer momento ao Pacífico Noroeste.

– Bom dia – cumprimentei-a, desviando-me da pequena máquina de café que tenho na sala dos fundos, que é oficialmente o meu escritório.

Ela não me respondeu de imediato e quando o fez foi mais um grunhido do que propriamente uma resposta. Conhecendo a minha irmã e os seus humores, decidi esperar pela hora certa. Se ela tivesse tido uma discussão com uma das filhas ou com o marido, acabaria por me dizer.

– Tenho a máquina de café ligada – disse à medida que ela entrava na sala dos fundos e fechava a mala.

Sem qualquer comentário, a minha irmã tirou uma chávena acabada de lavar do tabuleiro e pegou na cafeteira. O café continuou a pingar, chiando contra a placa quente, mas ela pareceu não reparar.

Por fim, não aguentei mais e a minha decisão de lhe dar uma oportunidade para ultrapassar o mau humor desapareceu. – O que se passa contigo? – perguntei. Tenho de admitir que me senti impaciente; ultimamente, ela tem trazido o seu mau humor para o trabalho com demasiada frequência.

Encarando-me, Margaret esboçou um sorriso tímido. – Nada...desculpa. É que hoje parece-me muito uma segunda-feira.

Uma vez que a loja está fechada à segunda-feira, terça-feira é o nosso primeiro dia de trabalho semanal. Franzi a testa, tentando perceber qual o verdadeiro problema, mas ela tinha adotado uma expressão perfeitamente neutra, que não me dizia nada.

A minha irmã é uma mulher notável, de ombros largos e cabelo escuro e forte. Alta e magra, mas robusta. Continua com o ar da atleta que costumava ser. Contudo, gostaria que ela fizesse algo diferente ao cabelo. Usa o mesmo estilo que usava no liceu, dividido ao meio e liso até aos ombros onde obedientemente vira para dentro, como se o torturasse com um modelador de cabelo. Isso fazia certamente parte da sua rotina de adolescente—o modelador de cabelo, o spray e a escova manuseada vigorosamente. O estilo é clássico e suponho que lhe assenta como uma luva, mas daria tudo para a ver experimentar algo novo.

– Vou anunciar um novo curso – disse eu, mudando rapidamente de assunto, esperando tirá-la daquele humor sombrio.

– De quê?

Ah! Interesse. Era um bom sinal. De uma forma geral, todos os cursos que eu tinha dado correram bem. Tinha dado uma para principiantes, um intermédio e um de Fair Isle, mas havia um que estava há algum tempo a pensar em proporcionar.

– É uma pergunta assim tão difícil?

O sarcasmo da minha irmã sacudiu-me do meu breve devaneio. – Meias – disse-lhe eu. – Vou dar um curso para tricotar meias.

Com as inovadoras lãs para meias novas no mercado, estas eram a atual moda do tricô. Eu vendia várias marcas europeias e adorava a variedade. As minhas clientes também. Algumas das novas lãs foram feitas para criar um padrão complexo quando tricotadas. Achei espantoso ver um par de meias acabado, sabendo que o desenho tinha sido formado pelo fio em si e não por quem tricotou.

– Muito bem. – Disse Margaret com um encolher de ombros. – Suponho que vais sugerir tricotá-las com agulhas circulares em vez de pelo método de dupla ponta. – disse casualmente.

– Claro. – Prefiro usar duas agulhas circulares.

Margaret prefere o croché e, embora saiba tricotar, não o faz com regularidade. – Parece haver muito interesse em meias ultimamente, não é verdade? – O seu tom ainda era casual, quase indiferente.

Conhecia muito bem a minha irmã. Ela tinha sempre uma lista de três ou quatro motivos pelos quais qualquer ideia minha não resultaria. Tinha-se tornado praticamente um jogo entre nós. Eu fazia uma sugestão e ela instantaneamente dizia-me porque é que estava destinada a falhar. Senti falta de ter de defender a minha ideia.

– Então, pensas que um curso de meias agradaria às nossas clientes? – não pude deixar de perguntar. Jesus Cristo, tinha de haver algo de drasticamente errado com ela.

Pessoalmente, gostava de tricotar meias, independentemente da popularidade atual. O que mais me atraía era o facto de um par de meias ser um projeto pequeno. Depois de terminar uma manta ou uma camisola Fair Isle, geralmente queria um projeto que pudesse concluir rapidamente. Depois de tricotar durante horas intermináveis, achava gratificante ver uma meia formar-se quase imediatamente. As meias não exigiam grande investimento quer de tempo quer de lã e davam presentes maravilhosos. Sim, as meias

seriam definitivamente a minha escolha para este novo curso. Uma vez que terça-feira era o meu dia menos movimentado, fazia sentido que as aulas fossem nesse dia.

Margaret assentiu em resposta à minha pergunta. – Penso que um curso de meias definitivamente atrairia as amantes de tricô – murmurou.

Olhei para ela e, por um instante, pensei ter visto um brilho de lágrimas nos seus olhos. Olhei mais fixamente. Como já mencionei, Margaret raramente chora. – Estás a sentir-te bem? – perguntei, mantendo por precaução a minha voz suave. Não me queria intrometer, mas se realmente algo *estivesse* mal, ela precisava de saber que eu estava preocupada com ela.

– Para de me perguntar isso – explodiu.

Suspirei de alívio. A velha Margaret estava de volta.

– Podes fazer um cartaz para a montra? – perguntei. Ela tinha muito mais capacidade artística do que eu e tenho vindo a delegar nela os avisos e letreiros para a montra.

Sem grande demonstração de entusiasmo, voltou a encolher os ombros. – Terei um pronto antes do meio-dia.

– Ótimo. – Caminhei até à porta da frente, destranquei-a e virei o sinal de Fechado para Aberto. Whiskers espreitou do seu poleiro na montra da frente, onde preguiçava ao sol da manhã. No vaso da montra tinham desabrochado gerânios reais vermelhos. A terra parecia ressequida por isso enchi o regador e levei-o para fora. Pelo canto do olho vi um vestígio de castanho quando um camião virou a esquina. Uma sensação de felicidade invadiu-me. *Brad.*

Bingo, ele encaixou o grande camião no espaço à frente da Florista Fanny, a loja ao lado da minha e saltou do camião, sempre a sorrir para mim.

– Está uma bela manhã – disse eu, a desfrutar do sorriso dele. Este homem sorri com o coração todo, com todo o seu ser e tem os olhos do azul mais intenso. São como um farol para mim. Juro que os consigo ver a quilómetros de distância, de tão azuis. – Tens uma entrega de lãs? – perguntei.

– Sou a única entrega que tenho para ti hoje, mas tenho alguns minutos se houver café pronto.

– Há. – Era o nosso ritual. Brad parava na loja duas vezes por semana, com ou sem entrega de lãs—com mais frequência se ele conseguisse. Nunca ficava muito tempo. Enchia a sua caneca térmica, aproveitava a oportunidade para me roubar um beijo e voltava para as suas entregas. Como sempre, segui-o até à sala dos fundos, fingindo-me

surpreendida quando me envolveu no seu abraço. Adoro os beijos do Brad. Desta vez, começou na minha testa e depois, gradualmente, desceu pela minha cara abaixo até chegar aos meus lábios. À medida que a sua boca se movia sobre a minha, sentia descargas elétricas em cada centímetro do meu corpo. Ele tem esse efeito em mim —e tem perfeita consciência disso.

Ele segurou-me apenas o tempo suficiente para me deixar recuperar o equilíbrio. Depois soltou-me e pegou na cafeteira. Tinha a testa franzida quando se virou.

– Há algum problema entre a Margaret e o Matt? – perguntou.

Abri a boca para lhe garantir que tudo estava bem, mas antes de poder pronunciar uma palavra, parei. De repente percebi que não sabia. – Porque perguntas?

– A tua irmã – disse ele baixinho. – Ultimamente ela não tem estado em si. Não reparaste?

Acenei com a cabeça. – Definitivamente algo se passa com ela – concordei, lembrando-me de como ela tinha recusado a oportunidade de travar uma batalha verbal comigo.

– Queres que lhe pergunte? – perguntou Brad, esquecendo-se de sussurrar.

Fiz uma pausa, com medo de que a Margaret se ofendesse e se passasse com Brad da mesma forma que se passou comigo. – Talvez não – mas depois mudei de ideias. A minha irmã estava ela própria meio apaixonada pelo Brad. Se havia alguém que conseguisse passar pela barreira protetora dela, seria ele. – Talvez, mas não agora.

– Quando?

– Talvez devêssemos juntarmo-nos os quatro em breve.

Brad abanou a cabeça. – Seria melhor se o Matt não estivesse por perto.

– Certo. – Mordisquei o meu lábio inferior. – Tens mais alguma ideia?

Antes que ele pudesse responder, Margaret abriu a cortina que dava para a sala dos fundos e olhou-nos fixamente. Brad e eu nem reagimos de tão culpados que nos sentimos.

– Oiçam, pombinhos, se vão falar de mim sugiro que baixem o tom de voz. – Com isso, deixou cair a cortina e entrou na loja com passadas largas.

Capítulo 2 - *Elise Beaumont*

A reforma era tudo o que Elise Beaumont tinha esperado que fosse e tudo o que ela tinha temido. Havia o lado positivo, o alarme do radiodespertador tinha sido desligado permanentemente. Acordava quando o corpo lhe dizia que já não precisava de dormir, comia quando sentia fome e não durante a pausa estabelecida pela biblioteca da escola.

Depois havia o lado negativo. Durante anos, ela tinha poupado e guardado, porque pretendia construir a sua própria casa no seu pequeno pedaço de terreno. Após meses de procura, meses de visitas a bairros habitacionais encontrou a área e o bairro com que sempre tinha sonhado. Ficava nos subúrbios da cidade e, apesar de não ter vista para o mar ainda assim era bonito, com vista para um bosque de coníferas. Conseguia imaginar-se a tomar café no seu pequeno pátio, vendo veados a surgir das árvores logo pela manhã. Devastou a sua conta destinada a investimentos e deu como entrada uma grande parcela do dinheiro. Tinha assumido que o empreiteiro era de confiança; na realidade, não era. Ela, juntamente com vários outros, tinha sido enganada e roubada. Um mês depois do investimento, a empresa declarou falência e como resultado não tinha casa, não tinha poupanças e acumulava despesas legais. Foi um pesadelo, que continuou a piorar.

Deitada na cama, pensava em como durante anos tinha querido viajar, ir além de Puget Sound onde tinha nascido e crescido. Bem, agora não tinha como fazê-lo. Mas pela primeira vez na sua vida adulta sentiu vontade de seguir a sua veia criativa. Planeou recomeçar a tricotar e ter aulas de pintura a óleo. Tendo passado a maior parte da sua carreira à volta de livros, divertia-a a ideia de escrever um romance. Talvez uma história para crianças...Estava disposta a tentar qualquer coisa—uma vez resolvido o processo judicial contra o empreiteiro. Até lá, limitava-se a cismar com a sua falta de recursos e com a batalha legal que tinha pela frente.

A sua vida estava em suspenso até se ver livre desta trapalhada. Era um jogo de espera a partir do momento em que os advogados deram entrada da papelada e o processo decorria através do sistema judicial. Na melhor das hipóteses, nunca menos de um ano antes que ela e os outros pudessem ver nem que fosse uma fração do seu dinheiro. *Se vissem e isso era um grande se.* Tudo o que podia fazer era ter esperança e rezar para que nem tudo estivesse perdido.

Os problemas com o empreiteiro foram apenas o início das suas dificuldades. Certa de que a sua casa estaria terminada a tempo, ela não renovou o contrato de arrendamento do seu apartamento. Tinha sido um erro básico. Em Seattle a oferta de casas

era reduzida e não só seria difícil encontrar um novo apartamento, como a aterrorizava usar a maior parte da sua pensão num apartamento sobrevalorizado. Por sugestão da filha, Elise tinha ido viver com ela. Por pouco tempo, tinha prometido a si própria. Todavia, já tinham passado seis meses...

Não—Elise recusava-se a perder mais um segundo que fosse a pensar neste desastre financeiro. Só a deprimia. Na ânsia de ter a sua própria casa, tinha perdido praticamente tudo. Pelo menos tinha saúde, a sua filha e os seus netos, a sua sanidade.

– Vó, Vó – gritava John, de seis anos, enquanto batia insistentemente à porta do quarto dela. – Estás acordada? Quero entrar, ok?

Elise deslizou para fora da cama e abriu a porta do quarto. O neto sardento sorria com ar malandro. Tinha o cabelo cor de cenoura e espetado tal como o de Maverick. A cor do cabelo do seu neto mais novo fazia-lhe lembrar muitas vezes o ex-marido. Elise tinha-o visto poucas vezes ao longo dos últimos trinta anos. Como tinha conseguido conhecer, quanto mais casar, com um jogador profissional era algo que até hoje não conseguia explicar. Ele tinha sido a sua única aventura selvagem e impulsiva.

Mas...como ela o tinha amado. Elise tinha-se apaixonado perdidamente por aquele homem. Casaram poucas semanas depois do primeiro encontro—que, de todos os lugares possíveis, tinha acontecido numa mercearia. Pouco tempo depois, nasceu Aurora, mas os problemas já tinham começado. Na altura, Marvin “Maverick” Beaumont trabalhava numa companhia de seguros, mas tinha um vício em cartas e jogo, que quase os destruiu aos dois. Por fim, Elise sentiu que não tinha outra alternativa senão deixá-lo. Sempre que ela o ameaçava com divórcio, ele implorava-lhe que reconsiderasse, implorava que lhe desse outra oportunidade, mas o padrão repetia-se até que Elise finalmente percebeu que tinha de o tirar da sua vida. Ainda doía. Nunca mais amou outro homem com a mesma intensidade com que tinha amado Maverick. Tinha tentado, mas mais ninguém a tinha feito sentir como ele tinha feito.

Fez um esforço verdadeiro para socializar com esperança de voltar a casar. O mais perto que Elise esteve foi quando Aurora fez quinze anos, mas descobriu que Jules, um músico de uma Orquestra Sinfónica com quem namorava, tinha uma esposa e duas filhas a viver em São Francisco. Devastada, tinha evitado relacionamentos desde então. Havia vantagens em levar uma vida simples.

Com um ar perturbado, a filha de Elise entrou no corredor. – John, eu disse-te para deixares a avó em paz – ralhou Aurora. Pegou-lhe no braço e arrastou-o para longe da

porta de Elise. – Desculpa mãe. Eu disse aos rapazes para a deixarem dormir esta manhã – acrescentou, lançando um olhar pesaroso a Elise.

– Não faz mal, eu estava acordada. – Morar com a filha, uma mãe a tempo inteiro, e a família podia não ter feito parte dos seus planos de reforma, mas, de momento, essa solução servia às duas. A sua mobília estava num armazém e a sua vida em suspenso, mas ela tinha um teto sobre a cabeça.

Enquanto Elise esperava que o processo chegasse ao fim, pagava renda à Aurora e a David. Era uma quantia pequena, por insistência deles, mas era um suplemento ao apertado orçamento familiar. Elise também ajudava a filha com as crianças. O genro, David, era especialista em informática, criava sistemas de software para empresas por toda a América do Norte e estava frequentemente ausente, uma ou duas semanas de cada vez. Elise e Aurora, sempre muito próximas, faziam companhia uma à outra e Elise apreciava o estímulo e apoio da filha.

– Podes levar-nos ao parque esta tarde? – pedinchou John.

– Talvez – disse Elise, que odiava recusar-lhe fosse o que fosse. – Tenho algumas coisas a fazer esta manhã e não sei quanto tempo vão demorar.

– Posso ir contigo? – John era um rapaz adorável, desejoso de sair e ver e fazer.

Tinha entrado no mundo a correr, um mês antes do previsto, e ainda não tinha parado. – Não, querido, esta manhã tens de ir para o jardim de infância.

O seu rosto esmoreceu instantaneamente, mas aceitou a recusa dela com um encolher de ombros bem-disposto e desapareceu rapidamente pelo corredor para se juntar ao irmão mais velho.

– Pensei em ir a Blossom Street e ver aquela loja de lãs – disse Elise à filha.

Apercebia-se que Aurora estava animada por ela voltar a interessar-se em tricotar. Depois da última visita ao escritório do advogado, Elise tinha caminhado pela rua renovada, reparou na loja de lãs e mencionou-a a Aurora.

Elise ficou agradavelmente surpreendida com as mudanças em Blossom Street. Durante anos, aquela zona pareceu uma tristeza com estabelecimentos de aspeto desleixado. As renovações não foram o que ela esperava. Em vez de demolir os edifícios mais antigos, o arquiteto recuperou-os e reavivou um bairro em decadência. As lojas eram atrativas com toldos, flores e expositores no passeio. A impressão com que tinha ficado era de um bairro acolhedoramente tradicional, um pequeno mundo encantador só por si. Era difícil acreditar que apenas a alguns quarteirões se erguiam arranha-céus. Mesmo ao

fundo da colina estavam as empresas financeiras, consórcios de seguradoras e outras grandes empresas que constituíam o centro de Seattle.

Enquanto olhava para a montra da O Fio da Meada, Elise apercebeu-se de um cartaz que anunciava aulas de tricô. Podia não ser capaz de desfrutar da sua reforma como tinha esperado, mas também não ia tornar-se uma reclusa com medo de gastar um cêntimo. Além disso, tricotar podia manter a sua mente longe das dificuldades financeiras.

Depois de tomar uma chávena de chá no quarto, Elise vestiu-se. Tinha conseguido manter a sua figura esguia e escolheu um fato-calça cor de pêssego, que era ao mesmo tempo elegante e confortável. Embora estivesse um início de junho ensolarado, o tempo permanecia fresco e precisaria do casaco a condizer assim que saísse. Prendeu um pequeno camafeu rosa sobre a blusa branca. Era a joia mais bonita que possuía. Maverick tinha-a oferecido ainda antes de se casarem e ela adorava-a e usava-a frequentemente.

Diga-se a verdade, Maverick tinha-se mantido em contacto com a filha, embora não tão regularmente como Elise achava que ele devia. Pela sua parte, não queria ter nada a ver com ele, mas não negaria a Aurora a oportunidade de se relacionar com o pai; nunca o tinha feito. Considerava a relação deles totalmente separada da dela. Parou e franziu a testa. Pela segunda vez naquela manhã tinha pensado em Maverick. Não que ela alguma vez o tivesse realmente esquecido—como poderia com o neto tão semelhante fisicamente—mas raramente se permitia aquele tipo de memórias. Não *queria* pensar nele ou recordar os dias e noites de amor.

Depois de passar uma escova pelo cabelo castanho, que lhe chegava aos ombros, amarrou-o na nuca. Não ter o cabelo grisalho era a sua única vaidade. A mão congelou-lhe com mais uma memória a envolver-lhe o coração. Maverick adorava que usasse o cabelo solto. Na biblioteca, usava-o preso num coque, mas no final do dia a primeira coisa que fazia era tirar os ganchos e soltar as grossas mechas de cabelo. Ele sussurrava "Rapunzel, Rapunzel" e ela sorria... Irritada, apertou os lábios e afastou o pensamento da mente.

Aurora estava a pôr leite nas tigelas já com cereais quando Elise entrou na cozinha.

– Estás bonita, mãe – comentou.

Os elogios deixavam-na embaraçada e Elise desvalorizou as palavras da filha com um abanão de cabeça.

– Tenham um bom dia de escola– disse aos rapazes, abrindo a porta da frente.

Eles viram-na sair, com um olhar desalentado, como se ela os tivesse abandonado a um destino cruel. Os netos eram a sua alegria, mas ela não sabia como Aurora conseguia. Admirava os dotes da filha como esposa e mãe.

Elise temia, por vezes, ter falhado em ambos os aspetos. Nunca esteve destinada a ser esposa e os seus dois anos de vida de casada tinham provado isso mesmo. Aurora foi o único tesouro que conseguiu salvar daquele casamento naufragado. A filha, com 1,80 m tal como o pai, foi uma bênção sem comparação. Mais do que Elise gostava de admitir, eles tinham amadurecido juntos. Felizmente, tinham ficado próximos.

Maverick pagou religiosamente todos os meses a pensão de alimentos e, quando estava inspirado telefonava a Aurora de onde quer que estivesse a viver, o que parecia ser de uma parte diferente do país de cada vez. Logo após o casamento, Maverick tinha desistido de qualquer pretensão de ter um trabalho vulgar—embora tivesse tido bastante sucesso como vendedor de seguros—e dedicou a sua energia ao jogo. As raízes eram um obstáculo para um jogador profissional. E se assentar não era compatível com a vida de um jogador, uma família era-o ainda menos. Enquanto Elise dava à luz, o seu querido marido tinha começado um jogo de póquer na sala de espera e acabou por perder o nascimento da sua única filha.

Elise apanhou o autocarro 47, desceu Pill Hill em direção a Blossom Street e desceu três paragens antes da Biblioteca Pública de Seattle, que tinha sido recentemente submetida a uma enorme renovação. Através do seu trabalho na biblioteca da escola, Elise tinha conhecido alguns dos bibliotecários mais influentes de Washington, incluindo Nancy Pearl, que organizou o programa "Se Todos em Seattle Lessem o Mesmo Livro". Por todo o país, cidades grandes e pequenas, seguiram o exemplo de Seattle. Elise ficou encantada por esta ideia se ter tornado tão popular, demonstrando que a biblioteca continuava a ser uma parte importante da comunidade.

Ao sair do autocarro, manteve a mala bem junto a si. A zona já tinha sido conhecida pelos seus carteiristas e assaltantes. Não parecia ser esse o caso agora, mas nunca se podia ser demasiado cuidadoso.

Passou pela Fanny Florista e parou para admirar um arranjo de cravos roxos. Nunca tinha visto cravos daquela cor e ficou tentada a levar para casa um bouquet para Aurora. Talvez não devesse gastar dinheiro em flores, mas mesmo assim... Bem, iria pensar nisso.

Um gato de pelo riscado dormia enrolado na montra da loja de lãs. Elise abriu a porta e uma pequena campainha tocou. Aparentemente habituado ao som, o gato não se mexeu.

– Bom dia. – Saudou-a agradavelmente uma mulher. Uma outra mulher mais velha estava junto ao balcão e acenou com a cabeça a Elise.

– Está sim – disse ela, sentindo-se instantaneamente acarinhada pela simpatia da mulher mais jovem. Era uma loja atrativa, bem organizada sem estar apinhada de lãs. Elise gostou de poder ver por cima de cada vitrine. – Vim perguntar sobre as aulas – disse absorta pelas cores e texturas que a rodeavam. Havia projetos dispostos por cima das caixas, inteligentemente colocados em estruturas de arame. Uma camisola tricotada com um dinossauro na frente atraiu o seu olhar. Tanto Luke como John iriam adorar. Talvez um dia a fizesse para os netos.

– Estamos a aceitar inscrições para um curso de meias esta semana.

– Meias – repetiu Elise sem a certeza de este ser um projeto que a interessasse. – Já tricotei com cinco agulhas antes, mas já foi há muito tempo.

– Estas são tricotadas com duas agulhas circulares – disse-lhe a mulher. – Veja, deixe-me mostra-lhe o que quero dizer. – Levou Elise ao corredor central, onde uma fileira de pés em plástico exibia meias tricotadas. Os padrões eram complexos— complicados demais para Elise. Há anos que não pegava em agulhas de tricotar e não estava disposta a sabotar os seus esforços com um projeto acima das suas capacidades.

Estava prestes a dizer isso mesmo quando a mulher explicou que os desenhos faziam parte do próprio fio.

– Quer dizer que não tenho de fazer mais nada além de tricotar?

– Correto. Ao tricotar o fio é que forma o padrão. – E passou a explicar as condições do curso, o dia e o custo, que incluía todos os materiais necessários. – A propósito, chamo-me Lydia Hoffman e esta é a minha irmã Margaret. Ela trabalha comigo.

– Elise Beaumont – disse e sorriu para as duas mulheres. Observando melhor, tornou-se óbvio que elas eram parentes. A mais velha, Margaret, tinha ossos largos, mas a outra, Lydia, era pequena, com traços delicados. Contudo, os seus rostos eram semelhantes com maçãs do rosto salientes e grandes olhos escuros. Quando percebeu que as estava a olhar fixamente, acrescentou – Reformei-me recentemente e pensei em voltar a tricotar.

– É uma ideia *maravilhosa*.

Elise sorriu com o entusiasmo de Lydia. Margaret voltou a sua atenção para o que estava a fazer no balcão, que aparentemente envolvia catálogos e notas de encomenda.

– Um curso parecia uma boa forma de começar. – disse Elise.

Lydia assentiu. – Estou tão contente por ter decidido passar por cá. – E avançou em direção ao fundo da loja, onde estava uma mesa e cadeiras. – Se estiver livre às sextas-feiras à tarde gostaria de a convidar também para as nossas sessões solidárias de tricô.

– Outro curso? – Elise só podia pagar um.

– Não exatamente. Não tem custos. Algumas das minhas clientes habituais vêm aqui tricotar para diferentes projetos e organizações de caridade. Seria muito bem-vinda, Elise. – Lydia falou sobre a Warm Up America, o Projecto Linus e sobre o ChemoCaps, para pessoas em tratamentos de quimioterapia.

– Disponibiliza as lãs? – perguntou, consciente mais uma vez do seu orçamento limitado.

– Na verdade, sim – disse Lydia. – Ou pelo menos parte dela. Tenho mecenas que doaram restos de lãs para os cobertores da Warm Up America e quem comprar lã para um dos outros projetos pode comprá-la com desconto.

– Talvez faça isso. – A agenda de Elise estava praticamente vazia e estava à procura de formas de a preencher. Até agora, tinha-se juntado a um grupo de leitores que se reunia uma vez por mês numa filial da Biblioteca Pública de Seattle e tinha-se voluntariado para dobrar os boletins informativos da igreja. Uma fervorosa apoiante do banco de sangue local, também se tinha oferecido para tratar do secretariado todas as segundas-feiras de manhã.

– Gostaria de se inscrever no curso de meias? – insistiu Lydia. – Tenho a certeza de que iria gostar.

Mais uma vez Elise animou-se com a simpatia da outra mulher. – Sim, penso que sim. – Abriu a mala e tirou o livro de cheques. – Quantas pessoas frequentarão o curso? – perguntou ao assinar o cheque.

– Gostaria de o limitar a seis.

– Tem havido muito interesse?

– Ainda não, mas só coloquei o anúncio na montra terça-feira de manhã. É a primeira pessoa a inscrever-se.

– A primeira, – repetiu Elise e por razões que ela só conseguia supor, ser a primeira deu-lhe uma sensação de prazer.

E decidiu, finalmente, comprar aquelas flores para Aurora.

Capítulo 3 - *Bethanne Hamlin*

Não era suposto ser assim, lamentou Bethanne Hamlin ao aproximar-se da entrada da sua casa na zona de Capitol Hill. A casa, construída nos anos 1930 antes de se considerar inseguro e inviável usar tijolos em cima de uma falha sísmica, tinha sido a sua casa de sonhos. Tinha-se apaixonado por ela no momento em que a viu. Tinha um caminho curto e íngreme que terminava na garagem, na cave. Degraus em betão levavam a um pequeno alpendre e a porta da frente era arredondada, sempre a viu como a porta das cabanas dos contos de fadas. No segundo andar, o quarto sobressaía na fachada com o seu telhado em triângulo e uma janela com vista sobre todo o bairro. Bethanne sentava-se frequentemente no assento daquela janela e lia ou sonhava acordada. Foi nesta linda casa que viveu outrora a sua vida perfeita. A sua vida de conto de fadas...

Desligou o motor do seu Plymouth já com cinco anos e ficou sentada no carro, procurando a determinação e a força para entrar em casa com um sorriso no rosto. Respirando fundo, saiu do carro e tirou as compras do banco de trás.

– Cheguei. – Anunciou ao abrir a porta da frente, dando o seu melhor para parecer alegre.

Sentiu-se aliviada quando apenas o silêncio a saudou.

– Andrew? Annie? – Posou o saco das compras na bancada da cozinha, encheu a chaleira e colocou-a ao lume. Antes do divórcio nunca tinha sido grande apreciadora de chá, mas no último ano tornou-se praticamente viciada, bebendo duas ou três canecas por dia.

– Estou em casa. – Anunciou uma segunda vez. Mais uma vez, sem resposta.

Após alguns minutos, a chaleira começou a assobiar e ela deitou a água fumegante na caneca de loiça, que outrora pertencera à sua avó, sobre os saquinhos de chá Earl Grey. Depois levou-a para a mesa do pequeno-almoço.

Sentada no pequeno nicho, tentou dar sentido à sua vida. Tentou dar sentido a tudo o que lhe tinha acontecido a si e aos filhos nos últimos dois anos. Já nada parecia certo. Era como se as estações já não se seguissem umas às outras pela ordem certa. Ou como se a lua tivesse subitamente substituído o sol... Ainda tinha dificuldade em compreender o que tinha acontecido—e porquê.

Tudo tinha começado há dezasseis meses, na manhã do Dia dos Namorados. Os miúdos tinham acordado e estavam a fazer barulho nos quartos, preparando-se para a escola. Um pouco antes, quando ouviu Andrew e Annie a disputar a casa de banho, vestiu o roupão e ia descer até à cozinha para fazer o pequeno-almoço. Mas, ao chegar à porta, reparou no marido sentado na cama de joelhos fletidos e com o rosto entre as mãos. O primeiro pensamento de Bethanne foi que Grant estava engripado. Em qualquer outra manhã, ele já estaria acordado e vestido para o trabalho. Ele adorava o seu trabalho como agente numa empresa imobiliária de sucesso e ganhava o suficiente para que Bethanne pudesse ficar em casa com as crianças; desde o nascimento de Andrew e, treze meses depois, de Annie, ela achou que as crianças deveriam ser a sua carreira. Grant tinha apoiado a sua decisão. Ele gostava que ela estivesse em casa disponível para ele e para as crianças e apreciava os elegantes jantares de negócios que ela preparava, frequentemente, para ele e para os seus colegas.

– Grant? – perguntou, absolutamente sem qualquer suspeita do que viria a seguir.

Ele olhou para cima e Bethanne leu uma dor tal nos seus olhos que se sentou na cama e lhe pôs a mão no ombro. – O que se passa? – perguntou gentilmente.

Grant parecia não conseguir falar. Abriu a boca como se fosse começar, mas as palavras não saíam.

– Mãe! – gritou Annie do fundo das escadas. – Preciso de ti.

Dividida entre as necessidades do marido e as dos filhos, Bethanne hesitou, mas depois apertou o braço de Grant. – Já volto. – Na realidade, demorou dez minutos e ambos os miúdos já tinham saído de casa quando ela regressou.

Quando entrou no quarto, a posição de Grant permanecia inalterada e a sua expressão continuava sombria.

– Diz-me, – sussurrou impaciente, com a mente a rodopiar enquanto se perguntava o que se poderia estar a passar. Grant tinha ido ao médico para um exame físico na semana anterior; tudo parecia estar bem, mas tinha feito análises de rotina. Talvez o Dr. Lyman tivesse encontrado alguma coisa e Grant só agora lhe pudesse dizer. Ela sentou-se novamente ao seu lado, fazendo o colchão baixar ligeiramente sob efeito do peso.

– É Dia dos Namorados. – declarou Grant com uma voz tão rouca que não parecia ele.

Ela beijou-lhe a face e sentiu-o ficar rígido. – Grant, por favor, diz-me o que se passa.

Ele começou então a chorar, com enormes soluços que lhe sacudiam o corpo todo. Em vinte anos de casamento poucas vezes se lembrava do marido mostrar uma emoção tão profunda. – Eu não te quero magoar – lamentou.

– Conta-me!

Ele agarrou-lhe os ombros, cravando os dedos dolorosamente na sua pele. – És uma boa mulher, Bethanne, mas... – ele vacilou. – Mas eu já não te amo.

A princípio, ela só conseguiu pensar que se tratava de uma brincadeira e deu uma risada. – Como assim, já não me amas? Grant, estamos casados há vinte anos. *Claro* que me amas.

Ele fechou os olhos como se não suportasse olhar para ela. – Não, não amo. Lamento, lamento muito, eu tentei. Deus sabe que eu tentei. Não posso continuar mais com esta... esta charada.

Bethanne olhava atónita para Grant. Este era o homem que ela tinha amado e com quem tinha dormido durante todos estes anos e de repente, num piscar de olhos, tinha-se tornado um estranho.

– O que aconteceu? – perguntou ela hesitante.

– Por favor – implorou ele – não me obrigues a dizê-lo.

– Dizer o quê? – Naquele momento, ela estava mais perplexa do que zangada. Em vez de levar as palavras dele a peito, Bethanne entrou imediatamente em modo resolução de problemas. O que quer que estivesse mal poderia ser arranjado, como se repara uma torneira partida ou uma tomada avariada. Bastava chamar um canalizador ou um electricista. O que quer que estivesse errado precisava, simplesmente, da atenção apropriada e depois tudo voltaria a funcionar como antes.

– Há um motivo para eu já não te amar – disse o marido por entre os dentes cerrados. Atirou o edredão para o lado e levantou-se da cama. A sua óbvia irritação surpreendeu-a.

– Grant, o que é que te deu?

Ele pegou nas calças, vestiu-as e fechou o fecho. – És mesmo assim tão lerda ou preciso de fazer um desenho?

Numa fração de segundos ele tinha passado das lágrimas à tirania. – Desenhar o quê? – perguntou, levantando inocentemente as mãos para receber tudo o que ele lhe tivesse para dizer. Estava mais chocada com a sua rudeza do que com o que ele dizia.

Ele fez uma pausa, já com um braço na manga da camisa e disse sem olhar para ela e sem emoção. – Há outra pessoa.

Então Bethanne atingiu, finalmente percebeu. – Estás a ter um... caso? – sentiu-se dormente e a boca ficou instantaneamente seca. A língua parecia ter inchado até ao dobro do tamanho normal, tornando a fala impossível. De forma alguma isto podia ser verdade. Ela recusava-se a acreditar—Grant nunca a trairia assim. Ela *saberia* se ele a estivesse a trair. Os homens tinham casos nos filmes e nos livros. Era o tipo de coisa que acontecia a outras mulheres, em outros casamentos, não no dela. Ela agarrou-se, naqueles primeiros minutos, a uma sensação surreal de negação enquanto ele continuava a vestir-se para o trabalho.

– Quando? Como? – conseguiu gaguejar.

– Conhecemo-nos no escritório – disse Grant. – Ela é outra agente, entrou recentemente na empresa. – Suspirou profundamente. – Tentei fazer com que funcionasse entre nós, mas não vale a pena. Não queria que isto acontecesse. – Havia um tom suplicante na sua voz, rapidamente substituída pela raiva. – Raios, Bethanne, não tornes as coisas mais difíceis do que já são. – Como se tivesse planeado durante dias, ele abriu a porta do roupeiro e tirou uma mala, que pôs na cama.

– Vais... embora?

Ele respondeu abrindo as suas gavetas da cómoda e tirando a sua roupa. Bethanne encolheu-se ao vê-lo atirar uma pilha de camisolas interiores bem dobradas para o fundo da mala. Grant era extremamente exigente com as suas T-shirts, que tinham de ser dobradas de forma específica. Ele era metucioso em todos os aspetos da sua aparência e esse perfeccionismo ia para além do cabelo e da roupa.

– Para... para onde vais? – A sua cabeça estava apinhada de perguntas e parecia que as mais desnecessárias vinham à cabeça primeiro.

– Vou viver com a Tiffany. – Anunciou.

– Tiffany? – Bethanne repetiu e por que encontrou humor no meio do momento mais horrível da sua vida nunca iria saber. De repente desatou a rir. – Vais deixar-me por uma mulher chamada *Tiffany*?

Ele olhou para ela como se ela estivesse louca e, naquela altura, talvez ela estivesse. – *Vai* – disse ela, quase irrefletidamente, dispensando-o com um gesto da mão. – Só quero que vás.

Para provar o seu ponto de vista, ela desceu até à cave, pegou numa segunda mala, ainda maior, e levou-a para o quarto deles. Enquanto descia e voltava a subir as escadas, esquadrihava a mente, tentando lembrar-se se alguma vez tinha conhecido esta Tiffany. Tanto quanto se lembrava, não tinha. O escritório de Grant estava cheio de mulheres, mas

ela nunca suspeitou que ele fosse capaz de tal traição. Embora já estivesse ofegante por ter arrastado a mala grande por dois lances de escadas, nem parou para respirar, a sua raiva carregou-a.

Atirou descaradamente a mala vazia para a cama, espalhando uma nuvem de poeira sobre o edredão branco, que ignorou. Depois escancarou a porta do roupeiro, agarrou nos fatos dele pelo meio e puxou-os para fora, ainda nos cabides. Sem cerimónias, enfiou-os dentro da mala.

– Bethanne! – gritou ele. – Para com isso.

– Não – berrou a plenos pulmões. Depois, mais calmamente perguntou – Há quanto tempo dura esta coisa entre ti e a Tiffany? – Ele não respondeu e ela continuou – Quantos anos tem ela, afinal? – Começada aquela linha de interrogatório, ela não conseguia parar. – Ela também é casada, ou serei eu a única a ser posta de lado?

Grant recusou enfrentar o seu olhar. – Há quanto tempo?

Mais uma vez Grant recusou-se a olhar para ela enquanto ela lhe fazia as malas. Ela tinha começado por atirar a roupa, mas rapidamente regressou ao hábito—dobrar, endireitar, arranjar.

– Um mês? Dois meses? Quão boa é ela na cama?

– Bethanne, não.

– Há quanto tempo? – Ela não iria parar até que ele lhe dissesse a verdade.

Grant soltou um suspiro penoso como se a implacabilidade dela o tivesse deitado abaixo. – Dois anos.

– *Dois anos!* – gritou, consumida pela raiva. – Sai desta casa. – Ele assentiu.

– Sai e não voltes – Naquele momento, ela falava a sério. Mas pouco tempo depois, ela queria-o desesperadamente em casa de novo. Embaraçava-a agora lembrar-se do seu desespero em reconquistar o afeto do marido. Ela estava disposta a fazer qualquer coisa—fazer terapia, implorar, subornar, conversar com ele. A dada altura, pouco antes da audiência final, ela teria trocado dez anos da sua vida para Grant regressar à sua família.

Mas quando Grant saiu de casa e foi viver com Tiffany, não tinha qualquer intenção de regressar. Isso quase a destruiu. Eventualmente, teve de aceitar: Grant nunca regressaria a casa. Ele já não a amava e nada do que ela dissesse ou fizesse o faria mudar de ideias.

O seu casamento estava morto e enterrá-lo tinha virtualmente obliterado a sua autoestima. Se não fossem os filhos, Bethanne não sabia o que poderia ter feito. Andrew e Annie precisavam dela mais do que nunca e só por eles é que continuou.

Quando finalmente procurou um advogado, o homem foi claro e prestável; tinha conseguido o que parecia ser um acordo financeiro justo. Grant renegociou o empréstimo da casa pela terceira vez e pagou os carros e os cartões de crédito com o que sobrou da diferença, pelo que ambos estavam basicamente livres de dívidas. Ficou determinado que ele lhe pagaria uma pensão durante dois anos, mais a pensão de alimentos até as crianças terminarem o liceu. As despesas da faculdade seriam partilhadas. Até agora nunca tinha atrasado um cheque, mas o Estado tinha-se certificado disso. Bethanne teria de encontrar um emprego em breve, mas por uma dúzia de razões diferentes ela tinha adiado.

Tinham passado seis meses após a conclusão do divórcio e o nevoeiro estava apenas a começar a levantar. Disse a si própria que tinha de viver um dia de cada vez enquanto aprendia a lidar com o que a sua família e amigos chamavam de "nova realidade". O problema é que ela preferia a sua *antiga* realidade....

Bethanne bebericou o chá, que tinha começado a arrefecer. Acordou dos seus pensamentos quando a porta da cozinha se abriu de rompante e Annie, de dezasseis anos, entrou corada e a suar com mechas de cabelo molhado coladas ao rosto. Usava um top e calções de licra e tinha, aparentemente, feito uma longa corrida. Dado que Annie sempre se sentiu próxima do pai, para ela o divórcio foi particularmente duro. Pouco depois de Grant se ter mudado, Annie começou a correr e muitas vezes corria oito e até dezasseis quilómetros por dia. Infelizmente, essa não foi a única mudança no comportamento da filha. Os novos amigos que ela tinha feito eram uma preocupação maior.

Bethanne preocupava-se constantemente com Annie e com as suas companhias. A raiva da rapariga estava direccionada para Tiffany e Bethanne suspeitava que os novos amigos de Annie a encorajavam a atos absurdos. Embora Bethanne não fosse fã da outra mulher, que tinha descoberto ser quinze anos mais nova do que o seu ex, tinha medo de que Annie pudesse fazer algo estúpido na ânsia de retaliar contra Tiffany, algo que envolvesse a polícia.

Andrew tinha contado várias vezes a Bethanne as muitas coisas que ele tinha sabido que Annie tinha feito. Estas incluíam subscrever revistas pela Tiffany, deixar o nome e contacto dela com equipas de vendas e marcar compromissos em nome da Tiffany. No entanto, sempre que Bethanne tentou trazer o assunto à baila, Annie permanecia num silencioso desdém.

– Não me deixaste um bilhete. – Bethanne repreendeu suavemente Annie enquanto ela caminhava até ao frigorífico e retirava uma garrafa de água fresca.

– Desculpa – murmurou a rapariga sem se desculpar. Abriu a tampa, inclinou a cabeça para trás e engoliu metade do conteúdo. – Calculei que soubesses. Corro todos os dias.

Bethanne sabia, mas essa não era a questão.

– Como correu no centro de emprego? – perguntou a filha.

Bethanne suspirou, desejando que Annie não o tivesse mencionado. – Nada bem. – Sabia que a procura de emprego seria difícil, mas não fazia ideia de como o processo seria verdadeiramente penoso. – Quando falei sobre as minhas qualidades como pasteleira, o entrevistador não pareceu excessivamente impressionado.

– Devias trabalhar numa padaria.

Bethanne já tinha pensado nisso, mas estar oito horas por dia à volta de comida não lhe agradava.

– Eu e o Andrew éramos a inveja de todos os nossos amigos. – Annie pareceu quase nostálgica. – Tínhamos as melhores festas e os melhores bolos de aniversário de todos.

– Eu também costumava organizar caças ao tesouro excepcionais, mas hoje em dia já poucos pedem isso.

– Oh, mãe. – E revirou os olhos enquanto falava.

– Vou procurar a sério assim que o verão acabar.

– Continuas a adiar. – Repreendeu Annie.

A filha tinha razão, mas depois destes anos todos fora do mercado de trabalho, Bethanne achava que não possuía qualquer competência que a promovesse. Aterrorizava-a pensar que acabaria numa mercearia a perguntar às pessoas se queriam papel ou plástico, para o resto da vida.

– Estava a pensar em vender cosméticos. – disse timidamente, olhando para a Annie, esperando uma reação. – Posso definir as minhas próprias horas e—

– Mãe! – A filha olhou para ela de relance – Isso é *patético*.

– Muitas mulheres conseguem obter um rendimento muito bom com isso, e—

– Vender cosméticos é bom para outra pessoa, mas não para ti. És ótima em muitas coisas, mas darias uma péssima vendedora e ambas o sabemos. Tem de haver *algo* que possas fazer. Onde está o teu orgulho?

Nos últimos dezasseis meses tinha estado a rodopiar no fundo da sanita – Detestaria trabalhar num escritório – disse Bethanne. Não estava convencida de alguma vez conseguir adaptar-se a uma rotina das nove às cinco.

– Devias fazer algo só por ti – insistiu Annie. – Não estou sequer a falar de um trabalho.

Toda a gente que Bethanne conhecia, incluindo o terapeuta a quem ela tinha ido poucas vezes, tinham-lhe dito o mesmo. – Quando é que ficaste tão esperta? – provocou-a.

– Não há nada que *gostasses* de fazer só por diversão?

Bethanne encolheu os ombros. – Vais rir e dizer-me que é patético.

– O quê?

Ela suspirou, relutante em dizer alguma coisa. – Vi uma loja de lãs no outro dia e estava a pensar o quanto gostaria de voltar a tricotar. Já lá vão anos. Fiz-te um cobertor de bebé, lembras-te?

– Mãe. – exclamou Annie, hesitando como se Bethanne a tivesse envergonhado. – *Claro* que me lembro. Dormi com aquele cobertor amarelo até aos dez anos.

– Costumava gostar de tricotar, mas isso foi há anos.

A porta da frente abriu-se e depois fechou-se. Andrew regressava do seu part-time no supermercado Safeway. Entrou na cozinha, largando a mochila e sem uma palavra abriu o frigorífico e olhou lá para dentro. Aparentemente nada o interessou além de um refrigerante, que tirou. Fechou a porta encostando-se a ela e franziu-lhes a testa.

– O que se passa? – perguntou ele, olhando ora para Bethanne ora para a irmã mais nova.

– A mãe está a falar em querer voltar a tricotar, – disse Annie.

– É apenas algo em que estou a pensar –, apressou-se Bethanne a acrescentar.

– E podes fazê-lo –, disse-lhe Annie com firmeza.

– Ya – concordou Andrew ao abrir o refrigerante.

Mas Bethanne não tinha a certeza se conseguia. Tudo parecia exigir demasiada energia— encontrar um emprego, organizar a sua vida, até mesmo tricotar. – Talvez o faça –, murmurou ela timidamente.

– Não estás a adiar isto como tens feito com tudo o resto. – Annie abriu a porta da despensa e tirou as Páginas Amarelas. – Onde é essa loja de lãs?

Bethanne mordeu o lábio inferior – Blossom Street.

– Lembras-te do nome dela? – perguntou Andrew. Annie procurou no final do enorme catálogo.

– Não, mas oiçam—

Com o dedo na página, Annie levantou a cabeça com os olhos a brilhar pela determinação – Encontrei. – Sorriu triunfante para o irmão, pegou no telefone e marcou o número antes que Bethanne pudesse protestar. Quando terminou, Annie entregou o auscultador à mãe.

Atendeu uma mulher – O Fio da Meada – disse com uma voz amigável. – Em que posso ajudar?

– Ah, olá...o meu nome é Bethanne Hamlin. Suponho que o meu nome não importa, mas, bem, estava a pensar se ainda dá aulas de tricô. – Fez uma pausa para respirar. – Há muitos anos costumava tricotar – prosseguiu – mas já passou muito tempo. Talvez fosse melhor se eu visitasse a loja. – Bethanne levantou os olhos para encontrar os da filha.

– Dá-me o telefone, – exigiu Annie e sem esperar pela reação da mãe, tirou-o da mão dela.

– Sim, parece-me ótimo. Inscreva-a – pediu Annie, pegando num bloco de notas e anotou os detalhes. – Podem contar com ela. – Meio minuto depois, Annie pousou o telefone portátil na base.

– Inscreveste-a para um curso? – perguntou Andrew.

– Yup.

– Eu... ah... – Bethanne sentiu-se subitamente em pânico por gastar dinheiro. – Oiçam, afinal de contas, isto pode não ser uma boa ideia porque—

A filha interrompeu-a. – Vais aprender a tricotar meias.

– Meias? – Bethanne lamentou, abanando vigorosamente a cabeça. – Isso é demasiado complicado para mim.

– Mãe, – disse Andrew – costumavas tricotar constantemente, lembras-te?

– Segundo a dona da loja, as meias não são difíceis – continuou Annie. – Ela chama-se Lydia Hoffman e disse que até é bastante simples".

– Deve ser, sim... – resmungou Bethanne.

– Tu vais, mãe, e não aceito um não como resposta.

– Tu vais, – disse Andrew em eco.

Aparentemente, os papéis tinham-se invertido, o que era novidade para Bethanne. Deve ter acontecido enquanto ela não estava a prestar atenção.

Capítulo 4 - *Courtney Pulanski*

Na opinião de Courtney, todo o plano do pai era ridículo e injusto. Ok, ela tinha tido algumas chatices por responder aos professores e as notas tinham baixado. Podia ter sido muito pior—tipo se a polícia alguma vez tivesse descoberto quem começou aquele incêndio no contentor do lixo há quatro anos. Mas quem poderia censurá-la? A mãe tinha acabado de morrer e Courtney estava perdida, zangada, confusa. Já estava melhor—não é que tudo estivesse ultrapassado. Nunca iria "esquecer", apesar do que os seus amigos mais ingênuos sugeriam. Mas com o tempo tinha-se recomposto e trabalhado arduamente para conseguir salvar os seus anos de liceu e agora isto. Isto!

O seu ano como finalista do liceu seria passado com a avó Pulanski em Seattle. Enquanto a malta com quem tinha crescido toda a vida se formaria junta, ela estaria presa do outro lado do país. Courtney adorava a avó, mas não se imaginava a viver com ela durante um ano inteiro.

Não havia mais ninguém. Não havia outro lugar para onde Courtney pudesse ir enquanto o pai estivesse no Brasil a trabalhar como engenheiro num projeto de construção de pontes. Para onde ele ia não era seguro para uma adolescente, pelo menos era o que ele insistia em dizer.

Jason, o seu irmão mais velho, estava a fazer uma pós-graduação e trabalhava no verão a dar aulas. A sua irmã, Julianna, era calouira na faculdade; ela também trabalhava num alojamento de férias no Alasca. Courtney era a mais nova. As despesas com a faculdade dos irmãos continuavam a acumular. O pai pura e simplesmente precisava do dinheiro; caso contrário, teria esperado até Courtney terminar o liceu. Só que, quando terminasse, a probabilidade de conseguir uma bolsa de estudo era pouca. Infelizmente as suas notas não eram as melhores e as hipóteses de receber um passe de entrada gratuita na faculdade eram mais ou menos as mesmas do que as de ganhar na lotaria. Por outras palavras, o pai também teria de pagar a faculdade dela. Passar o ano em Seattle era a solução óbvia.

Tudo seria diferente se a mãe não tivesse morrido naquele estranho acidente de carro. Tinha acontecido há quatro anos e ainda parecia que tinha sido ontem.

– Courtney – chamou a avó do fundo das escadas. – Estás acordada?

– Sim, vó. – Não havia como dormir até tarde com a televisão aos berros às cinco da manhã. A avó precisava de aparelhos auditivos, mas recusava-se a aceitar isso. Segundo Vera Pulanski, toda a gente murmurava. Toda a gente no mundo inteiro!

Tenho o pequeno-almoço ao lume, – gritou a avó.

Courtney olhou para o teto e revirou os olhos. – Não tenho fome.

– O pequeno-almoço é a refeição mais importante do dia.

Estava com a avó há exatamente uma semana e este era o sétimo dia consecutivo em que tinham tido esta mesma conversa.

– Como qualquer coisa mais tarde – prometeu Courtney. A ideia de ovos mexidos secos deu-lhe vontade de golfar, mas era assim que a avó os cozinhava. Tirava da televisão as ideias sobre o que era bom para um adolescente e o que não era. Aparentemente, a única maneira de preparar qualquer coisa com segurança era cozinhar até torrar. Como resultado, os ovos mexidos da avó sabiam a borracha. Não que ela alguma vez tivesse comido borracha, mas estava convencida de que a ideia era essa.

– Detesto deitar comida fora.

– Desculpe, vó. – Com todas as refeições que já tinha saltado desde que chegara, Courtney achou que devia ter perdido peso. Não tinha. A balança tinha-o exibido acusadoramente naquela mesma manhã. Saída do duche e totalmente nua, subiu para a balança da casa de banho, por assim dizer uma relíquia. Fechou os olhos, depois espreitou para os números e para aquelas linhas ridiculamente pequenas entre eles. A avó parecia não conhecer o digital. Courtney não só *não tinha* perdido peso, como parecia ter aumentado meio quilo. Apeteceu-lhe chorar. Já era suficientemente mau começar numa nova escola, mas era ainda pior enfrentar estranhos gorda.

– Courtney? – Mais uma vez a avó gritou do fundo das escadas.

– Sim, vó. – Claramente, esta manhã Vera não ia desistir.

– Vou sair durante algum tempo. Preciso de fazer umas coisas.

– Ok, vó.

– Quero que venhas comigo.

Suspirando profundamente, Courtney sentou-se, batendo com os pés no chão e deixou descair os ombros. – Posso ficar aqui? – implorou. Depois do duche, voltara a vestir o pijama, já que não conseguia pensar num motivo para se vestir. Pelo menos não um bom motivo.

– Gostava muito que te juntasses a mim. Passas demasiado tempo no teu quarto.

– Está bem, vó.

– O que é que disseste?

Levantando-se lentamente, Courtney foi até à porta e gritou – Vou já descer.

Sorrindo, a avó acenou com a cabeça. – Ótimo.

Vera Pulanski era uma mulher maravilhosa e Courtney sempre gostou das suas visitas a Chicago. Mas isto era diferente. Ela nunca tinha tido de viver com alguém tão velho. Tudo na casa seria classificado como antiguidade no eBay.

Com uma imensa falta de entusiasmo, vestiu os jeans e uma T-shirt preta XXL com o logótipo da empresa do pai na frente. Quando descia as escadas, Vera sorriu docemente e fê-la parar no último degrau. Erguendo os braços, a avó segurou o rosto de Courtney entre as mãos e observou-a.

– És uma linda rapariga.

Courtney respondeu com um ligeiro sorriso.

– És a menina dos meus olhos, minha neta mais nova.

– Sim, vó.

– Sempre lamentei que Ralph não tenha vivido o tempo suficiente para te conhecer. – O avô tinha morrido quando Courtney tinha poucos meses de vida.

– Também eu.

– Agora, o que vou dizer a seguir é apenas porque te amo.

Courtney eriçou-se, preparando-se para outro sermão. – Vó, por favor, eu sei que preciso de perder peso. Não precisa de o dizer, está bem? – Courtney não conseguiu esconder a atitude defensiva na sua voz. Não é que ela não se visse ao espelho. Tinha excesso de peso e sabia bem disso. O aumento de peso tinha começado após a morte da mãe; até então, vestia tamanho 38 e de repente *poof*— tinha insuflado até ao 44. O que mais magoava Courtney era que aquele tipo de gente bem-intencionada e que assumia que era fácil perder 15 quilos, lhe lembrasse disso.

– Na verdade, não era isso que eu queria dizer. – A avó libertou o rosto de Courtney. – Acho que precisas de amigos.

– Também eu. – Tinha tantas saudades de Chicago, que era capaz de chorar ao lembrar-se de tudo e de todos os que tinha deixado para trás. Até da sua casa, que tinha sido alugada durante aquele ano.

– Não vais conhecer ninguém escondida no teu quarto, querida. – Disse a avó carinhosamente. – Precisas de sair mais.

Courtney não tinha um único argumento contra. Baixou os olhos. – Eu sei.

– Vem comigo e eu apresento-te às pessoas.

Abriu a boca para contrapor, mas sabia que não serviria de nada. A avó agarrou-a pela mão e arrastou Courtney para a cozinha. Os ovos mexidos estavam sobre a mesa e Courtney podia jurar que eram os mesmos ovos que a avó tinha cozinhado no dia anterior.

– Pensei em irmos à biblioteca e depois à mercearia e, depois disso, à loja de lãs.

Por outras palavras, Courtney estava a ser raptada. – Estou pronta agora, querida, se não te importas.

– Também eu, vó. – Quanto mais depressa cedesse, mais depressa poderia voltar para o seu quarto.

– Deixa-me verificar para ter a certeza de que fechadura da porta da frente está trancada –, disse a avó.

Na verdade, foram uns bons sete minutos antes de saírem de casa. Depois de verificar a porta da frente, a avó foi à casa de banho para retocar o batom. Depois decidiu não deixar os ovos fora, cobriu-os com uma película de plástico enrugada e colocou o prato no frigorífico, o que confirmou as suspeitas de Courtney. Eram os mesmos ovos do dia anterior.

– Estás pronta agora? – perguntou a avó, como se fosse Courtney a atrasar o processo.

– Quando quiser.

– Oh! – exclamou a avó. – Quase me esquecia da mala – disse ela, dando uma risadinha. – Valha-me Deus, podia ter-nos trancado fora de casa.

Finalmente, saíram de casa. O carro, estacionado na entrada da garagem, poderia estar num museu. Pelo que o pai lhe tinha dito, a carrinha Ford Ranch de 1968 estava em perfeitas condições. Bem, era suposto estar. O carro tinha quase quarenta anos e apenas 115.000 quilómetros de estrada. A porta pesava uma tonelada e rangeu quando Courtney a abriu. Sem dizer uma palavra, sentou-se no banco ao lado da avó.

Circular com Vera não era uma experiência que se sujeitasse de bom grado. Depois de ligar o motor, virou-se para Courtney. – Olha para trás de nós. Vem alguém?

Courtney virou-se para trás. – Tudo bem, vó. – Depois ocorreu-lhe que a avó não lhe tinha perguntado aquilo por mera curiosidade. – Vó – disse ela – porque é que não te viraste *tu* e olhaste?

A avó endireitou os ombros. – Porque não posso.

– Tu *não* podes?

– Tens algum problema de audição, filha? Não consigo virar a cabeça. Tenho uma contratura no pescoço. Já lá está há vinte anos—nunca tive tanta dor. O médico disse que

não há nada que possam fazer. Nada. E assim soffro. Não gosto de me queixar e não o faria, mas já que perguntaste...

Embora a ideia de ser uma passageira enquanto a avó conduzia a apavorasse, Courtney não disse uma palavra. Para quê? Tinha conseguido evitar viagens de carro nos últimos dias, mas tinha-se apercebido que a sua sorte não podia durar.

Ocorreu-lhe outra questão. – Vó, o que farias se eu não estivesse contigo? – Courtney suspeitou, receosamente, que a avó apenas poria o carro em marcha-atrás e prego a fundo.

Calada, a avó ajustou o espelho retrovisor, usando as duas mãos para o mover para um lado e depois para o outro. – É para isso que servem os espelhos.

– Ah.

– Podemos ir agora?

As suas perguntas tinham claramente ofendido a avó. – Claro – disse Courtney com um entusiasmo nascido da culpa.

A avó virou-se ligeiramente para lhe dar uma olhadela quando chegaram ao primeiro semáforo. – Se estás preocupada com o teu peso, Courtney, eu posso ajudar.

Courtney olhou-a com desconfiança. – Como?

– Exercício. Eu nado todas as manhãs e podias juntar-se a mim e aos meus amigos.

Não lhe pareceu muito divertido, mas o exercício não era suposto ser divertido. – Se calhar.

– Calhar onde?

– É apenas uma expressão, vó. Significa claro, gostaria muito. Isto foi um exagero extremo, mas a avó estava a fazer um esforço para ajudar e Courtney sentiu que tinha de responder à altura.

A primeira paragem após deixarem Queen Anne Hill, a zona de Seattle onde vivia a avó, foi a biblioteca, que parecia ultramoderna, especialmente comparada com o bairro de Vera. A avó explicou que só tinha reaberto recentemente após uma renovação. Enquanto Vera recolhia um livro reservado—o último romance de capa dura de um autor local—Courtney folheava as revistas *Vogue*, tentando não se desesperar com as modelos magras e elegantes. E isso apenas nos anúncios.

Dirigiram-se a seguir à mercearia. Courtney não conhecia os últimos números dos censos da população da zona metropolitana de Seattle—estava convencida de que rondavam os milhões—mas a avó conhecia seguramente cinquenta por cento deles. Foram emboscadas pelos amigos da avó, antigos vizinhos, uma dúzia ou mais de pessoas

da igreja e membros do clube de bridge vezes sem conta... Courtney deve ter sido apresentada a umas trinta pessoas e podia jurar que nenhuma delas tinha menos de setenta anos.

– Agora Blossom Street. – disse a avó enquanto Courtney levava as compras para o carro. – Não vou demorar, prometo.

Courtney mordeu a língua para não lembrar à avó que ela já tinha dito isso no último lugar. Sete conversas mais tarde, lá partiram e agora Vera estava compenetrada em estacionar em espinha em frente à loja de lãs. Andou uns centímetros, pisou o travão, soltou-o o suficiente para andar mais uns centímetros e novamente travagem. Courtney deveria ter previsto o que iria acontecer, mas foi apanhada desprevenida. O pára-choques da avó bateu contra o parquímetro com força suficiente para a projetar para a frente.

– Oh, maldito – resmungou a avó.

Se *maldito* fosse o melhor palavrão que Vera Pulanski conhecia, Courtney teria todo o gosto em alargar o seu vocabulário.

Saiu do carro, fechou a pesada porta e seguiu a avó para dentro. Courtney foi imediatamente ter com o gato na montra e começou a fazer-lhe festas.

– Olá Vera. Como está? – disse uma mulher jovem e delicada.

– Lydia, que bom vê-la. Esta é a minha neta Courtney. Courtney, Lydia.

– Olá. – Courtney levantou a mão para a cumprimentar.

– Fazes tricô? – perguntou Lydia.

Courtney encolheu os ombros – Um pouco.

– Ensinei-a num verão – gabou-se a avó. – Para ela foi de caras.

Courtney não tinha ideia que tivesse sido exatamente assim, mas não quis ser indelicada.

– Courtney vai ficar comigo este ano enquanto o pai está no Brasil.

Não querendo ouvir outra longa explicação sobre o importante cargo de engenheiro do pai na América do Sul, Courtney deixou o gato e vagueou pela loja. Não fazia ideia de que havia tantas variedades diferentes de lã. Estava em exposição um cachecol deslumbrante tricotado em cores variadas e havia um chapéu de feltro e uma mala, um colete e uma camisola.

– Podias tricotar esse cachecol numa noite –, disse Lydia, levantando a ponta para Courtney examinar.

– A sério?

– Sim. – E fez um imenso sorriso. – É fácil com agulhas número treze e um novelo de lã. Montas quinze pontos e tricotas cada carreira. É mesmo fácil.

– Uau. – Courtney tinha dinheiro com ela, mas hesitou. Uma nota de vinte provavelmente não era suficiente para cobrir o valor das agulhas e da lã e ela não queria pedir emprestado à avó.

Passados cinco minutos, enquanto Courtney observava um mostruário de meias com padrões, Vera colocou as suas compras no balcão ao lado caixa registadora. Courtney não sabia o que a avó estava atualmente a tricotar, mas parecia ter sempre um ou outro projeto em mãos. Aproximou-se rapidamente.

– Viste as meias? – perguntou a avó.

Courtney acenou com a cabeça. – Essas novas lãs são realmente espantosas, não são?

– Podias tricotar um par de meias como essas.

– Não.

– Queres fazê-lo? – Perguntou Lydia.

Courtney considerou a pergunta. – Se calhar.

– Isso significa sim –, traduziu a avó. – Inscreva-a.

– Inscrever-me para quê? – quis saber Courtney.

– No curso de meias –, explicou a avó. – Está na altura de conhecer pessoas, sair, participar.

– Adoráramos ter-te cá –, assegurou-lhe Lydia.

– Um mimo meu – acrescentou a sua avó.

Courtney sorriu, tentando mostrar que estava grata. Na verdade, a ideia estava a tomar forma. Só esperava que pelo menos uma das outras participantes no curso de meias tivesse menos de noventa anos.

Capítulo 5 - *Lydia Hoffman*

“Lembre-se de que precisa de duas meias. Como conseguir esta proeza? Tricotar ambas ao mesmo tempo e libertar-se da ideia de que elas precisam de ser idênticas!”

—Deborah Robson, amante de tricô, escritora, autora de livros de tricô

www.nomad-press.com

Tento passar pelo menos parte dos fins de semana com a minha mãe. Tem sido difícil para ela desde que o meu pai morreu. Difícil para todos nós. Lamento imenso que Brad nunca tenha tido oportunidade de o conhecer. Tenho a certeza de que eles teriam gostado um do outro. O meu pai era acessível e amigável e encontrava sempre algo de positivo em todos que conhecia. Tinha uma palavra amável e geralmente uma piada ou duas; mesmo quando eu estava na pior fase da doença e do desespero, ele conseguia fazer-me sorrir. Ninguém contava uma história melhor do que o meu pai. Por vezes pergunto-me se alguma vez vou parar de pensar nele, porque parece que penso nele cada vez mais em vez de menos.

A adaptação à vida sem o meu pai tem sido mais difícil para a mãe; envelheceu dez anos nos últimos catorze meses. Está emocionalmente atrofiada—não sei que mais lhe chamar. Tornou-se frágil, triste e desinteressada de tudo. E também atrofiou fisicamente, como se o seu corpo refletisse o seu estado interior, que é de desgosto, de expectativas reduzidas. De facto, na sua última consulta médica ficámos a saber que a mãe está dois centímetros e meio mais baixa do que há alguns anos.

Ainda não conhecemos os resultados dos testes à osteoporose. De repente, a mãe teve uma série de problemas médicos e atribuo esta degradação da sua saúde não só ao desgosto, mas também à solidão. O pai era a âncora dela, o seu companheiro.

Embora pareça um cliché, parece que falta uma parte dela; sem ele, ela não funciona da mesma forma. Compreendo isso e até certo ponto sinto o mesmo. O pai era uma parte essencial da mulher que sou.

Quando cheguei ao início da tarde de domingo, encontrei a minha mãe no quintal a podar as rosas, num rebuliço à volta delas. O jardim de flores é o seu orgulho, uma das poucas coisas com que ela ainda se importa. Diz que poda as rosas para que cresçam mais fortes. Penso na morte do meu pai da mesma forma. Perdê-lo ajudou-me a discernir o que era importante na minha vida, o que era real. Sobretudo, eu precisava de encontrar o meu próprio caminho para a felicidade e de aceitar os desafios da independência. Perder o meu pai deu-me coragem para expandir a minha vida e fi-lo abrindo a minha própria loja—e através da minha relação com Brad.

Fiquei de pé à porta a observá-la durante alguns minutos. Entretida com a sua jardinagem, não me ouviu. Tinha um grande chapéu de palha a proteger o rosto do sol e usava as suas luvas de jardinagem verdes. Havia um balde ao seu lado no qual depositava os galhos cortados. Não a quis assustar, por isso chamei-a suavemente.

– Lydia! – Virou-se para mim quando eu saía da casa. – Pensei que vinhas mais cedo.

– Também eu, mas fiz um desvio depois da igreja.

– Por Brad e Cody?

Acenei que sim. – Vou encontrar-me com eles daqui a uma hora. Vamos passear pelo Green Lake. O passeio de cinco quilómetros era um bom exercício físico e faço bem menos exercício do que devia. Em contrapartida, Brad está numa forma fantástica e pode correr em círculos à minha volta. Cody tem um golden retriever chamado Chase—pelo seu terrível hábito de perseguir tudo e todos. Provavelmente Cody traria o seu cão, mas tinha sido avisado para manter a trela no Chase. Talvez eu arranje um livro sobre treino de cães e ajude Cody a ensinar-lhe alguns comandos básicos. De qualquer modo, a tarde seria divertida e eu estava meio tentada a levar os meus patins em linha, só para poder acompanhar os dois—ou melhor, os três.

A mão da minha mãe tremeu quando cortou outro galho. Tinha notado o tremor com mais frequência ultimamente. – O que é que almoçaste, mãe? – perguntei. Os seus hábitos alimentares eram um horror e eu e Margaret preocupamo-nos com o facto de ela não estar a receber os nutrientes de que necessitava. Também nos preocupamos com os medicamentos. O meu receio é que nalguns dias ela tome mais do que o prescrito e noutros simplesmente não os tome.

– O que é que eu comi ao almoço? – Repetiu como se precisasse de pensar sobre isto.

– Mãe, almoço? – insisti, gentilmente.

– Atum e bolachas de água e sal – recordou ela e olhou para mim com um sorriso tão triunfante que sorri de volta.

Mesmo assim, tive de perguntar – Só?

Ela encolheu os ombros. – Não tinha fome. Agora, não me aborreças insistindo para que coma quando não tenho apetite. O teu pai costumava fazer isso. Eu não gostava na altura e recuso-me a ouvi-lo agora.

– Muito bem, mãe. – Desistia por agora, mas teríamos de ver algumas alternativas. Talvez as refeições da Meals on Wheels. Ou uma empregada em part-time se eu e a Margaret pudsésemos pagar. Iria discutir isso com ela em breve.

– No próximo domingo é o Dia do Pai – salientou a mãe. – Levas-me ao cemitério? Gostava de colocar uma jarra com as minhas rosas no túmulo do teu pai.

– Claro que sim. Iremos eu e a Margaret. – Estava a falar por ela e esperava que a minha irmã concordasse em acompanhar-nos. Ultimamente ela tem estado tão irritadiça e mal-humorada. A proximidade que partilhámos, brevemente, evaporou-se como uma poça de água ao sol. Fosse qual fosse o problema, ela não se sentiu confortável o suficiente para o partilhar comigo e, francamente, isso magoava-me. Percorremos um longo caminho na nossa relação, mas eram situações como esta que me lembravam o quanto ainda tínhamos para percorrer.

Como se a força lhe tivesse fugido das pernas, a mãe puxou uma cadeira do pátio e sentou-se. Tirando o chapéu da cabeça, limpou a testa com um braço. – Céus, está calor.

Olhei para o indicador de temperatura que o meu pai tinha pendurado na parede da casa e li vinte e três graus, o que me surpreendeu porque não parecia estar tanto calor. Claro que a minha mãe esteve a trabalhar lá fora pelo menos uma hora, muito provavelmente duas.

– Queres ir jantar fora, mãe? – Perguntei, pensando que seria um prazer para nós as duas.

– Não, obrigado, querida. Não tenho fome. Encontrei a Dorothy Wallace no pequeno-almoço que o Knights of Columbus⁸ serviu após a missa e comemos panquecas à vontade.

Traduzido, comeu uma pequena panqueca sem manteiga ou xarope, seguida de um almoço de atum e bolachas de água e sal e, provavelmente, saltaria completamente o jantar.

– Além disso, a Margaret telefonou e vai passar por cá com as miúdas ao final da tarde.

Parte da minha preocupação dissipou-se. Margaret certificar-se-ia de que a mãe faria uma refeição decente no final do dia.

– Ela gosta de trabalhar contigo – continuou a minha mãe. – Ela não é de dizer, mas gosta.

Perguntei-me se deveria mencionar as minhas preocupações sobre a minha irmã. Decidi que não, apesar de Margaret não me ter saído da cabeça desde a minha conversa com Brad, no início da semana. Não havia necessidade de pôr a mãe no meio. Ela mencionaria certamente as minhas preocupações à minha irmã e isso iria enfurecê-la; ficaria ressentida comigo por discuti-lo com a mãe e eu iria ouvir falar sobre isso semanas.

⁸ Knights of Columbus é uma ordem de cavalaria, a maior organização de católicos do mundo.

– Queres alguma coisa? – Perguntei.

Sorriu distraidamente. – Adorava um copo de chá gelado.

Entrei e servi um para cada uma de nós, depois acrescentei rodela de limão. Vários outros limões estavam murchos e pu-los fora sem dizer à mãe. Um rápido olhar pelo frigorífico revelou uma caixa de leite um mês fora da validade e uma embalagem de espinafres liquefeitos. Pu-los fora também. Quando regresssei ao pátio, a mãe tinha voltado a colocar o chapéu e estava sentada de costas para o sol.

Juntei-me a ela e entreguei-lhe o copo, saboreando o sol quente na minha pele, o som dos pássaros à distância, juntamente com o *tch, tch* do aspersor a regar o relvado.

– Fala-me da loja – sugeriu a minha mãe. – Recebeste lãs novas esta semana?

Ela gostava especialmente das histórias sobre as minhas clientes; muitas tornaram-se minhas amigas, especialmente Jacqueline, Carol e Alix, membros do curso inicial. Nós as quatro criámos uma verdadeira ligação e é raro não as ver durante a semana. Se não for por outro motivo, uma ou duas aparecem sempre na sessão de tricô de caridade, às sextas-feiras.

Falei sem parar durante quase vinte minutos sobre a loja e descrevi as três mulheres que se tinham inscrito recentemente para o curso de meias. A que mais lhe interessou foi Courtney Pulanski a neta de 17 anos de Vera Pulanski, uma cliente habitual.

– Estou a pensar em promover um encontro-buffet uma vez por mês – disse eu, querendo a sua opinião sobre esta nova ideia—em parte para que se sentisse envolvida e porque confiava nos seus instintos. Ao longo dos anos, ela tinha sido uma conselheira valiosa para o meu pai nos seus negócios.

– Tens espaço na loja?

– Penso que sim, se fizer uma pequena reorganização. – Quando abri as portas pela primeira vez, havia espaço para montar uma grande mesa para as aulas, mas como tinha adquirido lãs de linhas diferentes, muito desse espaço tinha desaparecido. Agora a mesa, com lugar para seis pessoas, estava rodeada por vários expositores.

– Tens a certeza de que queres comida à volta de todas essas lãs?

A minha mãe fez eco das minhas próprias reservas. – Pensei sentarmo-nos à mesa onde dou as aulas e colocar a comida numa mesa de apoio no escritório.

A minha mãe encolheu um ombro. – Pode funcionar, mas qual seria o objetivo destes encontros-buffet mensais?

Boa pergunta. – Bem, quero que as minhas clientes se conheçam umas às outras. Além disso, quando uma pessoa mostra aos outros o que tricou, inspira-os. – Era por

esta razão que muitas vezes tricotava padrões para expor na loja. – Podias juntar-te a nós, mãe – disse eu entusiasticamente. – Eu e a Margaret adoráramos. – Sempre que possível, tento incluí-la. Tanto eu como Margaret esforçamo-nos para lhe dar pequenas coisas pelas quais ansiar para que se sinta ativa e viva.

Pela forma como franziu a testa, duvido que me tenha ouvido.

– Faz uma sessão mensal de mostre-e-explique e deixa a comida de fora. Se quiserem comer, vão a um restaurante depois.

Gostei da ideia. – Obrigada, mãe.

Percebi que ela ficou satisfeita por eu ter vindo ter com ela para me aconselhar. Tenho a certeza de que é algo de que sente falta, uma vez que ela assumiu tantas vezes esse papel com o meu pai. Sentámo-nos e conversámos mais trinta minutos e depois saí para me encontrar com Brad e Cody.

Estavam à minha espera no parque de estacionamento de Green Lake com Chase a puxar a trela.

– Olá – chamei ao sair do carro. Chase não era o único ansioso por este passeio.

Cody correu para o meu carro e abraçou-me brevemente. – Podemos ir agora? – O pai afagou-lhe a cabeça. – Ok, campeão, mas não te afastes muito de nós, está bem? E segura o Chase.

Cody nem perdeu tempo a responder. Partiu como um foguete, rapaz e cão juntos, as suas pernas jovens tinham uma energia que eu invejava.

Brad e eu começámos a caminhar num ritmo acelerado. Como sempre num fim de semana ensolarado, o local estava cheio de pessoas e cães. Passamos por um homem sentado na relva com uma guitarra a dedilhar canções populares e uma criança pequena a perseguir uma borboleta. Havia algumas canoas perto da margem. Brad e eu caminhávamos lado a lado, de olho em Cody e Chase.

– Como está a tua mãe? – perguntou ele, sabendo que eu tinha passado parte da tarde com ela.

Na altura, não quis iniciar uma longa discussão sobre a minha ansiedade em relação à minha mãe. Essa conversa estava reservada para Margaret, e eu tê-la-ia em breve. – Está mais ou menos na mesma – disse, o que era verdade suficiente. – A minha irmã e as miúdas vão visitá-la hoje à tarde. A mãe precisa disso.

– Por falar em Margaret, ela disse-te alguma coisa?

– Sobre o quê? – perguntei cautelosamente.

Brad pegou na minha mão e entrelaçámos os dedos. Eu sorri-lhe, esquecendo-me de Margaret. É nessas alturas, quando nos sentimos próximos e unidos, que me perco numa sensação de felicidade tal que mal me consigo conter. Como qualquer mulher desejo amor, casamento, uma família. Por causa do cancro, pensei que nunca teria essa oportunidade. Todos os dias, agradecia por Brad, agradecia por tê-lo na minha vida, agradecia por ser amada por ele, apesar das minhas imperfeições e defeitos. Ele diz que o facto de eu ter lutado contra o cancro não uma, mas duas vezes faz de mim bicampeã. Eu *sou* uma vencedora e sinto-me incrivelmente abençoada.

Penso que sei qual poderá ser o problema de Margaret – disse Brad, sacudindo-me da minha reflexão.

– Sabes? – estava um pouco relutante em falar de Margaret no momento; preferia deleitar-me com o meu próprio contentamento.

– Sim. Cruzei-me com o Matt na loja de ferragens ontem à tarde – disse-me Brad.

O meu cunhado é um homem genuíno e bom. Considero-o um bom equilíbrio para a minha irmã, que normalmente tem uma tendência pessimista em relação às coisas. Matt não leva a vida tão a sério como ela. Acho que ele não dramatiza como ela o faz e o mais interessante é que ele nunca guarda rancor.

– O que é que Matt tinha a dizer? – Nós os quatro tínhamos saído uma ou outra vez e Brad e Matt tinham-se dado bem. Margaret convidou-nos para jantar há alguns meses e jogámos às cartas até de madrugada. Esperava mais desses encontros, mas até agora ainda não tinham acontecido.

– Ele não está a trabalhar.

– Como assim, não está a trabalhar? – Matt estava na Boeing desde que me lembrava, provavelmente vinte anos.

– Não trabalha, porque foi despedido.

– *O quê?* Quando?

– Há três meses.

– Não. – Isso não podia ser verdade. Três meses? Margaret não tinha dito uma palavra sobre isso durante três meses? Eu estava em choque.

– Foi o que ele me disse. Ele tem polido calçada à procura de trabalho, mas não está a aparecer nada.

O meu coração desfez-se. – Mas eu pensei... – Eu não sabia o que pensar. Era uma loucura. Sou a única irmã da Margaret e se ela não conseguia falar comigo então com quem podia confidenciar?

– Matt pareceu pensar que eu sabia, então alinhei.

A sensação de formigueiro que normalmente precede as lágrimas invadiu-me. Sem dúvida, senti os meus olhos a arder e a minha garganta a fechar-se.

– Vais chorar?

Funguei e acenei que sim. – Ela podia ter-me dito – disse com a voz rouca.

– Pelo menos sabes por que ela tem andado tão tensa ultimamente.

Aquilo não ajudou. – Esperava que a minha própria irmã confiasse em mim, mas estava obviamente enganada. – Limpei as lágrimas antes que pudessem rolar pelas bochechas abaixo. Agora percebia e muito do comportamento da Margaret na loja ultimamente, começou a fazer sentido. Não só tem estado mal-humorada como não comprava lãs novas há semanas nem comprava nada na padaria francesa do outro lado da rua. De facto, agora que pensava nisso percebi que ela não gastava dinheiro nenhum, a menos que fosse absolutamente necessário.

– Eu devia ter percebido – sussurrei, sentindo-me de repente culpada. – Devia ter percebido.

– Como podias?

A minha irmã não é a pessoa de mais fácil leitura do mundo, mas no meu coração senti que devia ter reconhecido os sinais. E talvez devesse ter prestado mais atenção às notícias; os despedimentos na Boeing sempre mereceram um ou dois artigos. Eu nem sequer tinha reparado ...

– Vais dizer alguma coisa? – Perguntou Brad

Ponderei cuidadosamente a minha resposta. – Penso que não. – Margaret tinha as suas razões para não partilhar esta informação comigo. Não a forçaria a fazê-lo agora, mas esperava que, a seu tempo, ela sentisse que o poderia fazer. Até lá, tudo o que podia fazer era amá-la, ser paciente com os seus comentários irritadiços e esperar que ela confiasse em mim.

– Tu vais, sabes bem – insistiu Brad suavemente. – Conheço-te demasiado bem, Lydia. Não serás capaz de manter isto reprimido por muito tempo. Simplesmente não está na tua natureza.

Ri-me dele, mas percebi que provavelmente tinha razão.

Capítulo 6 - *Elise Beaumont*

Elise apercebeu-se que estava ansiosa por começar o curso de meias. Sem contar à filha, comprou lã para tricotar o primeiro par para David, o seu genro. Era um pequeno gesto para lhe mostrar o quanto apreciava a gentileza de ter permitido Elise viver com eles durante a confusão legal. De acordo com a recente atualização do advogado, ainda não havia muitos progressos; aconselhou paciência. Ainda se sentia destroçada por, depois de todo um cuidadoso planeamento, ter acabado por viver com a filha e o genro, por muito temporária que fosse a situação.

Na tarde anterior à aula de terça-feira, Elise sentou-se no pátio a ler, uma atividade que nunca deixou de a satisfazer. O seu gosto pelos livros acompanhava-a desde criança. Foi uma leitora precoce e lembrava-se de estar sentada no seu berço com um livro nas mãos, completamente feliz. Esse gosto pelos livros tinha-a ajudado ao longo dos anos.

Hoje ela estava a reler *Emma* de Jane Austen, algo que fazia mais ou menos a cada década. Havia livros assim, os verdadeiros clássicos, a que ela voltava vezes sem conta. Austen, as Brontës, Flaubert e George Eliot, o seu favorito. Estes escritores descreveram a vida e as emoções das mulheres de tal forma que ainda se refletiam passado mais de um século. Tinha acabado de chegar à cena em que Mr. Knightley repreende Emma, quando Aurora deslizou a porta de vidro e entrou no pátio para se juntar a ela.

– Podemos falar uns minutos, mãe? – perguntou timidamente. Aurora sentou-se na cadeira ao lado da chaise longue onde Elise estava reclinada com as pernas esticadas. A filha segurava um grande copo de chá com cubos de gelo a tilintar. Estava obviamente nervosa.

– Claro. – Elise inseriu cuidadosamente o marcador na página e fechou *Emma*. A julgar pela forma como Aurora se inclinava para a frente, era importante.

– Quero falar sobre o pai –, informou-a, mergulhando de cabeça no mais desagradável dos assuntos.

Elise sempre foi cautelosa em tudo o que tivesse a ver com o ex-marido. Maverick era um homem astuto e perigoso, encantador ao ponto de ser difícil recusar o que quer que ele pudesse querer. – Suponho que não há problema. – A filha conhecia o essencial da história de como Elise tinha conhecido Maverick, se tinha apaixonado estupidamente e casado com ele. O casamento não tinha durado dezoito meses, dois anos no papel.

Oh, que lábia tinha aquele homem. Elise jurava que ele conseguia encantar uma cascavel. Sabia, desde a adolescência, que não era uma mulher particularmente atraente. Maverick tinha afirmado categoricamente o contrário e sendo jovem e ingênua, Elise tinha-se encantado com esses elogios, engolindo-os por inteiro. Ela tinha acreditado nele porque queria muito ser tão bonita como ele dizia que ela era. Quando estava com Maverick *sentia-se* linda, mas não demorou muito a perceber que estava a viver uma ilusão.

– O que tem o teu pai? – perguntou Elise, tentando soar o mais neutra possível.

– Amaste-o em tempos, certo?

Essa era uma pergunta complicada e difícil de responder. Maverick entrou na sua vida numa idade vulnerável, quando as hormonas anulavam o senso comum. Na altura, ela acreditava estar apaixonada, mas mais tarde reconheceu que o que tinham partilhado tinha sido desejo e não amor. O amor dura. O que eles partilharam não. Contudo, passados todos estes anos após o divórcio ela ainda sonhava com ele, ansiava por ele e desejava por tudo o que lhe era mais querido que o seu casamento tivesse sido diferente. A relação podia ter funcionado se Elise tivesse encontrado uma forma de aceitar o homem que ele era.

Infelizmente ela não o tinha feito e já era tarde demais para eles. Ao longo dos anos, ele cirandou pelo país e, do seu ponto de vista, desperdiçou a sua vida. Em alguns aspetos ela também, reconheceu Elise tristemente.

– Mãe, tu *amava-lo*, não amavas? – repetia Aurora ansiosamente.

– Sim, amei. – Tanto que mesmo agora a assustava admiti-lo.

A filha relaxou visivelmente. – Mantemo-nos em contacto, sabes.

Elise sabia disso. Maverick vivia entre a escória da sociedade, como ela gostava de dizer, vivendo dos jogos de cartas e sabia Deus o que mais. Mas aparentemente foi bem-sucedido—o suficiente para sustentar Aurora durante toda a vida e durante a faculdade.

Para além dos pagamentos regulares e das propinas, ele enviava sempre um extra para o aniversário da filha e no Natal. Nos primeiros dezassete anos após o divórcio, escreveu a Aurora uma vez por mês, mas nunca foram cartas longas. Na maioria das vezes, enviava postais para lhe dizer onde estava e se estava a ganhar. Ganhar sempre foi importante para Maverick. Na verdade, era tudo para ele. Vivia em busca do tão desejado jackpot que o ia deixar bem de vida. Tanto quanto Elise sabia, nunca o tinha encontrado.

– Se queres manter o contacto com o teu pai, isso não tem nada a ver comigo. – Informou a filha previamente. Elise também leu aqueles postais e desejava não o ter feito—porque tinha medo que significasse que ainda se preocupava, ainda desejava o que estava destinado a nunca ser.

– O pai e eu conversamos de vez em quando.

Elise também sabia disso. Quando Aurora era criança, ficava muito entusiasmada sempre que o pai telefonava. Como adulta, reagia da mesma forma. Aurora ainda não se tinha desiludido com o pai e Elise detestava a ideia de que a filha acabasse por se defrontar com a mesma desilusão que ela. Maverick não tinha intenção de magoar aqueles que amava. Era simplesmente descuidado com os sentimentos dos outros; as pessoas que ele afirmava amar nunca vinham em primeiro lugar para ele. Pura e simplesmente não era de confiança. Se dissesse que estaria em casa às nove, queria dizer que estaria em casa às nove, a menos que houvesse um jogo de cartas. Os seus humores eram ditados pelo facto de ter ganhado ou perdido. Se ganhasse, ficava eufórico e jubiloso, balançando Elise nos seus braços e planeando jantares de celebração. Se perdesse, tinha ataques de raiva e desespero.

– Ele vem cá, mãe – anunciou Aurora, olhando diretamente nos olhos de Elise.

– Vem cá. – Repetiu Elise à medida que uma sensação de entorpecimento a percorria. – A Seattle?

Aurora assentiu.

– Está a decorrer algum grande torneio de póquer aqui? – Não que fosse provável que *ela* soubesse disso.

– Ele vem ver-me. – Acrescentou Aurora, mais como um toque de rebeldia.

– Quão...paternal – murmurou Elise sarcasticamente. – Uma vez a cada cinco ou dez anos ele—

– Mãe.

– Desculpa. – Elise fechou a boca antes de poder dizer algo de que se arrependesse.

– É isso que nunca compreendi em relação a ti e ao pai. – A filha parecia estar a esforçar-se para manter a compostura. – Fazes-me sentir como se eu estivesse a ser desleal contigo porque escolho não ignorar o meu pai.

– Eu faço isto? – Esta foi uma revelação dolorosa e Elise engoliu em seco. Tudo o que ela queria era proteger Aurora de uma desilusão certa.

Aurora acenou com a cabeça e as lágrimas que brilharam nos seus olhos foram a prova da verdade das suas palavras.

– Lamento muito. Nunca me tinha apercebido...que—que fazia isso. – A culpa foi quase avassaladora.

– Mas fazes. Nunca em todos os anos em que cresci ouvi o meu pai dizer uma coisa negativa a teu respeito. Nem uma, mãe e, no entanto, não me lembro de alguma vez teres dito uma palavra amável sobre ele.

– Isso não é verdade. – Elise tinha-se esforçado por esconder da filha os seus sentimentos em relação a Maverick. De certeza que tinha conseguido—não tinha? Olhando para os olhos cheios de dor da filha, Elise percebeu que não tinha.

Os ombros de Aurora ergueram-se num suspiro profundo. – Por favor, mãe, não quero discutir sobre isto.

– Eu também não. – Atormentada pela autorrecriação, Elise acariciou o joelho da filha. – O teu pai é...o teu pai. Quem dera ter-te dado um melhor, mas esse é um erro meu, não teu.

– Vês o que quero dizer? – lamentou Aurora. – Não tens nada de bom a dizer sobre ele.

– Eu é que fui casada com ele, lembras-te? Eu amava o Maverick, mas não estávamos destinados a ficar juntos.

– Eu sei que ele falhou contigo. Ele admite-o.

– Ele falhou contigo também.

– Em alguns aspetos, sim, falhou – concordou Aurora, – mas em outros ele foi um pai maravilhoso.

Elise compreendeu que Aurora tinha de acreditar nisto. Maverick era o único pai que ela tinha e o seu comportamento, as suas longas ausências, era tudo o que ela conhecia. Se alguma vez se tinha perguntado porque ele viajava tanto, nunca tinha questionado a mãe.

– Então – disse Elise. O entorpecimento começava a abandoná-la. – O teu pai está de visita a Seattle.

– Sim, está. – Aurora parecia estar à espera de uma maior reação.

– Não tenho problema algum em que vejas o teu pai – garantiu Elise. – Ele ainda nem sequer conheceu os netos.

– Ele está ansioso por isso.

Mais uma vez, Aurora fitou Elise como se estivesse à espera de algo mais.

– Eu não tenho de o ver. – Disse Elise. Qualquer encontro com ele seria impossível. Se Aurora queria permissão para visitar o pai, então por Elise tudo bem. Mas

quando isso acontecesse, Elise não planeava estar nas proximidades. – Convida-o para jantar ou qualquer coisa. Estarei, convenientemente, fora de casa durante o serão ou o tempo que for necessário.

Maverick agradecer-lhe-ia. Elise tinha a certeza de que ele não tinha mais interesse em vê-la do que ela em vê-lo a ele. Já não se falavam há anos. Não havia razão para terem contacto, que era o que Elise preferia.

– Não poderás evitar ver o pai – disse a filha sem conseguir olhá-la nos olhos.

– O que queres dizer? – Exigiu Elise à medida que uma sensação de naufrágio se apoderava dela.

– O pai vai ficar aqui.

– Em casa? – Elise estava horrorizada. Isto não podia ser verdade, mas ela soube, pela confirmação inegável na cara da Aurora, que era. O entorpecimento estava de volta em plena força e alastrava-se até às suas pernas. – Ele sabe que estou a viver contigo?

A filha respondeu com um aceno de cabeça. – Eu disse-lhe, mas ele continua a quer vir.

– Por...quanto tempo?

Aurora hesitou. – Duas semanas.

– Duas *semanas*? – Explodiu Elise. O livro caiu no chão quando ela se sentou. – Isto está fora de questão! Não é possível acreditares que nós os dois podemos permanecer na mesma casa—juntos—essa quantidade de tempo. – Culpou Maverick por isto. Ele tinha manipulado a filha para que concordasse com isso, seguramente porque estava com pouca sorte e sem um tostão. Elise queria chorar. – Vou arranjar outro lugar por algum tempo – murmurou, pensando em voz alta. Realmente, essa seria a sua vontade, mas todas as suas coisas estavam armazenadas e sabia Deus para onde se podia mudar por um período tão curto.

– Mãe, acalma-te. – Depois, com uma voz mais suave, acrescentou – Por favor. Não há necessidade de exageros.

Passando as pernas pela borda da chaise longue, Elise sentiu vontade de enterrar a cara nas mãos, um impulso a que resistiu. Isto ia ser um desastre, mas a filha parecia não reconhecer isso.

– O pai nunca me pediu nada antes – disse Aurora. – Não lhe podia recusar.

– Ele apostou no recurso à compaixão?

– Não – explodiu ela e pareceu ofendida por Elise o ter sugerido. – Não o fez. O pai sempre foi generoso e maravilhoso comigo, com o David e com os rapazes.

– O homem não é de confiança.

– Isso é a forma como o vê, mas para mim, ele é o meu pai.

Elise voltou a sentir-se culpada. Estava determinada a não dizer mais nenhuma palavra negativa sobre o ex-marido. – Ok, então ele vai estar de visita durante duas semanas.

Aurora assentiu.

– E tens a *certeza* de que ele sabe que estou a viver contigo?

– Sim. – Pelo tom de voz da filha, Elise suspeitou que esta era uma complicação que Maverick não tinha previsto. Bem, o que quer que ele estivesse à procura, o que quer que quisesse, teria de passar por ela—e ela, felizmente, era tão inteligente quanto ele. Não seria tão facilmente enganada.

– Onde vai ele dormir? – A casa de três quartos tinha um tamanho adequado, mas não havia um quarto de hóspedes. Elise tinha ocupado o terceiro quarto e arranjou-o como um minúsculo apartamento, tipo estúdio. Ela tinha um micro-ondas, a sua própria casa de banho, uma área de televisão com uma cadeira de baloiço e a sua cama individual. Era tudo o que precisava. Tinha privacidade, um pequeno refúgio do mundo e podia retirar-se para o seu quarto para dar à filha e família o seu próprio espaço.

– Vou pôr o pai com os rapazes.

Essa foi uma sábia decisão. Os seus netos, embora uma absoluta delícia, podiam ser pequenos diabinhos. Maverick não estava habituado a estar perto de crianças. Elise suspeitava que ele não aguentaria muito tempo a dormir no mesmo quarto que Luke e John.

– Esta não é a situação mais fácil – continuou Aurora.

Elise revirou os olhos para o céu. – Para dizer o mínimo. – Depois, sentiu instantaneamente outra onda de culpa.

– Preciso que estejas do meu lado, mãe, não contra mim.

– Eu nunca faria nada que te magoasse – disse Elise à filha, escondendo a sua angústia por Aurora ter insinuado tal coisa.

– Mas queres magoar o pai.

– Isso não é verdade – negou Elise calorosamente – Não tenho quaisquer sentimentos em relação ao teu pai, de uma forma ou de outra. – Era mentira e o seu rosto corou quando o disse.

– Mãaa—e – exclamou a filha, marcando cada sílaba desafiadoramente. – Tens tantas coisas por resolver com o pai, que levaria dias a enumerá-las todas.

– Estás a ser ridícula. – A filha conhecia-a bem, mas neste momento o que importava era fingir completa indiferença. Fosse como fosse, sobreviveria a estas duas semanas.

Aurora provou o chá gelado pela primeira vez, tinha os nós dos dedos, à volta do copo, brancos. – Não vamos por aí, especialmente agora. Preciso da tua palavra de que não vais dizer ou fazer nada, *nada* mesmo, para aborrecer o pai.

– Nunca faria tal coisa—

– É crucial manter a paz. Não quero sujeitar os rapazes à tua raiva em relação ao pai.

Elise ficou perturbada por a filha poder acreditar que seria *ela* a causar problemas. – Tens a minha palavra de que farei tudo o que puder para tornar a estadia do teu pai tão agradável quanto possível. – Se isso significasse esconder-se no seu quarto nas próximas duas semanas, então assim seria.

– Não prometas isto de ânimo leve, mãe. É o pedido mais importante que já te fiz.

Elise perguntou-se novamente se deveria sair de casa e poupar-lhes todo este desgosto. Infelizmente, ela não tinha mais para onde ir. Estava presa na mesma casa com o homem que amara e odiara nos últimos trinta e sete anos.

Capítulo 7 - *Lydia Hoffman*

“As meias feitas à mão, cuidadosamente tricotadas, e que se ajustam na perfeição são as 'verdadeiras'; a diversidade que se pode comprar são apenas fracas imitações.”

—Diane Soucy, *Knitting Pure & Simple*,

www.knittingpureandsimple.com

Este era o meu primeiro curso de meias e estava entusiasmada com o nosso encontro das 13 horas. No último ano, dei vários cursos e aprendi que é fundamental ter a mistura certa de personalidades. Tinha dúvidas sobre as mulheres que compunham este, mas não queria antecipar problemas.

As personalidades das três mulheres que se inscreveram para este lembraram-me o meu primeiro curso de tricô no ano passado. Tanto quanto podia perceber, Elise, Bethanne e Courtney não tinham nada em comum, exceto vontade de tricotar. Senti o

mesmo em relação ao curso de mantas de bebê com Jacqueline, Carol e Alix. Eram o mais diferentes possível e, no entanto, todas nós estabelecemos amizades duradouras num curtíssimo espaço de tempo. Continuava a sentir-me maravilhada com isso e esperava que a história se repetisse, embora na realidade não esperasse isso. De uma forma geral não sou pessimista—ao contrário da minha irmã—mas Elise Beaumont pareceu-me inflexível e circunspecta, fechada. Bethanne Hamlin, a julgar pelo nosso breve encontro, era nervosa e assustadiça, pronta a correr e a esconder-se ao menor ruído. Courtney Pulanski era uma adolescente. Tive pena dela—a coitada da miúda parecia horrorizada quando a avó insistiu em inscrevê-la. Infelizmente, não conseguia ver estas três pessoas como uma boa combinação.

Olhei para Margaret, que estava ocupada com uma cliente enquanto eu me preparava para a aula. Logo pela manhã, dei uma oportunidade à minha irmã de se abrir comigo sobre a situação de trabalho do Matt, mas ela permaneceu calada. Tive dificuldade em disfarçar a minha desilusão, mas senti que não podia contar o que sabia. Nem a queria pressionar a confiar em mim. O meu coração sofria por ela—e por mim também. Tinha uma dúzia de perguntas que estava morta para fazer; entre outras preocupações, queria saber como as minhas sobrinhas, Julia e Hailey, estavam a lidar com isto. Sempre fui próxima delas e acreditava que o teriam mencionado, a menos que Margaret o tivesse proibido. De certa forma, conseguia compreender a relutância da minha irmã, mas isso não me fazia sentir melhor.

A campainha por cima da porta tilintou e Elise Beaumont entrou na loja. Não era o que eu chamaria de uma pessoa calorosa e amigável, mas foi suficientemente cordial no nosso primeiro encontro. Esta manhã, porém, irradiava desagrado. Também parecia que não tinha dormido bem. Se a conhecesse há mais tempo poderia ter perguntado, mas como era uma nova cliente, decidi não o fazer. Meu Deus, este curso *não* estava a ter um bom começo.

- Bom dia. – Esperei que a minha saudação a atraísse, mas ela franziu-me a testa.
- Preciso de saber quanto tempo esta aula demora.

Peguei no panfleto que Margaret tinha feito no computador e entreguei-lho como lembrança. – Duas horas.

– Suponho que esteja bem. – Com uma expressão desalentada, Elise puxou uma cadeira e sentou-se à mesa, colocando o seu saco de tricô no colo.

Lembrei-me de que ela já tinha escolhido o que precisava para a aula—um fio azul-claro padronizado com pontinhos cinza e preto. Presumivelmente, iria tricotar as meias para um homem.

Assim que Elise se sentou à mesa, Bethanne entrou vestida de forma bastante formal, na minha opinião, seguida quase de imediato por Courtney, que não poderia parecer menos formal de jeans e T-shirt XXL. Sem uma palavra, ambas caminharam para o fundo da loja e sentaram-se à mesa, o mais afastadas possível.

Aproximei-me de uma ponta e sorri. – Vejo que estamos todas aqui. Espero que gostem de aprender a arte de tricotar meias com agulhas circulares. Vamos entrar numa pequena aventura de tricô, mas sei que não ficarão desapontadas. Penso que seria melhor se começássemos por nos apresentarmos. Porque não nos dizem todas algo sobre vocês.

As minhas alunas olharam-me; pareciam estar à espera que alguém começasse. – Ok, eu começo – disse – Eu sou Lydia Hoffman, e abri O Fio da Meada há pouco mais de um ano. Adoro tricotar e isto dá-me a oportunidade de fazer algo de que realmente gosto. Também adoro a oportunidade de converter outras pessoas. – Sorri ao dizer isto e fiz um gesto à Courtney para começar.

A adolescente endireitou-se e deu uma olhadela às outras duas mulheres. – Olá – disse ela e fez um pequeno aceno. – O meu nome é Courtney Pulanski. Tenho dezassete anos e mudei-me, recentemente, para casa da minha avó para fazer o último ano do liceu. A minha mãe morreu há alguns anos e o meu pai está a trabalhar no Brasil como engenheiro. – Hesitou e acrescentou, – isto resume tudo.

– Vive com a sua avó no último ano do liceu? – repetiu Elise simpaticamente. – Isso deve ser difícil.

Courtney engoliu em seco. – O pai angustiou-se com a decisão e eu também, mas pareceu a melhor solução. Sou próxima da minha irmã e do meu irmão e falamos praticamente todos os dias. O pai também me envia e-mails quando pode, mas tem estado ocupado e, bem—sei que ele pensa em todos nós.

Elise assentiu. – Isso ajuda, tenho a certeza.

– Ajuda – sussurrou a rapariga, baixando os olhos, claramente lutando contra as lágrimas.

Querendo retirar a atenção de Courtney, sorri para Bethanne. – E você?

– Oh, olá – disse Bethanne, inclinando-se para a frente. – O meu nome é Bethanne Hamlin. Sou esposa e mãe de dois filhos. – Parou um momento e a sua angústia foi direta ao meu coração. – Na verdade, não sou uma esposa, mas uma ex-mulher. O meu marido

e eu divorciámo-nos recentemente. – Ela virou-se para Elise, como que antecipando um comentário e evitou-o, acrescentando – Eu não me queria divorciar. Mas agora que já não sou casada, a minha filha insistiu que eu precisava de fazer algo por mim mesma. – Terminou com um riso suave e forçado. – Por isso, aqui estou eu.

– Mas já tricotei antes, certo? – Perguntei, certa de me lembrar Bethanne ter dito que já tinha sido uma amante do tricô.

– Concluí vários projetos—relativamente simples—quando os miúdos eram pequenos. Tenho a lã e o padrão para este curso e tudo é adorável, mas receio que possa ser demais para mim. As meias parecem-me demasiado complicadas.

Bethanne parecia pronta a desistir antes mesmo de ter começado. – Com apenas vocês as três nesta formação, poderei dar-vos atenção individual – assegurei-lhe – por isso não se preocupe ainda com isso.

– Mas eu estava a pensar, sabe – disse Bethanne hesitantemente – se eu achar que não consigo fazer isto, qual é a política de reembolso?

– Não há reembolsos, lamento. – Não me podia dar a esse luxo e não queria encorajar uma atitude derrotista. – Elise? –, disse eu.

– Sou Elise Beaumont e algumas de vós talvez me reconheçam da Escola Primária Harry S. Truman, onde trabalhei como bibliotecária durante trinta e oito anos. Reformei-me há pouco tempo e estava à procura de um projeto que me pudesse interessar. Pensei em experimentar tricotar meias – e encostou-se na cadeira quando terminou de falar.

Dei às três alguns segundos para digerir a informação que tinham partilhado, depois disse – estou contente por estarem todas aqui. Embora seja uma turma pequena em número, acho que, de um modo geral, é uma vantagem. Quando começarem a tricotar meias – continuei – perguntar-se-ão por que não o fizeram mais cedo. São divertidas e com o método da agulha circular quase se podem considerar fáceis.

As minhas alunas ouviram enquanto lhes mostrava uma variedade de fios apropriados para meias, desde o fingering até ao Double Knit. Queria começar com uma meia básica, mas expliquei que os desenhos seriam tão variados e tão diferentes quanto o próprio fio. Escolhi um padrão da Nancy Bush. Os padrões da Nancy estavam entre os meus favoritos e sabia que as minhas alunas iriam gostar tanto como eu.

– A aula de hoje consiste em montar os pontos para uma meia norueguesa – disse. – É um pouco diferente do que podem estar habituadas, mas tenho uma boa razão para o recomendar.

– Parece complicado – disse Bethanne, observando-me de perto enquanto torcia o fio à volta da agulha. – Não tenho a certeza de ser capaz de o fazer.

– Oh, pelo amor da Santa, ainda nem sequer viu como se faz – murmurou Elise subitamente de mau humor. – Deixe a Lydia mostrar-nos primeiro e depois pode queixar-se.

Bethanne pareceu recolher-se para dentro de si mesma e não proferiu mais nenhuma palavra. – Deixe-me demonstrar, Bethanne. Não é nem de perto tão complicado como parece – disse eu, querendo disfarçar o constrangimento do momento. O que quer que tivesse perturbado Elise, ela estava claramente a descarregar na pobre Bethanne. Desde o momento em que entrou pela porta, percebi que estava magoada com alguma coisa.

– A minha avó sugeriu que fizesse canelado dois por dois em vez de um por um numa meia de cano médio – disse Courtney.

Eu adorava a Vera, a avó da rapariga, que tricotava muito bem e era uma das minhas clientes habituais. Perguntava-me porque não tinha decidido ensinar Courtney ela própria, uma vez estava mais do que qualificada para o fazer.

– O que acha? – perguntou a rapariga.

– A tua avó está certa. O canelado dois por dois dá mais elasticidade à meia, mas estamos a antecipar-nos.

– Oh! Desculpe.

Falei durante alguns minutos sobre como tricotar uma meia que se adaptasse corretamente ao pé. Também passei uma amostra para ajudar a turma a calcular o número apropriado de pontos de acordo com a espessura do fio. Os fios finos estilo fingering requerem mais pontos, os fios mais grossos menos.

– Estão a acompanhar? – perguntei.

As três assentiram. Passei o resto da aula a ensinar como se montam os pontos no método norueguês e como trabalhar com duas agulhas circulares. Courtney captou tudo de imediato. Terminou primeiro e levantou orgulhosamente a cabeça enquanto Elise e Bethanne se debatiam com as agulhas e a lã.

Passei a maior parte do tempo a ajudar Bethanne. Tenho a certeza de que não estava a mentir quando disse que já tinha tricotado há anos, mas agora mal conseguia segurar a lã e as agulhas. Nunca conheci uma mulher tão pouco confiante e tenho de admitir que a Bethanne testou o limite de minha paciência.

A minha reação à dificuldade de Elise não foi muito melhor. Ela não murmurou qualquer palavra que não fosse necessária após a repreensão a Bethanne e senti que ela se arrependeu da explosão. Também tive a nítida sensação de que ela achava que me faltava algo enquanto professora. Não foi uma sensação confortável.

Depois de terem terminado, reunido os seus materiais e saído, senti-me como se tivesse trabalhado o dia inteiro. Estava exausta.

– Como correu a aula? – perguntou Margaret, juntando-se a mim no escritório enquanto eu fazia um chá para mim.

– Terrível.

– A sério?

Sacudi a minha cabeça, não querendo falar sobre isso. Ocorreu-me subitamente que isto poderia muito bem explicar o que a minha irmã sentia sobre discutir os problemas da sua própria vida.

– Estou a ver que esta não vai ser uma boa turma – resmunguei.

Margaret não estava habituada a uma visão pessimista da minha parte. – Porque dizes isso?

– Apenas um pressentimento...

– E esse pressentimento é...

Suspirei. – Elise é rabugenta. Bethanne está em pânico e convencida de que não se lembra de como tricotar. E Courtney está ressentida.

Perguntava-me se me ia arrepender de dar este curso.

Capítulo 8 - *Bethanne Hamlin*

Depois da aula de tricô, Bethanne esperou sentada numa mesa de ferro branco na esplanada da padaria francesa. Grant tinha concordado relutantemente encontrar-se com ela, mas Bethanne tinha percebido que ele escolheu um local público, como se antecipasse que ela fizesse uma cena. Ela não tinha qualquer intenção de fazer tal coisa; apenas queria alguma ajuda e aconselhamento. Esperava que eles pudessem discutir a situação de uma forma civilizada. Talvez surpreendentemente, ela não odiava Grant e para bem dos filhos eles precisavam de colaborar. Ele também reconhecia isso certamente.

Beberricando um café forte e quente, Bethanne esperava que lhe reforçasse a coragem. Esta seria uma conversa desagradável, especialmente quando ela abordasse o tema dinheiro.

Grant contornou a esquina a pé e Bethanne interrogou-se onde teria estacionado. Viu-o antes de ele a ver. Era um homem impressionante e mesmo que a tivesse traído profundamente, não conseguia deixar de o amar. Enraivecia-a o facto de ainda ter sentimentos por ele, mas o seu amor estava misturado com raiva, repúdio e incredulidade. O homem que caminhava na sua direção era agora praticamente um estranho.

Quando Grant a avistou, não sorriu; ao invés, cumprimentou-a com um rápido aceno de cabeça. Ela usava um blazer preto feito à medida sobre uma blusa de seda verde-claro, umas calças pretas muito caras e o cabelo estava bem puxado para trás com um grande gancho prateado. Ele não reagiu, de todo, à sua aparência embora costumasse admirar a figura dela com aquela roupa. Puxou a cadeira de ferro e sentou-se sem um sorriso ou qualquer indicação de prazer em vê-la.

– Queres beber alguma coisa? – perguntou ela, pensando que seria mais fácil se ambos estivessem relaxados.

– Não. – E verificou o relógio. – Tenho apenas alguns minutos. Qual é o problema agora?

Bethanne lutou contra a emoção motivada pela rudeza das palavras dele. – É sobre a Annie.

– Foi o que disseste ao telefone e, francamente, não vejo o que ela fez que esteja tão fora do normal. Ok, ela está zangada. Era de esperar e a Tiff tem levado na desportiva as assinaturas das revistas e as chamadas do banco de sangue. Tu és a única a pensar que a Annie tem raiva reprimida prestes a explodir.

– Eu não *penso* isto, Grant, eu sei. Estou preocupada...até o Andrew está preocupado. Ele não teria falado comigo se não estivesse.

– Pronto, então tu e o Andrew estão preocupados. Não quero parecer insensível, mas não creio que a Annie esteja assim tão transtornada. Uma certa dose de animosidade é normal e ela vai ultrapassar isso em breve.

– Mas não és tu que vives com ela – argumentou Bethanne. – Sou eu. Sim, aparentemente ela parece estar a adaptar-se, mas não está. – Grant abanou a cabeça desdenhosamente, fazendo a raiva crescer dentro dela. – Quando é que te tornaste um

expert nos efeitos do divórcio em raparigas adolescentes? O que é que fizeste, leste um livro? – Seria esperar demasiado que ele tivesse falado com um terapeuta.

Grant suspirou e inclinou-se para trás na cadeira. – Sei que ela começou a correr e essa é uma boa maneira de ela descarregar a sua frustração – disse ele, ignorando a pergunta.

– Eu sei...concordo, mas—

– Estás a usar os miúdos como uma forma conveniente de chegar até mim – disse ele com voz de desafio.

– Chegar até ti? – Consegui não gritar. A sua fúria ameaçava explodir, mas por causa dos filhos e porque eles estavam num lugar público, Bethanne reprimiu-a. Quis falar com ele para lhe mostrar que a filha tinha um problema sério. Ela não sabia como lidar com Annie e queria, *precisava*, da ajuda dele.

– Devo sentir-me culpado – resmungou Grant. – É isso que estás aqui a tentar fazer. Estás a manipular-me e a Annie também. Deus sabe como ambos os miúdos estão a dar-me cabo da paciência. De acordo com os termos do divórcio, é suposto passarem fins-de-semana alternados comigo. Eles recusam e tu deixas! Bom, estou farto dos teus jogos—e dos deles também.

Era verdade; Andrew e Annie resistiram tenazmente a todos os esforços dela para que fossem para casa de Grant nos fins de semana mandatados. Ela não podia *forçá*-los a ir. Não na idade deles.

– Mas, eu—

Ele levantou-se como se tivesse dito tudo o que pretendia dizer.

Bethanne sabia que se não confessasse o que tinha feito, Grant simplesmente iria embora. – Eu...Eu li o diário da Annie. – Ela não estava orgulhosa disso, mas o instinto dizia-lhe que algo estava errado. Os poucos registos que ela tinha lido tinham-lhe feito o sangue gelar. Annie tinha experimentado drogas e esgueirava-se à noite para se encontrar com os seus novos "amigos". Os rapazes sobre quem Annie escreveu não eram os que Bethanne conhecia e ela tinha medo de especular sobre o que se passava nesses encontros secretos.

Grant voltou a sentar-se. – Fizeste o *quê*?

– Li o diário dela. Oh, Grant, não fazes ideia de como ela está furiosa connosco. Ela anda a brincar com...com coisas que não devia, e—

Ele encolheu os ombros como se quisesse dizer que Bethanne devia ter esperado isto. – Ela vai ultrapassar isso. O divórcio foi um choque e temos de lhe dar tempo.

Ultrapassar isso? – repetiu Bethanne. Grant nem sequer pareceu importar-se. A dor no peito quase a sufocou. Questionou-se se ele tinha sido sempre tão insensível e ela simplesmente não o tinha visto ou se ele tinha mudado completamente em tão pouco tempo.

– É normal neste tipo de situação.

Normal? Normal que ele abandonasse a sua família? Normal que ele infligisse esta dor às mesmas pessoas que prometeu amar e acarinhar—e depois as dispensasse como se não significassem nada? Normal que na sua dor e fúria Annie arriscasse destruir a sua própria vida? Ouvir Grant falar de forma tão superficial sobre a filha quase lhe esmagou o coração.

Suponho que tenhas razão – murmurou Bethanne, e olhou fixamente para o seu café. – Mas achei que devia avisar-te.

– Sobre o quê?

– O pequeno problema da Annie com o ódio. – Ela tinha planeado dizer-lhe que, segundo Andrew, a filha ia intensificar a sua campanha contra Tiffany, mas deixaria Grant lidar com isso.

– Há mais alguma coisa? – perguntou ele impacientemente.

– Uma pequena coisa. – Bethanne segurou a chávena de café com as duas mãos e recusou-se a olhá-lo nos olhos. Discutir dinheiro com o ex-marido era desagradável.

– Sim? – perguntou ele com um longo suspiro de impaciência.

– Andrew inscreveu-se no acampamento de futebol. – O filho era um atleta talentoso e Bethanne tinha a certeza de que lhe iriam oferecer uma bolsa de estudo para a Universidade de Washington ou para a Washington State.

– Sim, pelo que sei.

– Não tenho dinheiro para isso. – Era embaraçoso admiti-lo, mas ela não tinha alternativa. – Se pudesses assumir o custo do acampamento, então eu assumo tudo o resto.

– O que queres dizer com tudo o resto – perguntou ele. – Como por exemplo?

Ela já estava preocupada com uma série de despesas futuras—despesas que ela não sabia como iria cumprir. – Recebi um aviso no final do ano letivo de que as despesas desportivas vão duplicar em setembro. O apoio escolar foi recusado e—bem, isso mais as despesas das fotografias de finalista, achei justo que assumisses o custo do acampamento. – Não se deu ao trabalho de mencionar que, quando a escola recomeçasse em setembro, haveria também o custo com roupa nova e dezenas de outras despesas relacionadas.

– Não podes pagar o acampamento?

– Posso, mas depois não sobraria o suficiente para o pagamento da casa.

Grant não disse nada durante um longo momento. – Já estava a prever isto –, murmurou ele.

Bethanne só podia imaginar o que ele queria dizer. – Não tenciono recorrer a ti sempre que precisar de dinheiro –, assegurou-lhe.

– Estás a fazer isto agora.

Sim, mas... – Com certeza ele compreendia que a pensão de alimentos que lhe tinha sido determinado pagar não cobria o custo de educar dois adolescentes.

– Bethanne, ouve, não te posso ajudar. Por favor, não voltes a vir ter comigo.

– Mas—

– Estou a dar-te uma pensão mais a pensão de alimentos. Já tens um emprego? – Baixando os olhos ela abanou a cabeça.

– Foi o que imaginei. Já tentaste procurar sequer? – perguntou sarcasticamente, como se já soubesse a resposta. – Cada centavo que tens agora vem diretamente de mim. Não te vejo a fazer qualquer esforço para te sustentares.

– *Tenho* tentado, mas não sei mais o que fazer, onde procurar. – Admitir a sua fraqueza foi humilhante. Queria atacá-lo, culpá-lo, amaldiçoá-lo, mas isso não serviria de nada, por isso mais uma vez ela engoliu o pouco orgulho que lhe restava.

– Começa a procurar um emprego lendo o jornal – sugeriu Grant num tom condescendente. – No mínimo, podes abrir uma creche em casa. Sempre te orgulhaste de ser uma boa mãe.

Bethanne costumava pensar que era, mas também pensava que era uma boa esposa. Aparentemente, não. Tentou sacudir estes sentimentos de fracasso.

– Usa as tuas competências naturais – continuou Grant – de uma forma que não sejas um sorvedouro constante para mim".

Ela retraiu-se perante o impacto das palavras dele.

– Não quero ser o mau da fita, mas está na hora de acordares e arregaçares as mangas. – Sorriu como se tivesse dito uma piada. – Dentro de dois anos a Annie terá concluído o ensino secundário e o pagamento da pensão de alimentos acabará.

– E a faculdade? – Isso já tinha sido determinado no acordo de divórcio, como ela fez questão de lhe recordar.

– Vamos dividir as despesas da faculdade, lembras-te? Isso significa não só que terás de ser autossuficiente, mas também que terás de ganhar o suficiente para pagar a tua parte das despesas dos miúdos. Sugiro que arranjes uma carreira a curto prazo.

– Eu sei, mas...

– Tens sempre uma desculpa, não tens?

Desta vez foi Bethanne que se pôs de pé, ansiosa por sair dali para escapar a este homem frio e egoísta que tinha feito tudo ao seu alcance para a destruir. Agora, mais do que nunca, ela estava determinada a provar que ele estava errado.

– Adeus, Grant. Não te preocupes que te volte a incomodar – disse ela por entre os dentes cerrados. Olhou para ele na esperança de que ele pudesse ver e sentir o seu desprezo. Como tinha ela conseguido viver com ele todos aqueles anos e não saber o tipo de homem que ele era?

Bethanne deixou o café, mas assim que Grant seguiu na direção oposta, precisou de alguns minutos para se recompor antes de descer a rua onde tinha o carro estacionado. Tinha deixado o seu tricô escondido no porta-bagagens. Já tinha tentado obter o reembolso do curso, que era uma despesa desnecessária, mas agora era demasiado tarde. O dinheiro tinha sido gasto; ela não o desperdiçaria.

Ao chegar ao carro, viu um Cadillac novinho em folha a virar a esquina. Era do estilo e da cor que Grant tinha querido comprar—antes do divórcio. Os seus olhos voltaram-se para o condutor e, claro, era o seu ex, conduzindo um carro tão novo que ainda tinha a matrícula do concessionário. Recusou-se a ajudá-la com os custos do acampamento de futebol para Andrew, mas podia pagar um carro caro de que nem sequer precisava.

Capítulo V

Comentário da tradução

Qualquer tradução apresenta desafios que envolvem tomada de decisões. Neste capítulo são apresentadas algumas das decisões que tomámos ao longo do processo de tradução bem como a discussão das mesmas.

1. Nomes próprios

O primeiro desafio com que nos deparámos aquando da tradução deste texto foi a tradução dos nomes próprios. Esta obra pertence a uma série cujo primeiro volume já foi traduzido para a língua de chegada. Assim, de forma a garantir coerência nos textos de chegada tivemos em conta a tradução existente, que não traduziu os nomes próprios, isto é, todos os nomes das personagens bem como os nomes de ruas, cidades e bairros foram mantidos.

A não tradução dos nomes próprios sugere não só a visibilidade do tradutor como a salvaguarda de algum estranhamento. Apesar de a “subordination or even invisibility of the translator has typically been considered a key factor in the low status of literary translations” (Baker & Saldanha, 2020: 35), em Portugal a cultura norte-americana está presente em diversas áreas, seja através da literatura, do cinema, da televisão ou da internet. Por consequência, o leitor português já está familiarizado com algumas das referências, o que vai ao encontro do que Venuti (1995) afirma: “foreignizing is also an attempt to recognize and allow those differences to shape cultural discourses in the target language” Venuti (1995: 146).

Contudo, houve uma exceção. No primeiro livro da série, *A Pequena Loja em Blossom Street (The Shop on Blossom Street)*, publicado pela editora Arcádia, em setembro de 2010, o tradutor Paulo Emílio Pires optou por traduzir o nome do gato da personagem principal, Lydia. Sendo *A Good Yarn* o segundo romance de uma série cujo primeiro romance já tem uma tradução na língua de chegada, as estratégias do tradutor Paulo Emílio Pires foram tidas em conta ao longo do processo desta tradução. A atenção

à tradução de *A Pequena Loja em Blossom Street* garante a simetria do texto bem como a oportunidade de o público-alvo seguir a história de forma fluida. A decisão do tradutor Paulo Emílio Pires de traduzir o nome do gato mostrou-se incoerente perante a estratégia adotada relativamente aos nomes próprios. Por discordarmos desta decisão que contraria a linha orientadora da tradução, optámos por manter o nome do gato como *Whiskers* em vez de “Bigodes”, opção do tradutor do primeiro volume desta série.

2. Expressões idiomáticas e expressões fixas

Tânia Carvalhal refere que qualquer tradução nunca é apenas a transferência literal de um texto de uma língua para outra:

Toda a tradução literária é um ato criativo. Trata-se de transferir para uma determinada (e contemporânea) tradição literária uma obra escrita em outra língua e, muitas vezes, em outro tempo. Essa transposição, que é em si mesma contextual, é também uma prática de produção textual, paralela à própria criação literária. (Carvalhal, 2013: 47)

Mesmo que o tradutor atente e zele pelo respeito ao texto de partida, o texto de chegada nunca será o mesmo não só porque não há coincidência completa entre duas línguas, seja de sentido, semântica ou sintática, como também pela existência de um intermediário – o tradutor – que acaba por traduzir a leitura que faz do texto de partida e esta leitura não é única, fechada.

Como refere Umberto Eco (1991: 40) uma obra literária não se encerra em si mesma, é recriada a cada leitura que dela é feita, cada leitor apreende-a de determinada forma e, conseqüentemente, o tradutor como leitor em primeira instância reproduz o texto de partida regido pelas regras da língua de chegada, mas também pela interpretação que fez da obra. “A literatura exige uma conversação assíncrona entre escritor e leitor” (da Silva, 2021: 47).

O tradutor, como intermediário entre um texto de partida e um texto de chegada, é um criador pois cabe-lhe apreender o texto de partida em todas as suas variações, nuances e gradações e transferi-las para o texto de chegada “fazendo-as ressurgir com vitalidade no novo código que a abriga” (Carvalhal, 2013: 51). Este tradutor criador torna-

se também um construtor de pontes entre civilizações e culturas, por vezes tão distintas. O tradutor não se limita a transportar locuções e conteúdos de uma língua para a outra, mas preocupa-se, sempre que possível, em fazer com que o texto de chegada produza no leitor de chegada o mesmo efeito que o texto de partida produziu no leitor da língua de partida, não obstante a leitura independe e autónoma que cada leitor faz.

O tradutor vai mais além do sentido literal das palavras e leva ao leitor de chegada sensações e emoções, o que, atendendo às características de cada língua, exigem da sua parte uma aptidão criativa. O tradutor domina a língua de partida “para que se possa captar as nuances mais tênues, como também [garantir o] perfeito manejo do idioma alvo, para que se possa encontrar maneiras de recriar os aspectos subjetivos” (da Silva, 2021: 49), bem como a língua de chegada de forma a que os “aspectos subjetivos” sejam transpostos para o texto de chegada.

Nesse sentido, um dos tópicos mais desafiantes na tradução são as expressões idiomáticas que estão enraizadas numa determinada língua e cultura. Estas expressões não só transmitem um sentido num determinado contexto como reproduzem uma imagem mental. As expressões idiomáticas, as expressões fixas e os provérbios têm uma particularidade comum que justifica a nossa opção de não distinguir entre os três tipos de ocorrências ao longo desta dissertação. Como afirma Mona Baker (1992: 63), as expressões idiomáticas e expressões fixas “are frozen patterns of language which allow little or no variation in form and, in the case of idioms, often carry meanings which cannot be deduced from their individual components”. São estas características que determinam a abordagem do tradutor, que deve reconhecer a ocorrência de uma expressão que é fixa, não podendo ser alterada, que representa um saber tradicional, passado de geração em geração e cujo significado não se cinge ao significado de cada vocábulo per si, mas ao conjunto que produz um sentido conotativo e, muitas vezes, implícito. No entanto, a reprodução destas expressões no texto de chegada torna-se, por vezes, uma tarefa impossível de concretizar dada a discrepância entre as línguas de partida e as de chegada.

O primeiro desafio do tradutor consiste em identificar estas expressões, o que apresenta à partida uma dificuldade, pois, como refere Baker (1992: 64) “translators working into a foreign language cannot hope to achieve the same sensitivity that native speakers seem to have”. Nem sempre as expressões se revelam claras e fáceis de identificar, dado que o seu sentido é uma questão cultural, específica de uma sociedade ou mesmo de pequenos grupos particulares. Portanto, “não é algo intrínseco às lexias,

mas construído a partir da cultura, de maneira singular, por cada sujeito falante da língua” (Xatara et al, 2001: 185).

Porém, há alguns fatores que evidenciam a presença de uma expressão idiomática ou fixa num texto. Ao contrário do que acontece com qualquer frase, em que é possível alterar a ordem de algumas palavras, substituir uma palavra por um sinónimo, omitir vocábulos ou modificar a estrutura sintática sem que o sentido se modifique, relativamente às expressões idiomáticas e às expressões fixas, verifica-se que são unidades linguísticas unas que não admitem qualquer variação com prejuízo da perda do seu sentido.

Aquando do processo de tradução dos capítulos selecionados, a primeira fase do trabalho consistiu na identificação das expressões fixas e idiomáticas. Sempre que as expressões suscitaram dúvidas houve que recorrer a auxiliares, que nos pudessem confirmar tratar-se efetivamente de um caso a incluir nesta categoria. Entre estes auxiliares tidos como ferramenta de consulta foram usados o *1001 Provérbios em contraste*, da autoria de Martha Steinberg (2002), o *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas*, de Luiz L. Gomes (2003), o *Using Portuguese: A Guide to Contemporary Usage*, da autoria de Ana Sofia Ganho e Timothy Mcgovern (2004), ou ainda o *Oxford Dictionary of Idioms*, editado por Judith Siefring (2004). Estas ferramentas de consulta revelaram-se muito úteis, atendendo ao acervo que já incluem. Também foram feitas algumas pesquisas livres utilizando o motor de busca Google.

Após ter identificado todas as expressões, houve que encontrar soluções de tradução. Sempre que possível, tentamos reproduzir no texto de chegada um efeito semelhante ao criado no texto de partida, tentando manter o compromisso entre “uma tradução próxima à letra” e “manter as imagens, a sonoridade e o jogo dos significantes da expressão” (Francisco, 2010: 108-109). O objetivo foi, portanto, manter a presença da expressão idiomática ou fixa, isto é, manter no texto de chegada a presença de uma expressão que o leitor reconheça, garantindo igualmente a preservação do significado.

Antoine Berman (2000: 285) considera que a tradução literária se concentra em “texts so bound to their language that the translating act inevitably becomes a manipulation of signifiers”. O caso das expressões fixas e idiomáticas é uma evidência dessa manipulação, uma vez que o recurso a expressões equivalentes resulta num certo nível de domesticação do texto, dado que sobrepõem a expressões típicas da cultura de partida, expressões criadas e usadas na cultura de chegada.

Uma das estratégias para a tradução de expressões idiomáticas e expressões fixas é o uso de expressões equivalentes na língua de chegada. Foi este o método adotado por definição durante este trabalho, dado que as expressões equivalentes transmitem geralmente uma ideia semelhante e transmitem, ainda, ao leitor da tradução a informação de que o autor do texto de partida usou uma expressão idiomática no texto de partida. Outra das vantagens desta estratégia é tornar o texto familiar para o leitor do texto de chegada, respeitando assim uma característica própria dos best-sellers que, por definição, pressupõem “ser acessível a um público vasto e heterogéneo” (Torres, 2009: 278), devendo o texto traduzido “criar um mundo que o leitor reconhece” (Torres, 2009: 280).

Esta estratégia de tradução foi utilizada nas expressões indicadas no quadro n.º 1. Em muitos desses casos, houve uma coincidência do sentido da expressão e da imagem evocada. É o caso de “Drop-dead gorgeous”, traduzido para “Lindo de morrer”, e das correspondências entre “to be a good sport” (“Tiff’s been a good sport”) e “levar na desportiva” (“Tiff tem levado na desportiva”), “to be the apple of one’s eye” (“You’re the apple of my eye”) e “ser a menina dos olhos” (“És a menina dos meus olhos”), em que se mantém o mesmo campo semântico e se criam imagens mentais muito semelhantes.

Noutros casos, as expressões portuguesas tinham um sentido semelhante às do texto de partida, no entanto evocavam imagens ou remetiam para campos semânticos diferentes. É o caso de “right off the bat” (“She took to it right off the bat”), expressão que sugere uma imagem mental de uma bola a ser lançada por um taco de basebol, mas que tem o significado de uma coisa instantânea, “sem perda de tempo, sem hesitação” (Gomes, 2003: 23) foi traduzida por “de caras” (“Para ela foi de caras”), que remete para algo que acontece com muita facilidade, mas perdeu-se a referência ao basebol. Ou o caso da expressão “to yank my chain” (“Yanking my chain”) que foi traduzida por “Dar-me cabo da paciência”. “[Y]ank someone's chain”, que tem o significado de “tease someone” (Siefring, 2004: 49), ou seja, provocar alguém ou “to deceive someone in a friendly or playful way” (Merriam-Webster, n.d.), enganar, iludir e sugere uma imagem mental de um puxão de corrente, ao ser traduzida por “Dar-me cabo da paciência” elimina completamente a imagem, ficando apenas o sentido de algo aborrecido e que incomoda.

O mesmo acontece com a expressão “to wake up and smell the coffee” (“It’s time you woke up and smelled the coffee”), que significa que a pessoa deve “ser realista” (*Oyster English – With English, the World Is Your Oyster*, n.d.) e deve tomar uma decisão e agir. A tradução “Está na hora de acordares e arregaças as mangas” cumpre em termos

de significado, todavia gera uma imagem mental totalmente diferente. Também a expressão “head over heels” (“Had been head over heels”), que insinua alguém de cabeça para baixo e tem este significado, mas está também relacionada com o arrebatamento que o amor pode provocar (Siefring, 2004: 139) foi traduzida por “Tinha-se apaixonado perdidamente”, perdendo a imagem da expressão usada pela autora.

TP	TC
My come-what-may attitude (Cap. 1, p. 16)	A minha atitude de aconteça o que acontecer (p. 43)
Drop-dead gorgeous (Cap. 1, p. 17)	Lindo de morrer (p. 43)
Had been head over heels (Cap. 2, p. 26)	Tinha-se apaixonado perdidamente (p. 50)
You're the apple of my eye (Cap. 4, p. 49)	És a menina dos meus olhos (p. 67)
Gun it (Cap. 4, p. 51)	Prego a fundo (p. 68)
She took to it right off the bat (Cap. 4, p. 53)	Para ela foi de caras (p. 70)
How that man could talk (Cap. 6, p. 65)	Que lábia tinha aquele homem (p. 79)
I need you to work with me (Cap. 6, p. 71)	Preciso que estejas do meu lado (p. 84)
Tiff's been a good sport (Cap. 8, p. 81)	Tiff tem levado na desportiva (p. 91)
Yanking my chain (Cap. 8, p. 82)	Dar-me cabo da paciência (p. 92)
It's time you woke up and smelled the coffee (Cap. 8, p. 85)	Está na hora de acordares e arregaças as mangas (p. 9)

Quadro n.º 1 - Expressões idiomáticas e expressões fixas traduzidas por expressões equivalentes

As interjeições mereceram neste trabalho uma abordagem semelhante à das expressões fixas (quadro n.º 2). Algumas têm a particularidade de conter referências religiosas, que foi possível reproduzir no texto de chegada, tendo em conta a familiaridade do leitor de chegada com expressões relacionadas com a religião católica. Assim, no caso da interjeição “For the love of heaven” traduzida por “Pelo amor da Santa” manteve-se a referência religiosa. Já no caso de “Damn it”, que tem na sua origem a ideia de punição

divina numa vida depois da morte, não foi encontrada uma solução que permitisse manter o sentido e a referência religiosa, tendo-se recorrido ao mais simples “Raios”.

Em contrapartida, as expressões “Good grief” e “My goodness” foram traduzidas por expressões equivalentes na língua de chegada, mas introduzem uma referência religiosa que não existia no texto de partida: “Jesus Cristo” e “Valha-me Deus”. Esta referência religiosa resulta numa aproximação do texto de chegada à cultura de chegada uma vez que a religião católica tem ainda grande projeção em Portugal. A interjeição “No way” é uma exclamação bastante informal que enfatiza uma negação, recusa ou algo que dificilmente acontecerá. Assim, optámos por prolongar o advérbio “Não” de modo a enfatizar a ideia, “Nãao”.

TP	TC
Good grief (Cap. 1, p. 21)	Jesus Cristo (p. 46)
Damn it (Cap. 3, p. 38)	Raios (p. 59)
My goodness (Cap. 4, p. 50)	Valha-me Deus (p. 68)
No way (Cap. 4, p. 54)	Nãao (p. 71)
For the love of heaven (Cap. 7, p. 77)	Pelo amor da Santa (p. 88)

Quadro n.º 2 - Interjeições

Nem sempre foi possível encontrar uma expressão equivalente na língua de chegada que transmitisse não só a evidência de ser uma expressão idiomática, ou seja, um padrão linguístico fixo que não permite variações na forma e que contém sentidos que não deriva dos seus componentes individuais, ou das expressões fixas que devem ser tomadas como uma unidade de tradução com um sentido transparente, evocando no leitor todos os aspetos da experiência associados ao contexto, como o sentido conotativo e a imagem que estas expressões sugerem na língua de partida.

É o caso das expressões indicadas no quadro n.º 3 que, no texto de partida, eram expressões idiomáticas: “the hell out of”, que tem o sentido de “muito” (*Dicionário Cambridge: Significados, Definições E Traduções*, 2022); “Out of sorts”, definido como “slightly unwell; in low spirits; irritable” (Siefiring, 2004: 270) e “mal-humorado, irritado; indisposto” (Gomes, 2003: 382); “salt-of-the-earth” que remete para a ideia de “pessoa(s) simples, comum(ns) mas honesta(s), sincera(s), decente(s)” (Gomes, 2003: 351); “Set him up” que significa “prover, dar os meios necessários (Gomes, 2003: 361); “[B]orrow

trouble”, “preocupar-se desnecessariamente ou prematuramente” (Gomes, 2003: 438); “over one's head” que tem o sentido de “[b]eyond one's understanding or competence” (Dictionary.com, n.d.); e “try my hand”, que tem o sentido de “see how skilful you are” (Siefring, 2004: 299) e “[a]ttempt to do something for the first time” (Dictionary.com, n.d.). Todavia, pela falta de um equivalente na língua de chegada, todas estas expressões foram traduzidas por paráfrase metamorfoseando-as de forma que, no texto de chegada, deixaram de ser expressões idiomáticas ou fixas, o que representa uma clara “destruição de expressões e idiomas”, uma das tendências deformadoras da tradução apontadas por Berman (Berman 2000: 295).

A paráfrase acrescenta ao texto de chegada clarificação, outra das tendências deformadoras que Berman aponta, uma vez que “the explicitation can be the manifestation of something that is not apparent, but concealed or repressed, in the original” por um lado e, por outro, “explicitation aims to render “clear” what does not wish to be clear in the original” (Berman, 2000: 289) e, conseqüentemente, “expansão” do texto de chegada, outra das tendências deformadoras apontada por Berman por ser “a stretching, a slackening, which impairs the rhythmic flow of the work” (Berman, 2000: 290). Perante a inexistência de uma expressão equivalente na língua de chegada, a opção foi manter o sentido do texto de partida, recorrendo à explicação, assim como a sua fluidez, com prejuízo da informação de que existia na versão de partida uma expressão idiomática.

TP	TC
To cook the hell out of it (Cap. 4, p. 48)	Cozinhar até torrar (p. 66)
Out of sorts (Cap. 5, p. 58)	Mal-humorada (p. 73)
Is a salt-of-the-earth kind of guy (Cap. 5, p. 62)	Genuíno e bom (p. 77)
Set him up for life (Cap. 6, p. 66)	que o ia deixar bem de vida (p. 80)
Borrow trouble (Cap. 7, p. 73)	Antecipar problemas (p. 85)
In over my head (Cap. 7, p. 77)	Demais para mim (p. 87)
Try my hand (Cap. 7, p. 77)	Experimentar (p. 88)

Quadro n.º 3 - Expressões idiomáticas e fixas traduzidas por paráfrase

3. Linguagem metafórica

O Professor de Linguística da Universidade Eötvös Loránd, em Budapeste, Zoltán Kövecses, fornece a seguinte definição de metáfora: “[i]n the cognitive linguistic view (...) as understanding one conceptual domain in terms of another conceptual domain” (Kövecses, 2002: 4). Uma metáfora é então uma “expressão linguística” associada a um determinado conceito. A metáfora é um recurso expressivo usado por vezes pelos falantes, mas principalmente ao nível dos textos literários como forma de embelezamento estilístico. A metáfora baseia-se na analogia de sentido entre “duas entidades que se comparam e se identificam” (Rosén, 2020: 15). Remete para o universo da cognição que leva o recetor a depreender o significado por meio de associação de significados, conceitos e ideias.

No quadro n.º 4 apresentamos alguns exemplos da tradução de expressões metafóricas. À semelhança das expressões idiomáticas e fixas, na tradução da linguagem metafórica procuramos reproduzir no texto de chegada as mesmas imagens mentais, associações e inferências produzidas no texto de partida. A estratégia utilizada foi, portanto, a tradução por uma expressão equivalente da língua de chegada. Todavia, esta estratégia nem sempre reproduziu no texto de chegada uma metáfora com as mesmas imagens mentais e nem sempre foi possível manter o registo de língua.

Na tradução das expressões “Gambled every cent”; “In a fog of grief and loss”; “The social finesse of a dandelion”; “He was burned once”; “He’d raced into the world”; “That shipwreck of a marriage”; e “Pounding the pavement” por expressões equivalentes da língua de chegada foi possível obedecer ao sentido do texto bem como à linguagem comparativa entre elementos. Porém, nas expressões “Sank every dime”; “Stay afloat”; “Clean bill of health”; “We’re making strides”; “Toyed with the idea”; “His face fell”; e “Shield her face” esse respeito já não foi possível. Perdeu-se o elemento comparativo associado à metáfora e o registo do texto de chegada também se alterou, tornando-se mais formal. Incurremos, segundo Antoine Berman, numa das tendências deformadoras do processo de tradução, o enobrecimento do texto de chegada bem como, segundo Venuti, na domesticação do texto de chegada.

TP	TC
Gambled every cent (Cap. 1, p. 15)	Apostei todos os cêntimos (p. 41)
Sank every dime (Cap. 1, p. 15)	Usei cada cêntimo (p. 41)
In a fog of grief and loss (Cap. 1, p. 15)	Numa névoa de dor e perda (p. 42)
Stay afloat (Cap. 1, p. 15)	Em atividade (p. 42)
Clean bill of health (Cap. 1, p. 17)	Atestado de saúde (p. 43)
The social finesse of a dandelion (Cap. 1, p. 17)	A delicadeza de um elefante (p. 43)
He was burned once (Cap. 1, p. 18)	Ficou escaldado (p. 44)
We're making strides (Cap. 1, p. 18)	Estamos a fazer progressos (p. 44)
Toyed with the idea (Cap. 2, p. 25)	Divertia-a a ideia (p. 49)
He'd raced into the world (Cap. 2, p. 27)	Tinha entrado no mundo a correr (p. 51)
His face fell (Cap. 2, p. 27)	O seu rosto esmoreceu (p. 51)
That shipwreck of a marriage (Cap. 2, p. 29)	Casamento naufragado (p. 52)
Shield her face (Cap. 5, p. 56)	A proteger o rosto (p. 72)
Pounding the pavement (Cap. 5, p. 62)	Polido calçada (p. 77)

Quadro n.º 4 - Linguagem metafórica

4. Referências culturais

Em Portugal, a cultura norte-americana está presente em diversas áreas, seja através da literatura, do cinema, da televisão ou da internet e, por conseguinte, os leitores portugueses estarão provavelmente familiarizados com alguns termos e conceitos. Assim, optámos por manter, de uma forma geral, no texto de chegada termos que fizessem referência a particularidades da cultura dos Estados Unidos da América, cujo quadro n.º 5 apresenta alguns exemplos. Nos casos de termos porventura não tão conhecidos, a opção de não os traduzir deveu-se à intenção de assinalar ao leitor português o carácter estrangeiro do texto de partida.

TP	TC
UPS truck (Cap. 1, p. 17)	Camião da UPS (p. 43)
Red Martha Washington geraniums (Cap. 1, p. 21)	Gerânios reais vermelhos (p. 47)
“If All Seattle Reads the Same Book” program (Cap. 2, p. 30)	Programa "Se Todos em Seattle Lessem o Mesmo Livro" (p. 53)
Warm Up America (Cap. 2, p. 32)	A Warm Up America (p. 55)
Linus Project (Cap. 2, p. 32)	O Projecto Linus (p. 55)
ChemoCaps (Cap. 2, p. 32)	O ChemoCaps (p. 55)
Capitol Hill home (Cap. 3, p. 34)	Casa na zona de Capitol Hill (p. 55)
Earl Grey tea bags (Cap. 3, p. 35)	Saquinhos de chá Earl Grey (p. 56)
Valentine’s Day (Cap. 3, p. 35)	Dia dos Namorados (p. 56)
Local Safeway (Cap. 3, p. 43)	Supermercado Safeway (p. 63)
The 1968 Ford Ranch station wagon (Cap. 4, p. 51)	Carrinha Ford Ranch de 1968 (p. 68)
Meals on Wheels, perhaps (Cap. 5, p. 57)	Talvez as refeições da Meals on Wheels (p. 73)
Pancake Breakfast the Knights of Columbus held after Mass (Cap. 5, p. 58)	Pequeno-almoço que o Knights of Columbus serviu após a missa (p. 74)
Potluck (Cap. 5, p. 59)	Encontro-buffet (p. 75)
Green Lake (Cap. 5, p. 57)	Green Lake (p. 76)
Harry S. Truman Elementary School (Cap. 7, p. 77)	Escola Primária Harry S. Truman (p. 88)

Quadro n.º 5 – Referências culturais

Como é possível verificar nos exemplos apresentados, as referências culturais de uma forma geral mantiveram-se inalteradas no texto de chegada. Todavia, houve algumas exceções, tais como:

- traduzimos por uma expressão equivalente na língua de chegada “Red Martha Washington geraniums” e “Valentine’s Day” por a tradução em português europeu já existir e ser familiar; bem como “Potluck” por

considerarmos ser um termo desconhecido e que mesmo em contexto poderia representar uma dificuldade de leitura demasiado grande para o leitor português.

- consideramos pertinente incluir uma clarificação em “Capitol Hill home”, “Local Safeway” e em “Meals on Wheels”;
- incluímos uma nota de rodapé em “Knights of Columbus”, por considerarmos ser uma organização pouco conhecida do leitor português.

De acordo com os casos que foram surgindo no decurso do processo de tradução foi necessário recorrer a diferentes estratégias, tentando sempre evitar a perda de informação – manter a presença de expressões e o seu sentido – bem como a referência icónica que as expressões evocavam. Contudo, nem sempre foi possível transferir para o texto de chegada a essência do texto de partida e, nestas situações, privilegiou-se a fluência, tendo em conta o tipo de texto trabalhado – um best-seller – que “risks reducing the foreign text to what domestic constituencies have in common, a dialect, a cultural discourse, an ideology” (Venuti, 2000: 482).

5. Linguagem técnica - Tricô

A Good Yarn, a obra sobre a qual esta dissertação incide, é um romance que conta a história de quatro mulheres cujas vidas se cruzam à volta de uma mesa numa aula de tricô, onde as três alunas devem aprender a tricotar meias. Para Debbie Macomber tanto quanto contar histórias de vida, amizade e entrelaçada, o tricô é uma paixão e, como vimos, em 2004, publicou o primeiro livro da série *Blossom Street*, cujo alicerce é o tricô, sendo *A Good Yarn* o segundo livro da série. Uma das características da autora é apreciar e valorizar a aproximação aos seus leitores e gostar de os surpreender, brindando-os com algo mais do que apenas uma história, algo que “increase their pleasure in the book” (Chang, 2016). Assim, nos seus livros, Macomber inclui uma carta a contar de onde partiu a história, à qual os leitores podem responder, ou uma receita ou instruções para a execução de uma peça em tricô.

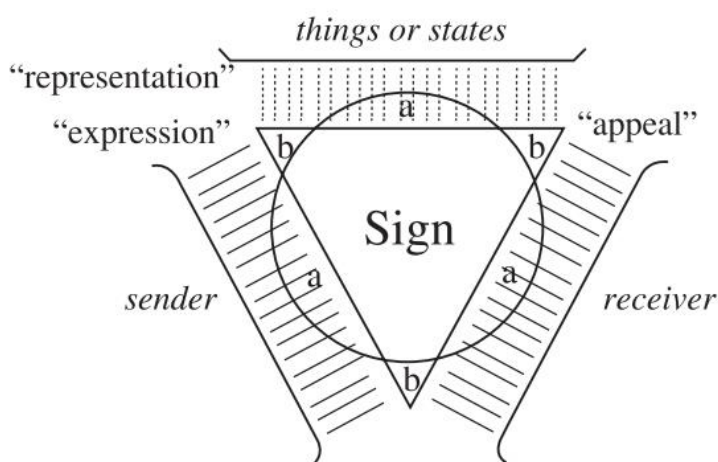
A *Good Yarn* inicia-se com instruções para tricotar um par de meias em dois métodos diferentes, ou seja, diretrizes que devem ser seguidas detalhadamente para que o resultado final seja uma peça de vestuário que cumpra o seu propósito: cobrir o pé e parte da perna, adaptando-se a estes perfeitamente. Este tipo de texto tem como propósito transmitir indicações, dados concretos e precisos e podemos, assim, considerá-lo como um texto informativo cujo propósito é uma “[p]lain communication of facts” (Reiss, 1989: 108).

Considerando que “discurso” é o ato de dar sentido a determinado “texto” com um enquadramento específico, “género” é uma organização sistemática que pretende cumprir “propósitos sociais” mediante o uso de linguagem “verbal”. “Género” é “used in a particular situation for a particular purpose” (Puchala 2011: 359). Sendo assim, um “texto” é um conjunto de frases organizadas que perfazem um todo com sentido que pretende transmitir determinada mensagem, por meio do “discurso”, e cujo “género” permite que cumpra um objetivo no âmbito do ato comunicacional, gerando diferentes tipos de texto:

[A] text is classified into a particular type according to which component in the communication process receives the primary focus. If the main focus is on the sender, the discourse will be expressive; if on the receiver, it will be persuasive; if on the linguistic code, literary; and if the aim is to represent the realities of the world, it will be referential. (Trosborg, 1997: 13)

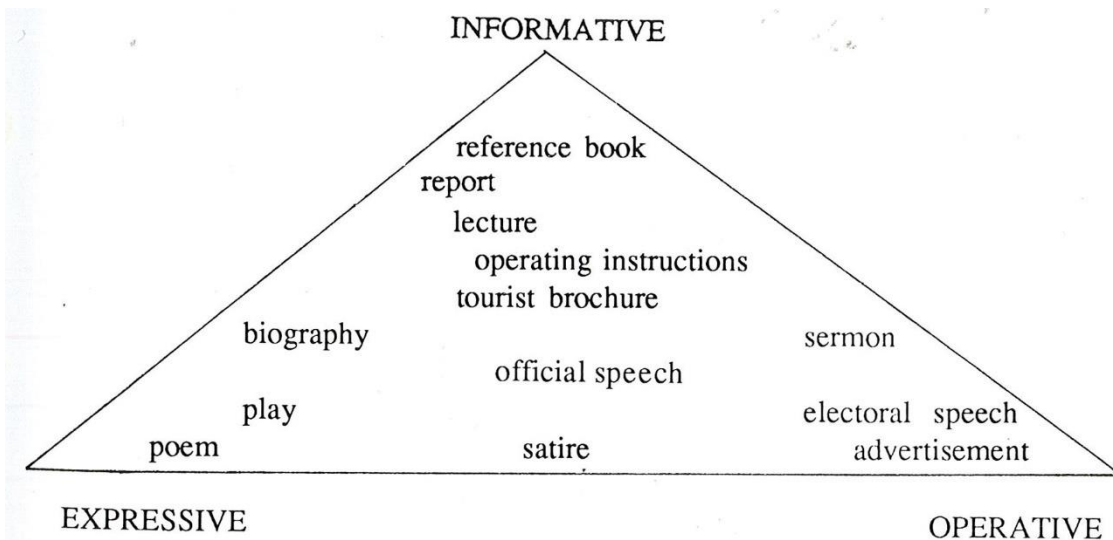
O tipo de texto é determinado pela finalidade que ele pretende atingir, despertando sentimentos, instigando comportamentos e atitudes, formando ou condicionando ideias e até mesmo persuadindo. Conclui-se que um determinado tipo de texto estabelece uma determinada resposta do recetor “à mensagem”, sendo que os tipos de textos podem ser concebidos como “a conceptual framework which enables us to classify texts in terms of communicative intentions serving an overall rhetorical purpose” (Hatim & Mason, 1990: 140). Katharina Reiss, nos anos 70 do século XX, desenvolveu uma perspectiva funcionalista da tradução, em que a pertinência e a essência passam a ser a função do texto, afastando-se das abordagens puramente linguísticas, propondo, assim, uma abordagem comunicativa e funcionalista da tradução.

O psicólogo alemão Karl Bühler estabeleceu um modelo baseado no que considerava serem as “três funções do signo linguístico”:



Quadro n.º 2 (Sonesson, 2016: 10).

Bühler sustenta que a linguagem é um meio de comunicação cujas funções são: um “symptom” que permite expressar ideias, emoções, sensações – função expressiva; um “signal” que pretende suggestionar, manipular, induzir – função apelativa; e um “symbol” que remete para a realidade das coisas – função representativa (*The Linguistic Sign*, n.d.). Reiss recorreu às “funções da linguagem” estabelecidas por Bühler e associou-as aos tipos de textos com o argumento de que “a dimensão da linguagem” e a “situação comunicativa” estão correlacionadas (Chen & Zhang, 2020: 34).



Quadro n.º 3 (Reiss, 1989: 105).

K. Reiss pressupõe que o uso de duas línguas naturais associado à utilização de um meio – o tradutor – resulta, necessariamente, numa mudança de mensagem durante o processo de comunicação e, assim, associou cada tipo de texto a uma determinada forma de traduzir

The primary function of a translated text clearly affects how the translator will operate. (...) [P]rimarily informative texts should be translated in plain prose, with expansions and explanations where necessary. A primarily expressive text needs an “identifying” translation method, where the translator aims at empathy with the original writer. Primarily operative texts require an “adaptative” translation, determined by the way the intended TL receivers are assumed to react to the text. (Chesterman, 1989: 105-106)

Nesta passagem Chesterman alude às diretrizes de Reiss para a tradução dos três tipos de texto: informativo, expressivo e operativo. Um texto expressivo tem como principal função a estética. É uma “creative composition” (Reiss, 1989: 109), uma obra artística, e como tal usa a dimensão estética da linguagem. O principal objetivo da tradução é transmitir a forma estética centrada no autor e na forma da mensagem. É um texto que deve ser traduzido por identificação, o tradutor deve ter o cuidado, a atenção e

a sensibilidade de se identificar com o autor e transmitir de forma análoga a intenção e a arte, reproduzindo a qualidade do texto artístico.

No que respeita ao texto operativo, este pretende não só comunicar um conteúdo como agir como elemento persuasor, podendo “be conceived as stimuli to action or reaction on the part of the reader” (Reiss, 1989: 109). Assim, os conteúdos do texto de chegada devem ter a capacidade de desencadear os mesmos comportamentos no leitor de chegada que o texto de partida suscitou nos leitores da cultura de partida. O objetivo dos textos operativos é induzir respostas a comportamentos, convencer ou apelar ao recetor e, conseqüentemente, a tradução deve ser adaptativa, ou seja, os mecanismos de persuasão devem ser adaptados à cultura de chegada, visando um efeito equivalente ao dos recetores da cultura de partida.

No que se refere ao texto informativo, pelas suas características, este pretende transmitir conteúdos, visa a “plain communication of facts” (Reiss, 1989: 108), a transmissão de dados específicos e concretos e, portanto, subentende uma tradução tendencialmente lógica e referencial, denotativa. A tradução de um texto deste tipo deve ser feita de acordo com o sentido, de forma a manter a invariabilidade do assunto, sendo que todo o conteúdo deve ser traduzido. Assim, a prosa deve ser simples, clara e sem redundâncias e, sempre que necessário, deve fazer-se uso de explicitações quando o texto de partida não é suficientemente inteligível ou apresenta sentidos implícitos que na língua de chegada possam suscitar imprecisões ou ambiguidades.

Não obstante, existem textos híbridos, cujas funções se intercetam e correlacionam. Nestas circunstâncias, o tradutor deve decidir qual a função dominante – informativa, expressiva ou operativa – e escolher o método que mais se adequa. Segundo Reiss (1989: 109), uma tradução “is successful” se os recetores da língua de chegada obtiverem acesso total e absoluto ao “conteúdo conceptual” do texto informativo tal como os recetores da língua de partida; se um texto expressivo na língua de chegada expressar a “forma artística” do “conteúdo conceptual” da língua de partida; e se um texto operativo na língua de chegada produzir um “formato textual” que reproduza os mesmos efeitos que na língua de partida.

As instruções para execução de uma peça de tricô cumprem os requisitos de um texto informativo – a difusão de dados “news, knowledge, information, arguments, opinions, feelings judgments, intentions, etc.” (Reiss 1989: 108) – cujo intento é, única e exclusivamente, fornecer orientações com vista a atingir determinado objetivo preciso e conciso. A tradução das orientações para tricotar uma peça de vestuário, no caso desta

tese umas meias, são um texto informativo, mas pertencem a uma área específica que é a tradução técnica. Jody Byrne (2006: 51) refere que “[i]nstructions are one of the mainstays of technical communication” e se, de uma forma geral, se associam instruções aos “manuais de instruções” de material técnico e tecnológico na realidade existem múltiplos guias explicativos com conteúdos próprios e direcionados a públicos específicos, como no caso do tricô.

A tradução técnica desde sempre foi menosprezada pelos teóricos da teoria da tradução, que sempre valorizaram e reconheceram apenas a tradução de textos literários, por se restringir, nas palavras de Ortega y Gasset, a “terminologia” (Franco Aixelá, 2016: 133). Todavia, a realidade revela que existem mais textos técnicos traduzidos do que textos literários. Vivemos num tempo “em que a troca de informações técnicas e a necessidade de intérpretes locais constituem uma parte essencial e definitiva das sociedades modernas pautadas pelos avanços tecnológicos” (Franco Aixelá, 2016: 135).

Enquanto a tradução de textos literários contém riqueza estilística, permite variações lexicais e convida a maior liberdade do tradutor, a tradução de textos técnicos representa o oposto: “tem menor valor estilístico”; a “sua aridez não permite a interação de concepções que revolucionam aspectos e pressupostos da área”; e “não apresenta variações lexicais devido à especificidade de cunho terminológico” (Polchlopek & Aio, 2009: 103). De forma a reproduzir um texto de chegada que cumpra o papel a que está destinado, a tradução técnica deve obedecer a algumas características como:

predomínio do tempo presente com a função de atingir a objetividade, o factual; uso de asserções, frases curtas e orações simples; pretensão a uma ausência de ambiguidade; pouco uso de adjetivação valorativa; emprego de voz passiva e auxiliares modais; parágrafos curtos e itemizados; dados estatísticos; nominalizações (substantivos e adjetivos derivados de verbos); conclusões parciais para cada item abordado; (...) terminologia técnica. (Polchlopek & Aio, 2009: 105)

Polchlopek & Aio (2009) referem que a tradução de textos técnicos não permite grande liberdade de expressão a nível linguístico ou criativo por parte do tradutor com prejuízo de as instruções se tornarem pouco claras ou incompreensíveis, suscitarem dúvidas por déficit de objetividade e, em última análise, conduzirem o recetor/leitor a um resultado substancialmente diverso do pretendido ou à não obtenção de resultado algum.

Uma das características do tradutor de textos técnicos deve ser o domínio do tema e da área de ação, bem como da terminologia associada. Como evidencia Filipa Santos (n.d.), o tradutor deve dominar os “conteúdos técnicos” de igual forma, quer na língua de partida, quer na língua de chegada, bem como conhecer e compreender a terminologia do texto de partida, usando “termos equivalentes” no texto de chegada. O tradutor deve fazer-se acompanhar de material fidedigno de consulta, buscando “documentação por meio de textos especializados, que permite obter uma lista de termos relativos ao campo conceptual em questão” (F. R. V. D. dos Santos, n.d.: 16).

O tricô é uma técnica que consiste em tecer peças de vestuário recorrendo a fios, que podem ser de variados tipos como lã, algodão, linho, ou seda, agulhas ou uma máquina elétrica, sendo que no contexto desta tese o tricô consiste numa técnica artesanal, envolvendo lã e agulhas. Um dos grandes desafios desta tradução foi encontrar instrumentos e ferramentas de informação e de referência. Apesar de haver conhecimento pessoal das técnicas e terminologia do tema em apreço, foi necessário recorrer à consulta de diversos materiais como artigos sobre tricô, revistas temáticas, sites da internet sobre a arte de tricotar e pesquisa em lojas da especialidade para consulta dos produtos que circulam no mercado português. Esta tarefa revelou-se complexa uma vez que existe pouco material sobre o tricô, disponível em português europeu, tanto ao nível das revistas da especialidade disponíveis no mercado, como em sites online. Uma parte significativa do material passível de consulta encontra-se escrito em português do Brasil ou noutras línguas como o espanhol, o francês ou o inglês, neste caso a língua de partida.

No que concerne aos fios, a designação no mercado português é semelhante à da língua de partida, tanto em relação à composição dos fios como ao peso. Relativamente às marcas, uma vez que Portugal é um país importador de têxteis, as marcas de fios existentes no comércio são, essencialmente, as mesmas que se encontram nos Estados Unidos da América. Por este motivo e pelo facto de algumas referências já serem do conhecimento do leitor português, a opção foi manter no texto de chegada a designação da lã como no texto de partida com pequenas explicitações para que o texto de chegada se tornasse mais claro, como ilustram os exemplos abaixo reproduzidos:

TP	TC
Bearfoot from Mountain Colors	1 meada do tipo Bearfoot da Mountain Colors
60% superwash wool	60% lã superwash

25% mohair	25% Mohair
15% nylon	15% nylon
1 skein Moose Creek	cor Moose Creek
Fingering weight	Fingering
Double Knit weight	Double Knit

Outro dos desafios foi respeitar a sintaxe da língua de chegada em termos verbais. Os verbos são a ação, determinam o comportamento e atitude do enunciador sobre o enunciado, “é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa” (Cunha & Cintra, 2002: 377). De uma forma geral, os verbos no texto de partida apresentam um modo que, no texto de chegada, tanto pode ser imperativo como infinitivo. O modo imperativo, como referem Cunha & Cintra (2002), apesar de preconizar uma ordem também tem como intuito impelir o recetor a “cumprir a ação indicada pelo verbo”. O modo infinitivo é a forma nominal do verbo que não tem capacidade de expressar “por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre na dependência do contexto” (Cunha & Cintra, 2002: 480). Assim, optamos por traduzir os verbos no infinitivo sempre que deve ser cumprida uma orientação e no imperativo sempre que deve ser cumprida uma ordem:

TP	TC
Cast on	Monte
Devide	Divida
Join	Junte as agulhas
Begin	Inicie
Work	Tricotar
Work	tricote
Begin	iniciar
Turn	vire
Have worked	Completar
Have	Ter
End	Termine
Pick up	Levante
Knit	Tricote
Begin	Comece
Break	Corte

Draw	Passé
Pull up	Puxe
Weave in	Rematar

Pontualmente, foi necessário acrescentar explicitações de forma a tornar o texto mais claro.

TP	TC
Join	Junte as agulhas
will be held for instep	ficam em espera, porque fazem parte do peito do pé
From gap	Antes do desvio de malhas
patt as est	siga o esq como est
beginning ribbing pattern	começando a tricotar o padrão canelado

As siglas foram outros dos desafios com que nos deparamos. Teoricamente, instruções de tricô dirigem-se a um público específico e entendedor das técnicas, procedimentos e esquemas do tricô e, nesse sentido, poderíamos assumir que a tradução das siglas e abreviaturas deveria ser feita apenas por transferência de sentido da língua de partida para a língua de chegada, adaptando-as às designações da língua de chegada. O próprio texto de partida inclui a legendagem das abreviaturas, como se pode encontrar em muitas revistas da especialidade. Todavia, *A Good Yarn* é um romance, logo, pressupõe-se que o público-alvo é não só mais vasto como heterogéneo e que pode não ter conhecimentos sobre o tema, mas manifestar interesse em descobrir os proveitos e o prazer da arte de tricotar. Tendo em consideração essa premissa, consideramos pertinente explicitar uma das abreviaturas e acrescentar uma outra de modo que o texto de chegada se tornasse mais claro e acessível a todo o tipo de público.

TP	TC
St st—stockinette stitch	PJ—ponto Jersey: tricotar as m. das carr. do lado do direito em meia, e as m das carr. do lado do avesso em liga
	Rep—repetir

Tratando-se de uma tradução de instruções para execução de uma peça de vestuário em tricô, a atenção foi direcionada para o uso correto da terminologia com a garantia de que o texto de partida seria reproduzido na sua totalidade de forma clara,

precisa e concisa, respeitando a sintaxe e a semântica da língua de chegada de forma a reproduzir um texto de chegada coeso e coerente. Como afirmam Wright & Jr:

“[K]nowledge of the source language and writing skill in the target language are still insufficient. A technical writer must also know the subject matter of the original document. Only then is a clear, concise and correct translation possible”. (Wright & Jr., 1993: 19)

Conclusão

Em 2008, em Estocolmo, na sua intervenção na Conferência Internacional de Literatura WALTIC, Mia Couto disse:

[A]s línguas que sabemos — e mesmo as que não sabemos que sabíamos — são múltiplas e nem sempre capturáveis pela lógica racionalista que domina o nosso consciente. Existe algo que escapa à norma e aos códigos. Essa dimensão esquiva é aquela que a mim, enquanto escritor, mais me fascina. O que me move é a vocação divina da palavra, que não apenas nomeia mas que inventa e produz encantamento. (Couto, 2011: 14-15)

Mia Couto não só faz referência à existência de múltiplas línguas e até mesmo a vários tipos de linguagem, como faz alusão à dimensão subjacente de um escrito. Um texto literário encerra em si não apenas uma narrativa ou um estilo literário como integra todos os valores sociais, intelectuais e culturais do seu autor. Na sua intervenção, o escritor moçambicano referia-se ao domínio dos textos expressivos, ou seja, textos literários. Segundo a classificação de Katharina Reiss, os textos literários pretendem evidenciar em primeira instância uma dimensão estética, bem como oferecer ao leitor um leque de perspectivas, de conhecimentos e até uma oportunidade de evasão. Como refere Brunello De Cusatis um “texto literário (em prosa ou em verso) (...) se chama aberto” porque o objetivo é abrir “inúmeras possibilidades de interpretação a quem o lê” (de Cusatis, 2008: 11).

Um texto literário propõe ao leitor um universo de perspectivas não só ao nível do conhecimento como do imaginário. Através da leitura de um romance, de um conto, de uma crónica ou de um poema o leitor tem a possibilidade de se transportar para um mundo desconhecido, experienciar sentimentos e emoções e conhecer espaços diferentes, línguas e culturas distintas ou até conhecer povos e “civilizações perdidas” (Bassnett, 2007: 16) sem se deslocar. Essas viagens, esses ensinamentos e essas sensações seriam demasiado restritas se não existisse a literatura traduzida. Jiří Levý refere que “[f]rom the teleological point of view, translation is a process of communication” e adianta que “the objective of

translating is to impart the knowledge of the original to the foreign reader” (Levý, 2000: 150). A tradução permite a partilha de culturas, estimula a “criação literária” e enobrece “os sistemas que integram” (Carvalho, 2013: 48). Podemos, assim, concluir, retomando a teoria de Itamar Even-Zohar, que um polissistema literário sem literatura traduzida é mais pobre e circunscreve as escolhas do leitor deste polissistema.

Neste papel da tradução em Portugal reside a motivação principal para a realização do Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística, na vertente português/inglês, de que esta dissertação representa o culminar. Neste trabalho, apresentamos a tradução comentada dos primeiros oito capítulos e uma secção preambular do livro *A Good Yarn*, da autoria de Debbie Macomber, do inglês para o português. Este romance, a par de muitos outros da autora, fez parte da lista de best-sellers de capa dura do jornal *The New York Times*, chegando a atingir o 14.º lugar em maio de 2005 e, em maio de 2006, o quarto lugar na lista de best-sellers de capa mole do mesmo jornal. É, portanto, considerado um best-seller cuja escrita e consequente tradução apresenta características próprias. Ademais, sendo um texto literário, apresenta uma riqueza e complexidade que outros textos, como o informativo ou o apelativo, não apresentam, detêm um “full range of the linguistic phenomena and capacities of a particular human language” (Tymoczko, 2014: 15), integrando não só vários registos como vários tipos de texto. Como refere Maria Tymoczko:

[L]iterary translation also offers examples of almost every linguistic anisomorphism and asymmetry: in the rhythms of language (what Paradis 2004 calls the prosody of language), in phonemics, in morphology and syntax, in lexis and the conceptual semantic structure of languages, and in pragmatics. Literature and literary translation also exemplify almost every language and language typology. (Tymoczko, 2014: 15)

A experiência de traduzir um texto literário é, portanto, variada e desafiante, oferecendo ao tradutor a ocasião única de praticar e refletir sobre a tradução. Hans Vermeer, numa publicação na revista *Ilha do Desterro*, em 1992, advoga que “translate means to do somethnig, to act” (Vermeer, 1992: 40) e Levý complementa esta ideia, considerando que “[f]rom the point of view of the working situation of the translator at any moment of his work (that is from the pragmatic point of view), translating is a

decision process” (Levy, 2000: 150). Este processo de decisão constante, típico da tradução, constitui um processo de aprendizagem e implica sempre optar por uma solução em detrimento de outra, daí que, como afirma Tania Carvalhal “[t]oda a tradução é uma das possíveis versões de um texto” (Carvalhal, 2013: 50). Neste contexto, assumindo por princípio que não existem traduções perfeitas ou mesmo acabadas, a tradução que se apresenta é resultado de um conjunto de tomadas de decisão exercidas de forma livre, dado não existir compromisso com qualquer agente editorial, e tendo por base:

- o respeito do sentido do texto de partida;
- a intenção de reproduzir no texto de chegada o mesmo efeito que o texto de partida provocou no leitor de partida;
- o respeito pela construção e ritmo do texto de partida. Respeitando as normas da língua de chegada, procuramos manter a composição textual que se rege, na sua grande maioria, por frases curtas;
- o propósito de levar ao leitor de chegada um texto no qual seja facilmente perceptível o carácter estrangeiro, tornando manifesta a presença de um intermediário – o tradutor – entre o texto de partida e o texto de chegada.

Deste modo, a primeira tomada de decisão prendeu-se com a não tradução dos nomes tanto das personagens como dos lugares e espaços. Esta determinação teve em consideração o facto de o primeiro livro da série – *A Pequena Loja em Blossom Street* – já ter sido traduzido, em 2010, pelo tradutor Paulo Emídio Pinto que decidiu manter os nomes tal como são indicados no texto de partida. Por uma questão de coerência entendemos seguir o mesmo princípio, com uma única exceção. A decisão de não traduzir os nomes deveu-se, também, à intenção de fazer com que o leitor do texto de chegada tenha consciência de estar a ler um texto que não foi escrito na sua língua materna, mas numa língua estrangeira.

Entre os desafios com que nos fomos deparando ao longo do processo de tradução, as referências culturais, as expressões idiomáticas e as expressões fixas, e a linguagem metafórica apresentaram-se como o desafio maior. Como o próprio nome indica, as referências culturais e as expressões idiomáticas e fixas são específicas e inerentes à língua e cultura de partida. De uma forma geral, seguimos como princípio a tradução por uma expressão equivalente na língua de chegada, por haver coincidência do sentido da expressão e da imagem evocada.

Todavia, nem sempre foi possível encontrar na língua de chegada uma expressão que transmitisse o sentido e a referência icónica. Nesses casos, optámos por uma expressão apenas equivalente no sentido ou, em alguns casos, por paráfrase. Nestas circunstâncias, perdeu-se informação, o que submeteu o texto a um “empobrecimento qualitativo” pela perda de representação icónica (Berman, 2000: 291) bem como a uma “destruição de expressões e idiomas” (Berman, 2000: 295), “tendências deformadoras” da tradução apontadas por Berman, conferindo igualmente ao texto de chegada uma tendência etnocêntrica. Em alguns casos, de forma a corresponder às normas linguísticas e a ir ao encontro das expectativas do público-leitor de um livro best-seller, houve necessidade de alterar o registo, tornando o discurso mais formal, o que resultou num conseqüente “enobrecimento” do texto de chegada (Berman 2000: 290).

Uma das características dos textos literários é a riqueza textual e a variação linguística. É possível encontrar neste romance tanto variações de registo de língua como um tipo de texto específico – a linguagem técnica – uma vez que o livro se inicia com instruções para tricotar um par de meias em dois métodos diferentes. A linguagem técnica, mais concretamente sobre o tricô, representou um desafio acrescido não só pela especificidade do tipo de linguagem como pelo facto de haver pouco material sobre o tricô disponível em português europeu tanto ao nível das revistas da especialidade acessíveis no mercado, como em sites online. A linguagem técnica remete para um tipo de texto informativo que, segundo Katharina Reiss, pretende transmitir uma mensagem clara e precisa, sem margem para variações, sob pena de a mensagem não produzir o efeito desejado. A tradução deste tipo de texto deve “transmit all the contents of the ST without redundancy, so that the translation should be explicit and brief” (Chen & Zhang, 2020: 35), com particular atenção à precisão terminológica.

A literatura traduzida é um sistema relevante dentro de um polissistema literário como forma de interculturalidade, de trazer o Outro social, cultural e linguisticamente até nós. E mesmo que caindo, por vezes, na tentação da domesticação, por inconsciência ou por pressão dos agentes editoriais, a realidade é que “the very choice of a foreign text for translation can also signify its foreignness by challenging domestic canons for foreign literatures and domestic stereotypes for foreign cultures” (Venuti, 1998: 81).

Referências bibliográficas

- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1969). *Dialética do Esclarecimento*. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf
- Baker, M. (2001, October 14). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (1st ed.). Routledge.
- Baker, M. (1992). *In Other Words: A Coursebook on Translation* (1st ed.). Routledge.
- Baker, M., & Saldanha, G. (2020). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (3rd ed.). Routledge.
- Bassnett, S. (2007). Culture and Translation. In Piotr Kuhiwczak & K. Littau (Eds.), *A Companion to Translation Studies (Topics in Translation, 34)*. Cromwell Press Ltd.
- Bassnett, S., & Lefevere, A. (1998). *Constructing Cultures: Essay on Literary Translation (Topics in Translation, 11)* (1st Paperback Edition). Multilingual Matters.
- Berman, A. (2000). Translation And The Trials Of The Foreign. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 284–297). Routledge.
- Biblioteca Nacional de Portugal*. (n.d.). Biblioteca Nacional de Portugal. Retrieved June 6, 2022, from <http://www.bnportugal.gov.pt/>
- Bird, M. (2019, May 7). *Debbie Macomber Talks Knitting and more*. Marly Bird. <https://marlybird.com/debbie-macomber-talks-knitting-and-more/>
- Bourdieu, P. (1993). *The Field of Cultural Production* (R. Johnson, Ed.; 1st ed.). Columbia University Press.
- Bourdieu, P. (1986). The Forms of Capital. In J. Richardson (Ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241–258). Greenwood.
- Buffoni, F. (2005). Traduttologia. In *Traduttologia* (Vol. 1, pp. 5–19). Poligrafico-Zecca dello Stato e il Ministero per i Beni e le Attività Culturali
- Byrne, J. (2006). *Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Springer.
- Carvalho, T. F. (2013, April 30). A tradução literária. *Organon*, 7(20). <https://doi.org/10.22456/2238-8915.39381>
- Ceia, C. (2009, December 24). *Best-Seller / cceia*. E-Dicionário de Termos Literários. Retrieved May 27, 2022, from <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/best-seller>

Chang, Y. (Host). (2016, Month Day). Debbie Macomber: Learning To Be The Writer & Challenging Ourselves To Grow (No. 21, S2) [Audio podcast episode]. In *88 Cups Of Tea*. Digital Platform and Podcast for Storytellers and Creative Writers. <https://88cupsoftea.com/debbiemacomber/>

Chen, H., & Zhang, X. (2020). Application of Reiss' S Text Typology in Translation- a Case Analysis of Franklin D. Roosevelt's fourth inaugural. *East African Scholars Journal of Education, Humanities and Literature*, 3(02), 34–37. <https://doi.org/10.36349/EASJEHL.2020.v03i02.005>

Couto, M. (2011). *E Se Obama Fosse Africano?* Companhia das Letras.

Cunha, C., & Cintra, L. F. L. (2002). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (J. S. Costa, Ed.; 17th ed.). Edições João Sá Costa.

da Silva, M. D. C. (2021, September). Tradução Literária: O que tentamos traduzir? *Signo*, 46(87), 45–51. <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/45-51>

de Cusatis, B. (2008). A tradução literária: uma arte conflitual. *Cadernos De Tradução*, 22(2), 9–34. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2008v2n22p9>

DebbieMacomber.com. (n.d.). DebbieMacomber.Com. Retrieved June 1, 2022, from <https://debbiemacomber.com/>

Dicionário Cambridge: Significados, Definições e Traduções. (2022). <https://dictionary.cambridge.org/pt/>

Dictionary.com. (n.d.). / *Meanings and Definitions of Words at*. <https://www.dictionary.com/>

Dinçkan, Y. (2010). Culture-Bound Collocations in Bestsellers: A Study of Their Translations from English into Turkish. *Meta*, 55(3), 456–473. <https://doi.org/10.7202/045065ar>

Dinsmore, J. (n.d.). *Barnes & Noble.com - Debbie Macomber - Books: Meet the Writers*. Wayback Machine. Retrieved May 31, 2022, from <https://web.archive.org/web/20070605221349/http://www.barnesandnoble.com/writers/writerdetails.asp?cid=1020005&z=y>

Eco, U. (1991). *Obra Aberta* (8th ed.). Perspectiva.

Emerson David de Lima Andrade. (2016). *Preconceito Literário: A Recepção dos Livros Best-Sellers e Clássicos para os Novos Leitores*. Universidade Federal da Paraíba. [h <https://www.ufpb.br/geef/contents/documentos/preconceito-literario.pdf>](https://www.ufpb.br/geef/contents/documentos/preconceito-literario.pdf)

Even-Zohar, I. (2005). Polysystem Theory (Revised) [E-book]. In *Papers in Culture Research* (pp. 1–11). Porter Chair of Semiotics (Temporary electronic book).

Even-Zohar, I. (2000). The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 192–197). Routledge.

Fish, T. (2021, September 13). *The 30 Best Selling Books of All Time*. Newsweek. <https://www.newsweek.com/best-selling-books-all-time-1628133>

Francisco, R. (2010). Letra vs. equivalência na tradução de provérbios e expressões idiomáticas. *Scientia Traductionis*, 0(7). <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2010n7p103>

Franco Aixelá, J. (2016). O Estudo de Tradução Técnica e Científica: Uma Análise de seu Desenvolvimento Histórico (P. L. S. Vieira, Trans.). *Tradução Em Revista*, 2016(21). <https://doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.28114>

Ganho, A. S., & McGovern, T. (2004, April 19). *Using Portuguese: A Guide to Contemporary Usage* (Bilingual). Cambridge University Press.

Gomes, L. L. (2003). *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas*. Pioneira Thomson Learning.

Grupo Presença - O gosto pela leitura. (n.d.). Grupo Presença. Retrieved June 10, 2022, from <https://www.presenca.pt/>

Hatim, B., & Mason, I. (1990). *Discourse and the Translator (Language In Social Life)* (1st ed.). Routledge.

Heidegger, M. (1968). *Questions I*. Gallimard.

Henry, C. K. S. (2016, November 5). Macomber's 'Yarn' comes to an end. PBKS. <https://eu.kitsapsun.com/story/news/local/communities/south-kitsap/2016/11/04/macombers-yarn-comes-to-an-end/94369390/>

Kövecses, Z. (2002). *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford University Press.

Leite, C. W. (2020, July 17). *Os 15 livros mais vendidos de todos os tempos*. Revista Bula. <https://www.revistabula.com/475-os-10-livros-mais-vendidos-da-historia/>

Les livres les plus vendus de l'Histoire - Liste de 147 livres - SensCritique. (2021). SensCritique. Retrieved May 25, 2022, from https://www.senscritique.com/liste/TOP_121_des_livres_les_plus_vendus_de_l_Historie/1765866

Levy, J. (2000). Translation as a Decision Process. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 150–159). Routledge.

Lipovetsky, G. (2006). *A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo* (M. L. Machado, Trans.). Companhia das Letras.

Lucio Ziegelmann Lahm. (2006). *Porque que “campeão de vendas”?* Repositório Institucional da UnB.
<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2200/1/Lucio%20Ziegelmann%20Lahm.pdf>

Losa, M. V. (2012). *A Civilização do Espetáculo* (10th ed.). Quetzal.

Macomber, D. (2016). *A Good Yarn*. Harlequin MIRA.

Merriam-Webster. (n.d.). *Dictionary by*. The Merriam-Webster.com Dictionary.
<https://www.merriam-webster.com/>

Munday, J. (2014). *Introdução aos estudos de tradução: teorias e aplicações* (W. Ramada, Trans.; Edições Pedagogo ed.). Centro de Literatura Portuguesa.

Newmark, P. (1989). Introductory Survey. In C. Picken (Ed.), *The Translator's Handbook* (pp. 1–26). Aslib.

Oyster English – With English, the World is your Oyster. (n.d.). Oyster English.
<https://www.oysterenglish.com/>

Polchlopek, S., & Aio, M. A. (2009). Tradução Técnica: Armadilhas e Desafios. *Tradução & Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, 19, 101–113.
<https://seer.pgskroton.com/traducom/article/view/2020>

Porto Editora. (n.d.). *Abre Horizontes*. Retrieved June 10, 2022, from
<https://www.portoeditora.pt/>

Puchala, K. (2011). Text Typology and Its Significance in Translation. *Zeszyty Naukowe Uniwersitetu Rzeszowskiego*, 69, 357–365.
<https://core.ac.uk/download/pdf/18326103.pdf>

Reiss, K. (1989). Text types, translation types and translation assessment. In A. Chesterman (Ed. & Trans.), *Readings in Translation Theory* (pp. 105–115). Oy Finn Lectura Ab.

Ribeiro, A. S. (2005). A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade. Pós-Colonialismo, Fronteiras e Identidades. In G. Macedo & M. E. Keating (Org.), *Colóquio de Outono. Estudos de Tradução. Estudos pós coloniais* (pp. 77–87). Universidade do Minho/Centro de Estudos Hum.

Ribeiro, L. A. (2021, December 15). *Qual a história por trás da série de livros Júlia, Sabrina, Bianca?* NotaTerapia. Retrieved September 5, 2022, from

<https://notaterapia.com.br/2021/12/15/qual-a-historia-por-tras-da-serie-de-livros-julia-sabrina-bianca/>

Rogers, S. (2012, August 9). *The top 100 bestselling books of all time: how does Fifty Shades of Grey compare?* The Guardian. <https://www.theguardian.com/news/datablog/2012/aug/09/best-selling-books-all-time-fifty-shades-grey-compare>

Rosén, E. (2020). *A tradução de metáforas* [Thesis]. Universidade de Oslo.

S. (2015, November 15). *Topic 3 – The communication process. Language functions. Language in use. Negotiation of meaning.* Oposinet. <https://www.oposinet.com/temario-de-ingles-secundaria/temario-2-ingles-secundaria/topic-3-the-communication-process-language-functions-language-in-use-negotiation-of-meaning/>

Santos, F. R. V. D. dos. (n.d.). *Tradução técnica e a formação do tradutor* [MA thesis]. Instituto Politécnico de Bragança. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/19230>

Siefring, J. (Ed.). (2004). *Oxford Dictionary of Idioms: 2nd Edition (Kindle Version)* (2nd ed.). Oxford University Press.

Silva, F. M. (2006). *Cultura e mercado: o best-seller em questão.* Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, 3(2). <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/795>

Sonesson, G. (2016). *The Phenomenological Semiotics of Iconicity and Pictoriality—Including Some Replies to My Critics.* In *Language and Semiotic Studies* (2nd ed., Vol. 2, pp. 1–73). Lund University.

Steinberg, M. (2002). *1001 Proverbios Em Contraste (Em Portuguese do Brasil)* (2nd ed.). Nova Alexandria.

Stervid, B. T. (2020). *Do texto ao contexto: uma análise comparativa das abordagens descritiva e funcional dos Estudos da Tradução.* *Pandaemonium Germanicum*, 23(39), 1–24. <https://doi.org/10.11606/1982-883723391>

The 50 bestselling books of all time, from “To Kill a Mockingbird” to “The Fellowship of the Ring.” (2021, August 2). Business Insider. <https://www.businessinsider.com/guides/learning/best-selling-books-of-all-time?international=true&r=US&IR=T#-1>

The linguistic sign. (n.d.). Ello. Retrieved August 2022, from <http://www.ello.uos.de/field.php/Semantics/TheLinguisticsign>

Torres, M. H. C. (2009). Best-sellers em tradução: o substrato cultural internacional. *Alea : Estudos Neolatinos*, 11(2), 278–283. <https://doi.org/10.1590/s1517-106x2009000200006>

Trosborg, A. (1997). *Text Typology and Translation (Benjamins Translation Library)*. John Benjamins Publishing Company.

Tymoczko, M. (2014). Why Literary Translation is a Good Model for Translation Theory and Practice. In J. Boase-Beier, A. Fawcett, & P. Wilson (Eds.), *Literary Translation* (pp. 11–31). Palgrave Macmillan.

Venuti, L. (2013). *Translation Changes Everything: Theory and Practice* (1st ed.). Routledge.

Venuti, L. (2000). Translation, Community, Utopia. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader*. Routledge.

Venuti, L. (1998). *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. Routledge.

Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility: A History of Translation (Translation Studies)*. Routledge.

Vermeer, H. (1992). Is Translation a Linguistic or a Cultural Process? *Ilha Do Desterro*, 28, 37–49.

Wright, S. E., & Jr., L. W. D. (1993, October 7). *Scientific and Technical Translation (American Translators Association Scholarly Monograph Series)*. John Benjamins Publishing Company.

Xatara, C., Riva, H. C., & Rios, T. H. C. (2001). As Dificuldades na Tradução de Idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, 2(8), 183–194. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5892/5572>

Yan, C., & Huang, J. (2014). The Culture Turn in Translation Studies. *Open Journal of Modern Linguistics*, 04(04), 487–494. <https://doi.org/10.4236/ojml.2014.44041>

Zhang, B. (2013). Innovative Thinking in Translation Studies: The Paradigm of Bassnett's and Lefevere's 'Cultural Turn.' *Theory and Practice in Language Studies*, 3(10). <https://doi.org/10.4304/tpls.3.10.1919-1924>

Zero a Oito | Editora | Lisboa. (n.d.). zeroaoto. Retrieved June 10, 2022, from <https://www.zeroaoto.pt/>

Zuckerman, A. (1996). *Como Escrever Um Best-Seller* (A. B. P. Lemos, Trans.). <https://pt.scribd.com/doc/60734139/Como-Escrever-Um-Best-Seller-Albert-Zuckerman>

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

**Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas**

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal